SOARES conquista Nordeste "ultramontano"

Bispo de Bragança: "Que Deus continue a abençoar todos os seus passos, sr. Presidente"

Pág. 4

Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 292 Terça-Feira, 17 de Fevereiro de 1987 Preço 40$00

Qualidade de vida, onde estás?

GASES MATAM LENTAMENTE NO BARREIRO

«As pessoas que no Barreiro aspiram o ambiente poluído vão morrendo lentamente», alertou, em Setúbal, o professor catedrático Canelas Duarte. E uma situação que a própria Câmara do Barreiro conhece mas sobre a qual ninguém tem números concretos. Certo é, que a Comissão de Gestão de Ar do Barreiro e Seixal tem a tomada de posse marcada para quinta-feira. Pág. 11

FARINHAS

Nem tudo o que vem nos rótulos é verdade

As farinhas especiais para lactentes e crianças, bem como outras destinadas a adolescentes e adultos nem sempre apresentam uma composição concordante com as especificações obrigatórias, por lei, constantes nos respectivos rótulos. Trata-se de uma conclusão do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor a partir de um estudo que incidiu sobre farinhas disponíveis no mercado português. Uma nota positiva, apesar de tudo: os especialistas consideram que são normais as características organolépticas dos produtos analisados.

Pág. 11

I Congresso Luso-Brasileiro em Lisboa

Inquisição: quatro dias no banco dos réus

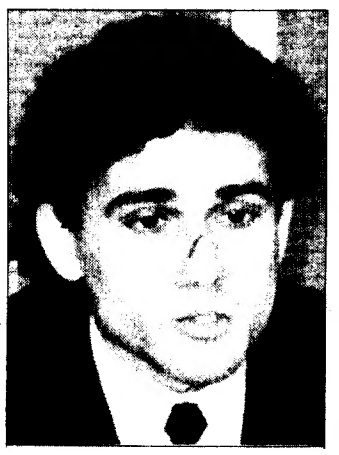
Págs. 3 e 9

NOVA LESÃO

Chalana: agora é a coxa esquerda

Pág. 16

JOSÉ EDUARDO



"Silva Resende é um homem só"

Pág. 16

TREINOS TAMBÉM À SEGUNDA-FEIRA

Burkinshaw põe Sporting a uma folga por semana

Pág. 16

FOLHETIM ARTÍSTICO

O ano Amadeo

José Augusto França

Neste ano de 1987 faria cem anos de idade Amadeo de Souza-Cardoso, e quase (menos um), setenta anos de falecido. O cinquentenário do segundo estado foi comemorado, agora o será o centenário do primeiro e, como tal, mais significativo, nas convenções da história. Ao mesmo tempo, aliás, podiam comemorar-se os trinta anos do seu conhecimento real, acontecido em 1956-57, depois de quase quarenta de apagamento. Assim, de década em centúria, a pessoa e a obra de Amadeo pode ser lembrada ou evocada, o que constitui pretexto para aproximações críticas e reflexões.

Nada melhor, para isso, que uma grande exposição, agora, também quase (menos dois) trinta anos decorridos desde outra, realizada no S.N.I., que encarnou, em quadros vistos, um mito ou meio-mito da nossa modernidade, depois de ele ter sido mais ou menos descrito ou analisado criticamente. E assim chegámos a 1987, isto é, ao centenário em questão, com duas referências culturais, de um livro que tem sido reeditado e há pouco foi reescrito, sem que outras reflexões sobre o tema entretanto tenham sido produzidas (e não contando com os muitos falsos que entravam no mercado), e de uma exposição naturalmente perdida na memória de quem a viu — e que gente com menos de cinquenta anos de idade hoje em dia, não pode ter visto...

Não sei que comemorações, oficial ou particularmente, se prevêem ou projectam, e certamente a Fundação Gulbenkian nelas terá parte principal, proprietária que é de um considerável acervo de obras, praticamente de que fazer um museu monográfico. A colecção que Madame Souza-Cardoso guardava ciosamente no seu minúsculo apartamento de Paris, de que só se separara para a exposição de 1959, e que sacrificara, generosamente, em pequena mas bem escolhida parte, para as colecções do Centro de Arte Moderna, veio agora totalmente, ao que suponho, para a Fundação que lhe garante uma vivência cultural, como só ela pode vir a fazer, entre nós. E justo será lembrar aqui o papel que o pintor Paolo Ferreira teve nessa delicada operação, amigo fiel da tão idosa viúva de Amadeo, e já agente e organizador da exposição do S.N.I. em 59.

Comemorações haverá, portanto ou certamente, em 1987, em Portugal, logo em Lisboa, mas talvez em Amarante também, terra do pintor, como aconteceu, aliás, em 68, e ideias não faltarão para o caso que é nacional e, na verdade, importante — sobretudo para o jovem público e a jovem crítica. Esta terá que ter uma palavra a dizer, como a minha geração tem tido. Antes de a dizer, porém, melhor é que veja uma grande exposição da obra em questão, quer dizer da obra questionável, do artista há cem longos anos nascido neste país. O público (e a crítica) de hoje vê-la-á certamente com outros olhos e em outra perspectiva cultural que aquele (e aquela) que o viu em 1959. Sem falar daquele (e daquela) que cuspiu mesmo nos quadros mostrados em 1916...

Em 1959, o S.N.I. realizou a exposição que podia realizar e útil foi após uma 2.ª geração modernista que fez e foi feita nos salões do Ferro, e já de salões opostos, e mesmo após o surrealismo de 49 e o abstraccionismo de logo a seguir.

Não havia então crítica de arte profissional em Portugal: dois ou três jornalistas generalistas faziam por ela, como podiam e sabiam, em artigos sem informação, de mera impressão, ou de gosto que, quanto muito e no melhor dos casos, vinha de certo convívio com artistas do modernismo dos anos 20; e mais um ou dois jovens sem tribuna por razões políticas e não só. Bibliografia também não havia e o próprio livro sobre o Amadeo, de dois anos, atrás, vendera-se em duas ou três centenas de exemplares, sabe-se lá a quem. O público era, assim, o que podia ser, de um modo geral, e os jovens eram mesmo pouco, sem estudos nem universidade que lhes valessem, alérgica esta a coisas de modernismo e ceguinha às artes de ver... Assim, a exposição foi o que pôde ser, acumulação mais ou menos cronológica de quadros, sem qualquer problematização no horizonte, de relação com outras situações estéticas, ou de reflexão sobre o que a obra do pintor significava ou podia significar — no presente de então, como no passado em que nascera e que era ainda historiograficamente desconhecido.

Entretanto, ao longo dos anos 60 e 70 e já de 80, meia dúzia de críticos foram surgindo — e um ensino de História da Arte com mestrados (e já a caminho de doutoramentos em matérias do século XX), pode ser enfim criado, numa Universidade de Lisboa, atento, também, à arte contemporânea nacional e ocidental.

A preparação científica ali obtida permite já a formulação de opiniões fundamentadas, mesmo que (ainda bem) discutíveis — mas é claro que só a idêntico nível intelectual e dentro de uma consciência cultural que é nova entre nós, com resultados já à vista, em páginas de jornais, docências e investigações.

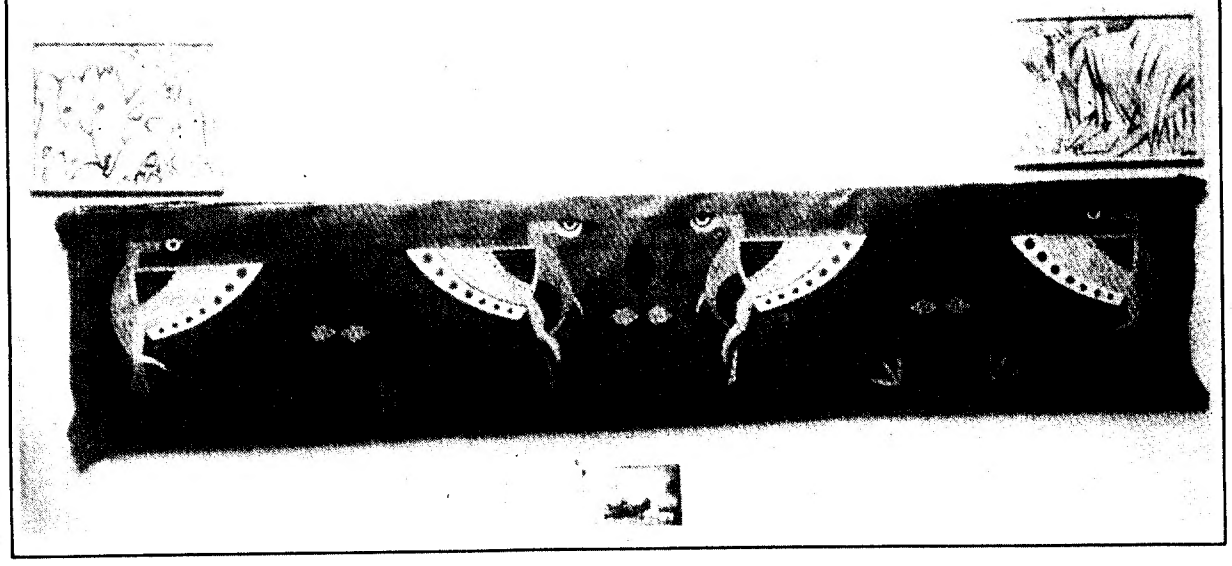
É por isso que a porventura esperada exposição de Amadeo neste ano centenário terá que ser essencialmente diferente da de 59, e programada criticamente em função de uma cultura histórica bem estudada e de uma problemática estética bem reflectida — tudo isso funcionalmente adaptado ao tempo em que estamos, a exigências públicas que não poderão ser logradas sem risco de graves críticas. É um caso de responsabilidade cultural e de capacidade ou de seriedade profissional.

Imperdoável seria, então, um Amadeo exposto aditivamente, quadro mais quadro, consoante datas sabidas ou prováveis, com uma ou outra referência ao corrente, e sem qualquer estudo de fundo, sobre uma ideia que de Amadeo haja, geradora de uma leitura moderna, isto é, activamente cultural.

O contrário, aliás, foi feito há dois anos, na exposição do Almada no Centro de Arte Moderna, com resultados que a crítica lastimou, em suas reticências, e não lhe dando a importância que a manifestação devia ter. Para Almada resta, contudo, a esperança do centenário a vir, em 93, que a cargo doutros já estará...

Em relação a Amadeo, não poderá, porém, a pátria ficar à espera do ano de 2087 para outra exposição — que, aliás, a fazer-se, nas voltas do mundo, bem diferente será da que agora se deseja.

... Assim, gravemente (que graves são estas coisas) se espera agora uma exposição adequada, explicando-se (a tempo) as suas necessidades e condições culturais.



JOVENS PODEM...

Luís Trindade
17 anos,
estudante (António Arroio)

"Com a força de vontade que tenho hei-de conseguir"

Artes plásticas, não é?
— Não, antes música. Comecei agora a interessar-me mais e é isso o que quero seguir.
Mas vem detrás, não?
— Vem, eu tocava piano em miúdo. Umas coisinhas, nada de especial. Agora vou dedicar-me em definitivo
Género?
— Música clássica. Mas quero juntá-la com os sintetizadores e com coisas contemporâneas.
Rock não?
— Gosto de ouvir, mas de tocar não. Prefiro coisas calmas.
Que compositores clássicos preferes?
— Wagner, Beethoven.
Nada calmos...
Pois. Enfim, é tudo uma questão de sensibilidade. Também gosto muito de fotografia. Já ganhei dois prémios no «Blitz».
Vais continuar com a fotografia, então?
— Não. Estou a fazer um teste vocacional e fiquei a saber que é a música mesmo que preciso puxar.
Não será já um pouco tarde para começares a estudar a sério na música clássica?
— Acho que não. Com a força de vontade com que eu estou hei-de conseguir. Sei que vou ter de fazer muito esforço e ter muita imaginação, mas estou preparado.
O que pretendes fazer, enquanto músico?
Quero compor.
Improvisação, não te interessa?
Sim, muito. Se calhar até é o mais importante.
Que nome te agrada particularmente na música com sintetizadores?
— O Jean Michel Jarre. Junta tantas coisas! Não o que ele está a fazer agora: os concertos da China, isso é que eu gosto imenso.

Breves notas sobre a Inquisição Portuguesa

Ana Canas, António Ribeiro *
*Assistentes da Faculdade de Letras de Lisboa

Os cerca de 300 anos de actividade inquisitorial deixaram marcas profundas na estrutura da sociedade portuguesa. A perseguição dos cristãos-novos, o grupo economicamente mais activo, levou à fuga de uns, ao empobrecimento de outros e ao desencorajamento de muitos. Este facto não só favoreceu os nossos concorrentes, como retardou, significativamente, o desenvolvimento económico e social português. Em termos gerais, do ponto de vista cultural, a Inquisição, através da uniformização religiosa e da sua respectiva tradução social, inibiu e bloqueou a circulação de ideias, a transmissão de conhecimentos e o desenvolvimento do saber, eliminando sistematicamente a diferença e forjando mentalidades dóceis e avessas à inovação.

A Inquisição portuguesa do período moderno foi criada em 1536, através de uma bula solicitada por D. João III ao Papa e foi extinta, em consequência da Revolução Liberal, por um decreto das Constituintes, em 1821.

O seu estabelecimento correspondeu: ao momento de afirmação das igrejas nacionais em oposição ao poder papal, levado a cabo pelos monarcas, no sentido de tornarem o seu poder absoluto; a uma alteração da política régia que, mercê de diversas vicissitudes de âmbito internacional, no sentido de uma maior aproximação a Espanha, que de há muito vinha pressionando Portugal para combater mais activamente os conversos e instalar a Inquisição; a um aumento demográfico da comunidade cristã-nova, que duplicou, particularmente nos centros urbanos, em consequência da política de acolhimento aos judeus e conversos refugiados em Portugal, levada a cabo por D. João II e por D. Manuel devido a feroz perseguição que lhes era movida pela Inquisição espanhola; a ascensão económica e social dos cristãos-novos, como resultado da situação de igualdade com os cristãos-velhos em que foram colocados, após a conversão forçada (1492); ao aumento crescente do movimento de opinião antijudaico, fortemente enraizado ao nível dos diferentes grupos populares, que era acicatado pela cobiça e pela inveja, e pelo fanatismo, estimulado pela acção do clero regular, sobretudo dos pregadores das ordens mendicantes.

As negociações levadas a cabo, para o efeito, entre a Coroa e a Santa Sé foram longas, difíceis e atribuladas. Mais do que as manobras cínicas e cruéis, os subornos e os episódios romanescos entre os agentes de D. João III e os dos cristãos-novos, que pressionavam junto da Cúria Romana, foram pretensões do monarca português, no sentido de subalternizar o poder papal, que provocaram essas dificuldades.

D. João III pretendia um tribunal idêntico ao que já existia em Espanha, desde 1481, isto é, independente de Roma e a funcionar segundo as normas do segredo na instrução processual. Contudo estas pretensões não foram satisfeitas pela bula de 1536.

A partir daí, o rei, para alcançar os seus objectivos, recorreu a todos os meios. Desde as negociações diplomáticas, a que não foi alheia a intervenção de Carlos V e de Inácio de Toyola, até à insubordinação aberta contra o Papa, opondo-se à entrada do seu representante em Portugal e infringindo gravemente o disposto na bula de 1536.

Todas estas pressões conduziram a que, em 1547, o Papa concedesse ao rei aquela que habitualmente é designada por bula definitiva da Inquisição.

D. João III viu assim completamente satisfeitos os seus desejos. Nos termos da nova bula, no domínio jurídico consagrava-se o princípio do segredo na instrução processual, que consistiu em ocultar aos réus a identidade das testemunhas de acusação e as circunstâncias, data e lugar de ocorrência dos actos que lhes eram imputados, e passava a caber ao rei propor o nome do inquisidor-geral, ao qual, por sua vez, cabia organizar e dirigir inteiramente a instituição, presidindo ao Conselho Geral, órgão máximo do Santo Ofício.

Da repressão à censura

Este tipo de Inquisição vigorou até à Reforma Pombalina que, além de ter posto fim à distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos, equiparou o tribunal aos altos tribunais régios, passando a reger-se pelas normas dos tribunais civis.

Ainda antes de 1547, funcionaram tribunais da Inquisição em Évora, Lisboa, Coimbra, Tomar, Porto e Lamego. Depois dessa data, prosseguiram a sua actividade até 1820 os de Évora e Lisboa, a que se juntaram os de Coimbra (156) e Goa (1560), que veio a ser extinto em 1812 por pressões da Inglaterra.

A Inquisição tinha jurisdição sobre Portugal e o seu Império. Os tribunais de Évora, Coimbra e Lisboa cobriam o Continente, cabendo a este último, e ao de Goa a parte atlântica e a parte oriental do Império, respectivamente.

A presença inquisitorial estendia-se até aos mais recônditos lugares, através de uma apertada rede de agentes (comissários, familiares, visitadores).

Na sua grande maioria, o aparelho burocrático da Inquisição era composto por eclesiásticos, incluindo membros das ordens religiosas, particularmente dos dominicanos e jesuítas.

A Inquisição foi, acima de tudo, um poderoso instrumento de controlo político e social, a quem todas as entidades civis e eclesiásticas deviam colaboração.

O seu ritmo de actividade e objectivos variaram com as conjunturas e momentos houve em que chegou a ter completa autonomia em relação ao poder político. Todavia, a uniformização dos comportamentos religiosos foi uma constante ao longo da sua existência. Com efeito a imposição da ortodoxia religiosa tinha um valor político, devido à natureza teocêntrica do Estado, cujo suporte ideológico era a religião católica.

A Inquisição, até ao marquês de Pombal, dirigiu a sua acção fundamentalmente contra os cristãos-novos que, como já foi dito, constituíam um grupo socialmente diferenciado, dominando, do ponto de vista económico, sectores como o artesanato, o comércio, a cobrança de rendas, e competindo seriamente no domínio da burocracia e até da produção agrícola. Sem considerar o tribunal de Goa, representam cerca de 90% do total dos processados.

Reprimiu ainda um vasto leque de práticas consideradas não conformes à doutrina católica: outras formas principais de heresia (maometanismo, correntes protestantes, gentilismo); Posse, edição ou comercialização de livros oou folhetos proíbidos ou sem censura prévia; fugas à ortodoxia consideradas menoores (blasfémias, veneração de livros e de santos nãoo reconhecidos pela Igreja); Condutas ds sacerdotes consideradas imorais (nomeadamente a solicitação ou seja, a sedução e práticas sexuais com mulheres no acto da confissão) e usurpação da função de sacerdotes; os comportamentos sexuais desviantes (sodomia, bigamia, bestialidade, fornicação simples, isto é, relações sexuais entre solteiros); a feitiçaria; a adivinhação; a astrologia; o sigilismo; o jacobinismo; a maçonaria.

Todas as formas, passivas ou activas; de obstrução às actividades inquisitoriais; e ainda outras matérias avocadas pontualmente à Inquisição, como seja o contrabando para terra de infiéis.

A par da repressão a estes «crimes», a Inquisição tinha ainda a seu cargo, até ao período pombalino, a vigilância e a inspecção dos navios estrangeiros com o objectivo de impedir a entrada no Reino de obras ou imagens consideradas heréticas. Além disso, era também do seu foro a censura prévia das obras a editar e a publicação de Indexes de livros tidos como heréticos.

A pedagogia do medo

A eficácia da acção inquisitorial tinha como pedra angular o medo. Sobretudo as minorias, respiravam um ambiente constante de grande pânico e terror, deliberadamente criado e mantido pela Inquisição, através de múltiplos procedimentos previstos nos seus Regimentos.

Um deles era o segredo na instrução processual que tornava impossível a defesa do réu, ainda que falsamente acusado, visto que os nomes dos denunciantes, as circunstâncias, a data e o lugar em que os actos que lhe eram imputados tinham ocorrido nunca lhe eram revelados.

Outro dos procedimentos era a denúncia, praticamente estimulada em todos os actos da Inquisição. Num tribunal de fé, como o Santo Ofício, constituía um sinal de verdadeiro arrependimento, ainda mis quando envolvia os parentes mais próximos, funcionando por isso, como atenuante.

Mas outras formas havia de estímulo à denúncia: os interrogatórios feitos aos presos, de acordo com o disposto nos Regimentos; os editais, da Fé, que eram lidos à hora da missa dominical, com grande aparato e solenidade, na presença de todo o povo da localidade e das respectivas autoridads civis e eclesiásticas; os sermões, particularmente os que eram pregados nos autos-de-fé, e a confissão, sempre que os pecados fossem do foro inquisitorial.

Outro procedimento era a infâmia e, sobretudo, a sua memória, que estigmatizava os condenados pela Inquisição e os seus parentes directos. Os condenados, mesmo depois de saírem da prisão, eram obrigados a usar um hábito (sambenito), durante um certo período de tempo, que criava um verdadeiro cordão sanitário à sua volta. Período após o qual, esse hábito era exposto, devidamente identificado, na igreja da paróquia da respectiva residência.

Por outro lado, a infâmia tinha como consequência a inabilitação, que se traduzia na impossibilidade de acesso a muitos cargos.

Também a ameaça de miséria constituía um verdadeiro espectro. Em geral, os condenados pela Inquisição, particularmente quando se tratava dos chefes de família que cumpriam penas de prisão mais pesadas, ficavam reduzidos à miséria.

Essa situação devia-se aos gastos efectuados durante o período de encarceramento, ao confisco de bens, e sobretudo, às consequências da infâmia, que dificultavam gravemente a reinserção social.

Os autos-de-fé, com toda a sua espectacular encenação, também visavam difundir o terror. Eram previamente apregoados, conclamando-se o povo para estar presente. Duravam, por vezes, vários dias e, em geral, começavam por uma missa a que se seguia uma procissão, em que ladeados por familiares do Santo Ofício, desfilavam os condenados, descalços, vestindo sambenitos com diferentes pinturas, de acordo com as penas a que tinham sido sentenciados, e que se dirigia até ao local do auto. Durante o percurso, sempre pejado de povo, que insultava e agredia os condenados, alguns sofriam penas de açoutes, outros levavam a boca amordaçada e todos uma vela na mão.

No local do auto era construído um palanque, por onde se distribuíam diferencialmente todos os participantes: os condenados inquisidores, autoridades civis e eclesiásticas. Depois de lido o sermão, os condenados, eram chamados a abjurar, após o que regressavam aos cárceres. O sentenciados à morte, entregues às autoridades civis que os faziam executar noutro local, a fim de salvaguardar os juízes eclesiásticos, que, segundo a doutrina da Igreja, não podiam condenar à pena de morte.

A tortura utilizada para obter a confissão do réu em sessões a que estava presente um médico, a fim de ir avaliando d a sua resistência física, era outro dos procedimentos inquisitoriais que causava grande pavor.

Para o bispo de Bragança

SOARES SUCESSOR DE D. SANCHO I

Augusto Vilela
enviado especial do «DL»

«O que hei-de dizer-te, Bragança, na festa dos teus anos (séculos) perante o Chefe da Pátria? Ele veio, ele aí está, para tu seres cada vez mais Bragança: a alma de Portugal.
Então?

—Ao alto... ao alto... Bragança, um hino e canto imortal. Dá glória a Deus, senhor da História, que te deu oito séculos de vida e de itória. Louva a Deus. Diz aleluia.

Que Portugal, nossa Pátria amada, possa rever-se sempre em ti, Bragança.

E tu, Nordeste, ouve o mais belo «viva» da nossa esperança. Tu és Portugal, porque és Bragança».

Foi desta forma inesperada que D. António Rafael, bispo de Bragança e Miranda, terminou a sua homília de ontem, desenvolvida em oito alíneas, na missa a que assistiu Mário Soares e a sua comitiva.

Depois disto que mais desejaria Mário Soares?

Abençoado pelo bispo, reverenciado pelos partidos políticos, aplaudido pela população brigantina, o Presidente da República viu a sua visita atingir o inesperado e transformá-lo em sucessor de D. Sancho I.

Depois deste rei, que há 800 anos deu o foral à cidade de Bragança, só Mário Soares. Esta é pelo menos a visão histórico-cultural de D. António Rafael, que proferiu a mais surpreendente homilia de que há conhecimento em circunstâncias como estas.

Recheando-a com uma interminável torrente de evocações de natureza histórica e cultural, D. António Rafael agradeceu a Deus que o Presidente tenha vindo até Bragança, «não apenas na sequência das ilustres e sempre muito gratificantes visitas dos seus antecessores — reis e presidentes da República —, mas no propósito novo de estar connosco e fazer residência presidencial entre nós».

Presidente da Catedral

No seu peculiar estilo, D. António diria mais adiante: o futuro já está a acontecer, senhor Presidente, como verificará pelo movimento auspicioso de unidade e ressurgimento que suscitou e despoletou em todo o distrito. Que por esta Pátria, nossa amada, e feliz «terra de Santa Maria».

Deus continue a abençoar todos os seus passos, senhor Presidente.

D. António quer uma catedral para Bragança. Reclamou-a a Mário Soares, ao mesmo tempo que o proclamava «presidente da catedral de Bragança.» Mas vai tê-la — afirma confiante — graças a Deus, e vossa excelência vai ser «presidente da catedral de Bragança» porque o ano 1 para a catedral já começou a contar faz hoje três meses.»

Algumas apreensões terá sentido Mário Soares quando D. António Rafael lhe atribuiu mais um título e o qualificou como o «sucessor de D. Sancho I.»

Se não fossem bem conhecidas as profundas convicções republicanas de Mário Soares, algumas apreensões se levantariam quanto ao futuro da República, tanto mais que ali estava também o vice-rei do Norte, Eurico de Melo, e o presidente da Câmara Municipal de Carrazedas de Anciães, orador no jantar que o presidente ofereceu aos autarcas do distrito, onde seria apelidado de príncipe.

Neste quadro, aos jornalistas, caberá o humilde papel de cronistas desconfiados do reino.

Continuemos pois a narração:

«Que a partir de 16 de Fevereiro — prossegue D. António —, ao lado do foral do Fundador e da carta de cidade do Africano, vigorasse o estatuto cultural do presidente, seja vossa excelência o «Restaurador da Bragança cultural».

E referindo-se às «onze jornadas presidenciais» por todo o Nordeste, o bispo de Bragança e Miranda começou assim a sexta alínea da sua homília:

«Com este acto, senhor presidente, iniciam-se do modo mais solene e oficial aos comemorações do oitavo centenário de Bragança. Que melhor consagração das comemorações que a alta presença do actual sucessor do rei povoador?»

Disse depois da gratidão do Paço Diocesiano e da cidade, que queriam retribuir-lhe de forma condigna, «mas na nossa pobreza, só podemos fazê-lo de uma forma simbólica. No jardim do Paço — agora denominado «Átrio da Clarissa» em memória do antigo mosteiro, convertido em Paço Diocesiano, foram plantadas hoje cinco árvores: uma perene camélia, pelos 800 anos da cidade, duas tuias inglesas em triangulação com a árvore de S. Bento», para nos recordar que começamos a voltar-nos para a Europa, desde o tratado de Wilson e do muito nosso tratado de tabe, amendoeira «algarvia» e a cerejeira «princesa do Nordeste». Estas quatro árvores — alusivas a quatro onas de Bragança (terra fria, terra quente, planalto e trans-Douro), perpetuarão a sua visita, senhor Presidente: serão, se mo permite, «as árvores do presidente».

... e no meio da das crianças

Um cidadão não perde a oportunidade de cumprimentar o Presidente

Um dia preenchido

A homilia de D. António encerrava um dia muito preenchido. Da parte da manhã Mário Soares presidiu a uma sessão solene no Centro Cultural. Depois fez uma visita aos bombeiros voluntários, instalados em condições indescritíveis, num espaço que mal chegaria para uma pequena garagem.

Eurico de Melo acompanhou-o e ali mesmo pôde anunciar que o projecto da construção de um novo quartel estava já previsto como primeira prioridade para ser inscrita no PIDAC.

Mário Soares almoçou a seguir com autarcas do distrito.

Assistiram todos os presidentes de câmara e das assembleias municipais do distrito e todos os presidentes das juntas de freguesia do concelho de Bragança, além do ministro Eurico de Melo, do comandante de Região Militar Norte, general Carlos Azevedo, governador civil e outras personalidades.

Foi oportunidade para Eurico de Melo, que multiplica os seus passos como homem de serviço do Governo para o bom relacionamento institucional com o presidente, perante o cepticismo de uns e a surpresa de outros, manifestar num breve improviso «o apreço e a amizade» que o Governo tem por Mário Soares.

O Presidente da República, que tem acentuado insistentemente os parâmetros sociais da sua visita, afirmou mais uma vez que ela tem em vista a «solidariedade social para com os mais desprotegidos e sobretudo os jovens, muito afastados dos centros de decisão e a quem há que dar a possibilidade de se realizarem».

Um vasto programa escolar

Bragança retomara entretanto a sua normalidade. O hóspede de honra estava instalado. Desapareceram as grandes concentrações populares mas não decresceu o interesse pela presença do chefe do Estado. Em toda a parte foi recebido com entusiasmo, muito especialmente na Escola Superior de Educação, onde estudantes e professores lhe dispensaram um caloroso acolhimento.

Foi a visita mais demorada e ali pôde apreciar um conjunto de exposições temporárias organizadas por alunos e docentes.

Uma delas, intitulada «Vêde por onde a luz», apresenta um numeroso conjunto de fotografias com algumas das mais belas janelas de velhas casas e palácios da cidade.

No final da visita os alunos reuniram-se no auditório para uma fotografia com o Presidente a recordar a visita.

Antes Mário Soares esteve na Escola Superior Agrária, a outra das duas escolas que integram o Instituto Politécnico de Bragança. Está instalada numa quinta com 18 hectares, à saída da cidade, que escapou a ser transformada num loteamento.

Esta escola, com dois cursos a funcionar — gestão de empresas agrícolas e melhoramento rural — tem uma população escolar de cerca de 90 alunos. Os cursos são de três anos e tem o nível de bacharelato.

Relato

É um exemplo concreto de que, embora lentamente, algo está a mudar neste Nordeste Transmontano.

A maior parte dos alunos são jovens que têm as suas próprias terras mas o grande problema da agricultura regional, mais que a divisão exagerada da propriedade, é a gestão. Estes jovens, uma vez concluídos os seus cursos, passarão a geri-las melhor, o que lhes permitirá fixarem-se na região com perspectivas de futuro.

Com a emigração em massa nas décadas de 50 e 60 há uma geração que falha. Assim, há agora muitos jovens detentores da propriedade. Poderão, devidamente preparados, dar um futuro diferente à agricultura transmontana.

Mário Soares visitou ainda o Centro de Instrução Especial, para crianças deficientes e inaugurou uma exposição de Graça Morais no Museu Abade Baçal.

À noite o Presidente da República ofereceu um jantar aos autarcas, a que assistiram o ministro Eurico de Melo e Valente de Oliveira e o presidente da Associação Nacional dos Municípios.

Houve breve discurso com Mário Soares a agradecer a presença de membros do Governo, uma presença que considerou muito «grata e estimulante» na medida em que, sem a participação, não é possível resolver os problemas.

Agradeceu também a presença do presidente de Associação Nacional dos Municípios, um dos oradores. Este autarca distinguiu-se por um discurso notoriamente infeliz em que citou os que acusam os autarcas de corruptos (esquecendo porém que as críticas deste tipo são a um número escasso de autarcas e não à generalidade) e criticou igualmente os deputados acusando-os de destruírem o projecto do Estatuto de Autarca.

Valente de Oliveira foi outro dos oradores e destacou, o surto de desenvolvimento que se está a verificar, com obras públicas por toda a parte.

Foi um dia positivo para Mário Soares, que na verdade está a conseguir arrastar o Executivo para a resolução de muitos problemas locais.

PCP entrega requerimento na AR

GOVERNO NA ASSEMBLEIA PARA EXPLICAR "VIGILÂNCIA" SOBRE MILITANTES PARTIDÁRIOS

— Deputados do PS debatem problema

O grupo parlamentar do PCP entrega hoje na mesa da Assembleia da República um requerimento dirigido ao Governo, solicitando a sua presença no hemicíclo para responder a questões relacionadas com o eventual controlo e vigilância de militantes e dirigentes partidários por parte do Serviço de Informações das Forças Armadas(DINFO).

«Exigir medidas clarificadoras muito rápidas» sobre esta questão de «extrema gravidade» que envolve o controlo de partidos representados na Assembleia da República por parte de estruturas do Estado, é o objectivo desta e de outras iniciativas que os parlamentares comunistas anunciarão, esta tarde, em conferência de Imprensa, conforme indicou ao DL, Carlos Brito, presidente da bancada do PCP na AR.

Está prevista, também, uma intervenção, na sessão de hoje, do deputado José Manuel Mendes, membro da comissão parlamentar dos Assuntos Constitucionais, Liberdades, Direitos e Garantias, que abordará os problemas levantados pela alegada actuação da DINFO.

Segundo ainda Carlos Brito, serão mantidos contactos com as restantes bancadas da Oposição sobre uma eventual acção conjunta relativamente a esta questão.

Para o líder parlamentar do PS, Ferraz de Abreu, a possibilidade, adiantada na última edição do semanário «Expresso», de controlo e vigilância de dirigentes e militantes políticos por parte da DINFO é «estranha e reprovável».

O tema terá sido debatido esta manhã, na reunião habitual do grupo parlamentar do PS, segundo admitiu aquele responsável socialista, em declarações à Lusa. O mesmo despacho da agência noticiosa refere que o PRD tenciona consultar os dirigentes daqueles partidos antes de tomar alguma iniciativa sobre o assunto.

A notícia do «Expresso» indicava que um colaborador da DINFO, Mário Correia da Cunha, 35 anos, natural de Vila Nova de Seles, Angola, preso, em Agosto passado, por envolvimento no aliciamento de terroristas portugueses para a organização anti-basca GAL, tinha em seu poder fichas de militantes e dirigentes do PCP e acrescentava que o controlo daquela estrutura militar se estendia a elementos do PS.

Ex-instrutor da FNLA

Na sua edição de hoje, o matutino «o diário» refere que o citado colaborado da DINFO se insinuara no bairro do Alto de Santo Amaro, fazendo-se passar por militar de esquerda e de antigo combatente das FAPLA, «com feitos em combate contra a FNLA e a Unita nos alvores da independência».

Segundo o mesmo jornal, Mário Correia prestou serviço como professor de Educacão Física na Academia de Santo Amaro, uma colectividade popular do bairro, e mantinha contactos na Associação de ex- Pára-Quedistas, onde terá feito alguns dos recrutamentos. O colaborador da DINFO esteve reunido em Viana de Castelo, há cerca de um ano, com agentes da polícia espanhola e com os elementos recrutados dos GAL e terá com eles participado nos atentados no País Basco francês que causaram ferimentos graves em civis, incluíndo mulheres e crianças sem qualquer ligação à ETA.

Depois da sua prisão, em Agosto, veio a saber-se que o colaborador da DINFO tinha sido instrutor militar da FNLA e possuía um ficheiro sobre a actividade de militantes do PCP e do PS.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

descentralização dos Serviços de Crédito à Habitação Própria

Continuamos uma descentralização que permite maior rapidez e comodidade ao utilizar os nossos serviços. Os assuntos relacionados com novos pedidos de crédito para aquisição de Habitação Própria passam, também, a ser tratados nas seguintes dependências:

AMADORA
Av. da República, 32-A e Rua Elias Garcia 362 A/C
2700 AMADORA
Tel. 494 87 31 - 493 78 22

BARCELOS
Praça de Pontevedra
4750 BARCELOS
Tel. 83 206

CALDAS DA RAINHA
Largo Dr. José Barbosa, 1
2503 CALDAS DA RAINHA CODEX
Tel. 22480 - 25560

CHAVES
Bairro Aliança
5400 CHAVES
Tel. 22 170

COVILHÃ
Praça do Município
6200 COVILHÃ
Tel. 26 141/2

ELVAS
Rua da Cadeia
7350 ELVAS
Tel. 62 119 - 69 349

ESTREMOZ
Lg. da República, 34
7100 ESTREMOZ
Tel. 22 764

FIGUEIRA DA FOZ
Praça Luís de Camões, 25
3080 FIGUEIRA DA FOZ
Tel. 26 184/5

GUIMARÃES
Lg. do Toural, 88
4800 GUIMARÃES
Tel. 41 41 81 - 41 41 10

LAMEGO
Av. 5 de Outubro, 16
5100 LAMEGO
Tel. 62 847 - 62 014

MIRANDELA
Parque Império
5370 MIRANDELA
Tel. 22 104

MONTIJO
Rua José Joaquim Marques, 64
2870 MONTIJO
Tel. 231 22 18

MOURA
Rua da República
7860 MOURA
Tel. 22 367

OEIRAS
Rua Comandante Cordeiro Castanheira, 41 e 41 A
2780 OEIRAS
Tel. 243 16 51

OLIVEIRA DE AZEMÉIS
Av. Dr. António José de Almeida, 364
3721 OLIVEIRA DE AZEMÉIS CODEX
Tel. 62 006 - 64 106

PORTIMÃO
Rua Júdice Biker, 2
8500 PORTIMÃO
Tel. 26 151 - 24 251

PÓVOA DE VARZIM
Praça do Almada
4490 PÓVOA DE VARZIM
Tel. 62 46 34 - 62 43 46

QUELUZ
Rua António Enes, 17 A
2746 QUELUZ CODEX
Tel. 95 79 05

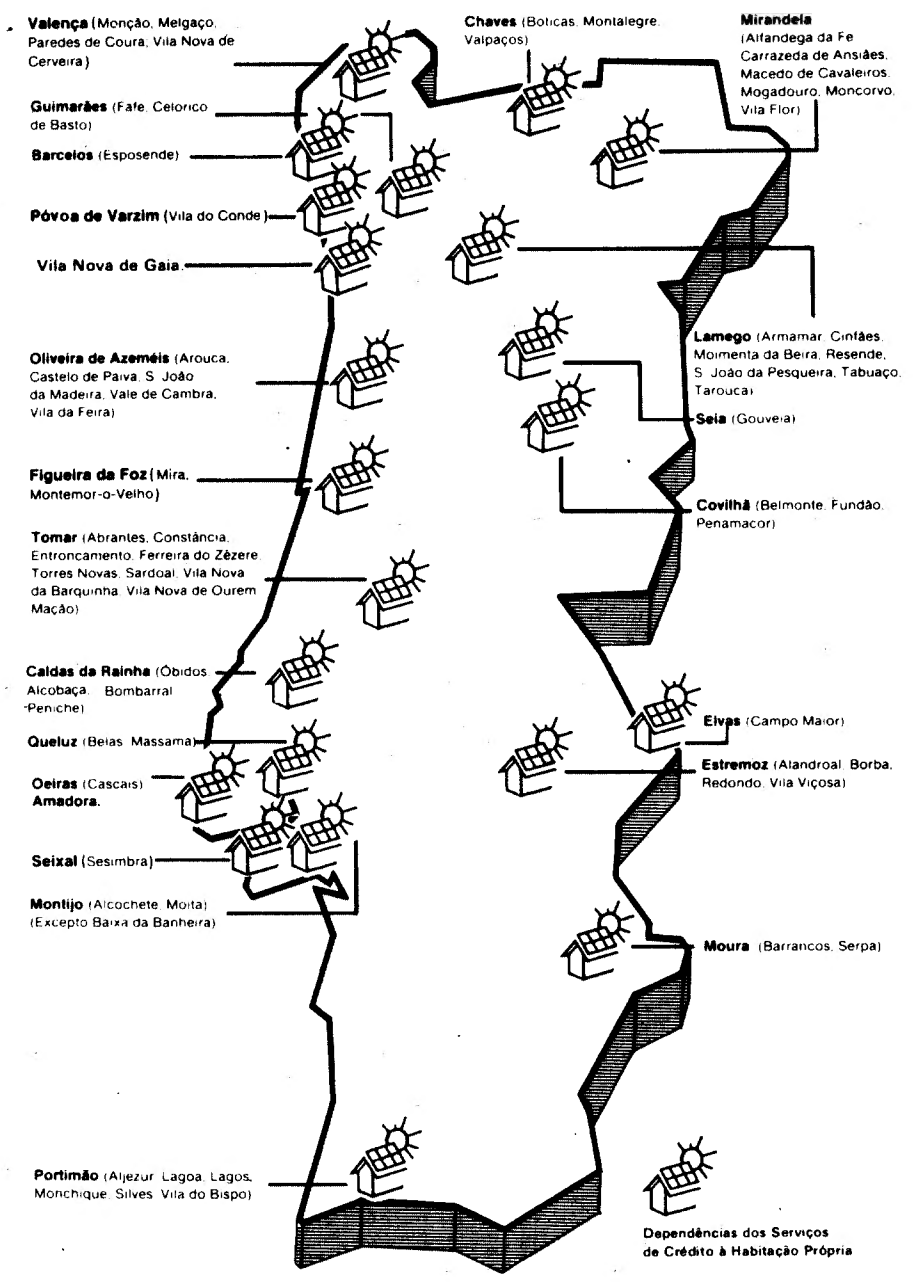
SEIA
Largo Marques da Silva
6271 SEIA CODEX
Telef. 22 119

SEIXAL
Largo dos Restauradores, 1
2840 SEIXAL
Tel. 221 26 88

TOMAR
Rua Serpa Pinto
2300 TOMAR
Tel. 32 135 - 31 766

VALENÇA
Rua Mouzinho de Albuquerque
4930 VALENÇA
Tel. 22 311

VILA NOVA DE GAIA
Av. da República, 835
4400 VILA NOVA DE GAIA
Tel. 303 112



I/87 Ogilvy&Mather

Defesa do Ocidente só com os EUA...

PIRES DE MIRANDA PÕE RESERVAS AO PAPEL AUTÓNOMO DA EUROPA DOS DOZE

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, manifestou ontem as maiores reservas às iniciativas tendentes ao reforço do papel autónomo da Europa comunitária em relação às duas superpotências, nomeadamente nas regiões do Mediterrâneo e Médio Oriente. O actual ocupante do Palácio Foz considera que a Aliança Atlântica é, e deve continuar a ser, o «denominador comum» das políticas externas dos Doze.

Os cometários de Pires de Miranda foram feitas no decurso de uma conferência de imprensa realizada no Palácio das Necessidades, durante a qual foi feito o balanço de um ano de experiência portuguesa como membro de pleno direito da CEE. O titular dos Negócios Estrangeiros disse que a cooperação política europeia, em curso ainda antes da entrada am vigor do acto único, tem tido efeitos «muito positivos».

Acerca do papel de sempenhado pela NATO, Pires de Miranda afirmou que a Aliança Atlântica constitui um «bom foro» para a defesa dos interesses estratégicos da Europa Ocidental, sendo particularmente sensível a tudo o que se relaciona com a defesa do flanco sul da Europa. Relativamente à União Europeia Ocidental (UEO), o titular do MNE acrescentou que Portugal «continua interessado» em aderir à organização, embora se trate de uma estrutura «adormecida», que alguns países, designadamente a França, pretendem agora «revivificar».

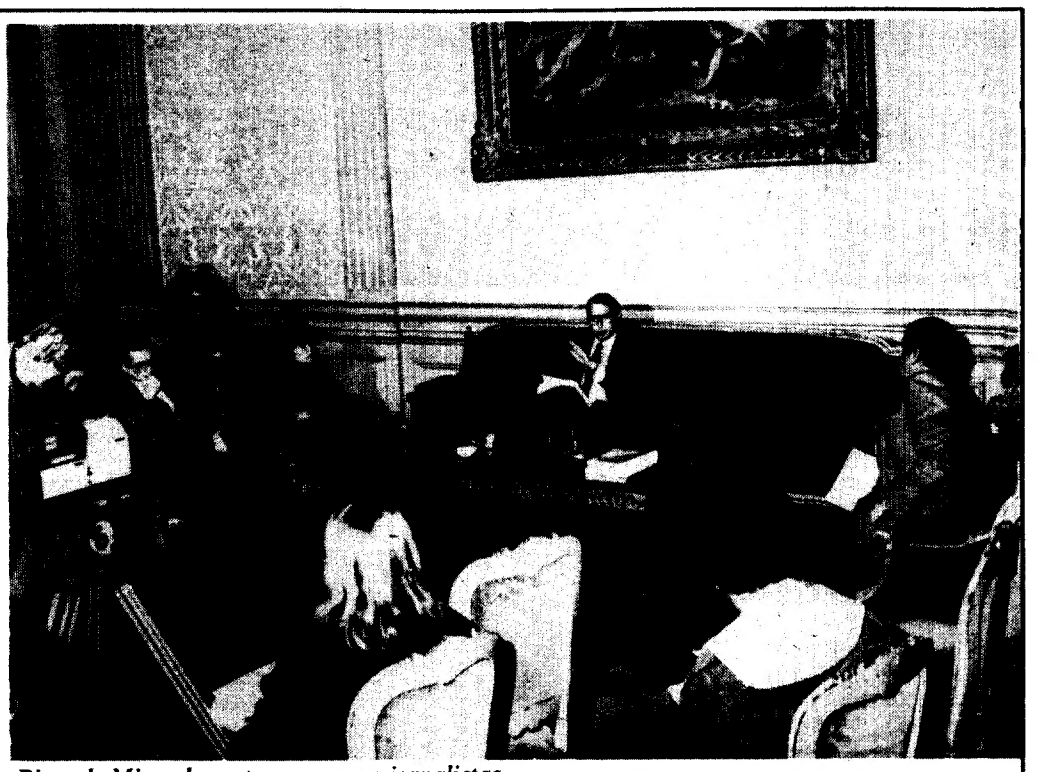
Numa curta declaração, o ministro dos Negócios Estrangeiros afirmou que «apesar do pragmatismo de que nos acusam», Lisboa aderiu com convicção e determinação às comunidades, sem ter em conta apenas os aspectos meramente económicos. «Somos europeus e acreditamos no desenvolvimento da unidade europeia, mas somos também realistas e não abdicamos da defesa dos nossos interesses nacionais», sublinhou.

Balanço em 233 páginas

No documento de 233 páginas, elaborado pelo MNE, resumem-se apenas em 38 linhas os aspectos práticos da harmonização das políticas externas de Portugal e dos 11 aliados europeus. Salienta-se que «a determinação portuguesa contribuiu para evitar a escalada de sanções económicas punitivas contra a África do Sul, impedindo sequelas ainda mais desastrosas para as populações de cor e os moçambicanos que ali trabalham».

Voltando ao contexto das relações Leste-Oeste, Pires de Miranda recordou que Portugal se opôs às «movimentações tendentes a isolar a Europa dos Estados Unidos», com consequências negativas para a segurança comum e a «coesão e firmaza» do Ocidente no confronto com os países do Pacto de Varsóvia, nomeadamente no âmbito da conferência sobre cooperação na Europa. O titular da pasta dos Negócios Estrangeiros adiantou que «Portugal não tem aliados preferenciais» no seio da CEE e não aderirá a blocos regionais.

Nesta linha de pensamento, o MNE recordou que a «Europa não é uma grande potência, nenhum dos países membros o é, e a defesa e a segurança das sociedades democráticas passa pelo reforço da coesão interna da Aliança». «As iniciativas europeias, por exemplo no Médio Oriente, não têm tido grandes resultados», concluiu o ministro.



Pires de Miranda, ontem, conm os jornalistas

Um encontro com Kampelmann

Na próxima quinta-feira, Pires de Miranda avistar-se-á em Lisboa com Max Kampelmann, chefe da delegação norte-americana nas negociações de Genebra sobre desarmamanto nuclear. A passagem daquele diplomata pela capital portuguesa foi revelada pelo próprio ministro dos Negócios Estrangeiros no final da conferência de imprensa. O MNE convidou Kampelmann para um jantar no Palácio das Necessidades.

Durante a sua passagem por Lisboa, o diplomata norte-americano terá com o ministro um encontro de carácter informal para troca de informações e pontos de vista sobre o andamento das negociações americano-soviéticas para redução dos armamentos nucleares, que se encontra suspensas até 16 de Março.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO

ESCOLA DE SARGENTOS DO EXÉRCITO

VONTADE E SABER

CURSO DE FORMAÇÃO DE SARGENTOS

CONCURSO DE ADMISSÃO

JOVEM

Se tens menos de 26 anos de idade e estás a cumprir ou já cumpriste o serviço militar.

Se tens o 9.° ano de escolaridade ou equivalente.

Se queres pertencer aos Quadros Permanentes do Exército Português.

CONCORRE DE 23 DE FEVEREIRO A 27 DE MARÇO

NOTA: O curso inicia-se em Outubro próximo na Escola de Sargentos do Exército (Caldas da Rainha).

INFORMA-TE EM QUALQUER UNIDADE MILITAR

VILA DE OEIRAS

MUNICÍPIO DE OEIRAS

CÂMARA MUNICIPAL

AVISO

LOTEAMENTO URBANO

ISALTINO AFONSO DE MORAIS, Licenciado em Direito, Presidente da Câmara Municipal de Oeiras.

FAZ PÚBLICO, que esta Câmara Municipal, em reunião ordinária realizada no dia 15 de Outubro de 1986 deliberou emitir alvará de Loteamento em nome de CHELAG – COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA DO LAGOAL, CRL, para os prédios sitos no Alto do Lagoal, freguesia de Paço de Arcos com a área total de 47 880 m², descrito na Conservatória do Registo Predial de Oeiras sob as fichas n.os 366/080186, 367/080186, 383/140286, 384/140286, 385/140286, 433/160686, 436/160686, 453/010886, 454/010886, 463/100986 e 464/100986, inscritos na matriz predial rústica da Freguesia de Paço de Arcos sob os art.os 457, 224, 225, 261 e 459 secção 47, neste Concelho.

O Loteamento fica sujeito às seguintes prescrições: Número total de lotes aprovados – 42; Número de fogos – 268.

O titular fica obrigado a realizar as obras de urbanização constantes do projecto aprovado.

Paços do Concelho de Oeiras, aos 2 de Fevereiro de 1987

O Presidente da Câmara,
(Ilegível)

17.° CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Rua Alexandre Herculano, 29-1.° Esq.

NOTÁRIO

Lic. António Manuel Gonçalves Saldanha

«APARTE OFICINA DE ARTE, LIMITADA»

1 — Certifico que por escritura de 12 de Dezembro de 1986, lavrada de folhas 43 a fls. 44 verso do livro de notas 80L, deste Cartório, foi constituída a sociedade em epígrafe, que adoptou o pacto constante dos seguinte artigos:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de «APARTE OFICINA DE ARTE, LIMITADA».

SEGUNDO

A sociedade tem a sua sede em Mercado do Chão Couceiro, quarto piso, Calçada Marques de Tancos, freguesia de São Cristóvão e São Lourenço, em Lisboa e por simples decisão da gerência a sociedade poderá transferir a sua sede para outro local.

TERCEIRO

O objecto social é serigrafia de arte, artes gráficas, desenho.

QUARTO

A duração da sociedade é por tempo indeterminado e tem o seu início desde hoje.

QUINTO

O capital social é de QUATROCENTOS E CINQUENTA MIL ESCUDOS e corresponde à soma de três quotas de CENTO E CINQUENTA MIL ESCUDOS pertencentes uma a cada um dos sócios Rafael António, Wagner Afonso, Jorge Manuel Costa Bastos e Cristina Maria Montalvão Magalhães Bastos estando já realizado em dinheiro metade do valor das quotas de cada um dos sócios, sendo, a parte restante realizada em dinheiro no prazo de três meses a contar da presente data.

SEXTO

Um. É livremente permitida a cessão de quotas e a sua divisão entre os sócios.

Dois. A cessão a favor de estranhos depende do consentimento da sociedade, que fica nesta caso, com direito de preferência em primeiro lugar, e os restantes sócios em segundo lugar.

SÉTIMO

No caso de aumento de capital social os sócios terão sempre preferência na subscrição do mesmo na porção das quotas que possuirem.

OITAVO

Um. A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme a Assembleia Geral decidir, pertence aos três sócios.

Dois. A sociedade obriga-se com a intervenção conjunta de dois dos sócios gerentes.

NONO

Um. A sociedade poderá amortizar a quota de qualquer sócio nos seguintes casos:

a) Por falecimento do sócio;
b) Por interdição ou notória incapacidade do sócio e;
c) quando a quota seja objecto de penhora ou arresto ou quando por qualquer motivo deve proceder-se à arrematação ou adjudicação judicial.

Dois. Em qualquer caso de amortização o preço da quota será o valor constante do último balanço aprovado, acrescido da parte correspondente no fundo de reserva e noutros fundos que porventura existam.

Três. A amortização considerar-se-á efectuada como depósito do respectivo preço na Caixa Geral de Depósitos à ordem de quem de direito.

DÉCIMO

Aos gerentes é expressamente proíbido obrigar a sociedade em actos estranhos aos negócios socias, nomeadamente em abonações, fianças, letras de favor e semelhantes.

Está conforme.

Lisboa e 17.° Cartório Notarial aos sete de Janeiro de mil novecentos oitenta e sete.

O 3.° Ajudante do Cartório
Maria da Graça Mendes Zuzarte

«DL» 17/2/1987

Sexta-feira junto ao MEC

MANIFESTAM-SE VÁRIOS SECTORES ESTUDANTIS

A manifestação nacional de estudantes das Faculdades de Letras de Lisboa, Porto e Coimbra marcada para sexta-feira junto ao Ministério da Educação, poderá ter a adesão de outros sectores estudantis, disse à agência Lusa Manuel Brandão, da Comissão Nacional Coordenadora.

Segundo Manuel Brandão, «estão a ser desenvolvidos todos os esforços para se conseguir a adesão do maior número possível de estudantes, nomeadamente no âmbito do ensino secundário (área de Estudos Humanísticos), cursos de formação de professores, Belas-Artes, Institutos Superiores de Engenharia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas das Universidades Nova de Lisboa e Aveiro.

A situação nas Faculdades de Letras e as suas implicações na formação de docentes foi hoje analisada numa reunião da Comissão Nacional Coordenadora dos Estudantes de Letras e o secretariado nacional da Federação Nacional dos Professores, Fenprof.

Estiveram presentes dirigentes dos Sindicatos dos professores membros da Fenprof e representantes dos cursos de Letras das Universidades Clássicas de Lisboa, Porto e Coimbra, da Universidade de Aveiro e Alto Douro.

Por sua vez, a Comissão Paritária de Professores e Alunos de Letras analisou em Coimbra várias propostas de criação de cursos profissionalizantes.

Helena Rocha Pereira, presidente do conselho científico da Faculdade de Letras de Coimbra e porta-voz da comissão, disse à Lusa que foi decidido lançar um inquérito aos alunos do quarto ano sobre a possibilidade de frequentarem cursos profissionalizantes.

O inquérito vai realizar-se nas Faculdades Clássicas de Letras de Coimbra, Porto e Lisboa e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Na reunião foi deliberado solicitar uma «audiência premente» ao director-geral do Ensino Superior para o informar sobre os trabalhos da comissão e exigir o levantamento das saídas profissionais dos licenciados em Letras.

Manuel Loff, da Comissão Coordenadora dos Estudantes de Letras, disse à Lusa que «as decisões tomadas pela Comissão Paritária não têm nada a ver com as medidas de luta tomadas pelos estudantes».

«Há interlocutores diferenciados para as nossas pretensões e, até agora, não há garantias de que o trabalho da Comissão Paritária venha a ser reconhecido pelo Ministério», sublinhou.

«Concedemos tréguas aos órgãos de gestão das Faculdades porque manifestaram abertura para dialogar e trabalhar connosco, mas não o fazemos com quem não nos ouve», disse Manuel Loff.

Salientou que o trabalho da Comissão Paritária ainda está muito bloqueado devido à falta de dados, pelo que «é prematuro chegar a alguma conclusão».

Os membros da Comissão Paritária decidiram ontem, em Coimbra, realizar reuniões semanais, o que é considerado por alunos e professores «uma boa plataforma de trabalho».

Greve e eleições em Letras de Lisboa

Os estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa repetem hoje e amanhã as eleições da direcção da sua Associação de Estudantes.

Os primeiros resultados que deram a vitória à lista C, proposta pela direcção cessante, foram impugnados pela lista 1, por suspeita de fraude.

Também hoje os alunos daquela Faculdade terminam a greve de dois dias de protesto pelo facto de o ministro da Educação não ter recebido a Comissão Coordenadora dos Estudantes de Letras até ontem. Os estudantes pretendem que o ministro dê garantias por escrito de que reconhece competência aos conselhos científicos e pedagógicos na reunião do Porto.

As Faculdades de Letras do Porto e Coimbra não aderiram a esta greve por estarem em período de avaliações, solidarizando-se, contudo, com os estudantes de Lisboa.

ESE de Setúbal funciona em sociedades recreativas

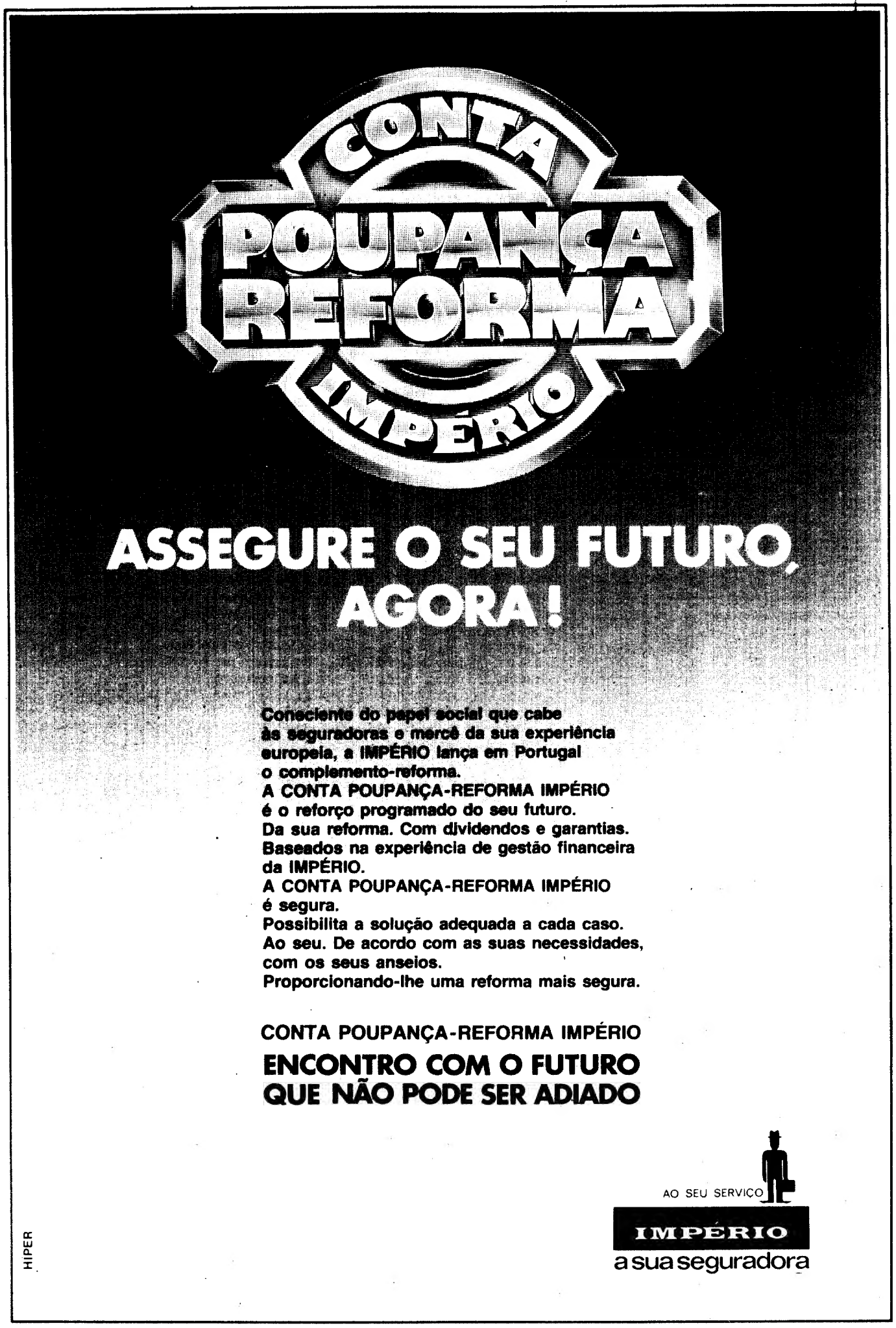
Professores e docentes em formação da Escola Superior de Educação de Setúbal contestaram uma vez mais em conferência de imprensa a exoneração da presidente da comissão instaladora da escola, Ana Maria Bettencourt.

O pedido de exoneração proposto pelo presidente do Instituto Politécnico de Setúbal, deveu-se ao facto de a professora ter protestado contra a eliminação de 60 000 contos do orçamento da escola, verba prevista para o arranque de construção de instalações.

«A escola, em que fazem a sua formação em exercício 270 docentes, devia estar construída em 1989, deixando de funcionar em salas de colectividades recreativas», disse uma das docentes da ESE de Setúbal.

«Pretende-se com a exoneração de Ana Maria Bettencourt pôr em causa todo um projecto de formação de professores orientado para a compreensão do meio em que se insere a escola» acrescentaram.

A ESE de Setúbal está a executar vários projectos de apoio à modernização das escolas, tais como «o computador e a educação». Foi criada há dois anos e funciona em várias associações culturais do distrito, esclareceu uma professora.



Estamos com 256 mortos/ano por cada milhão de habitantes

PORTUGAL À FRENTE DA CEE EM ACIDENTES DE VIAÇÃO

PORTUGAL está à cabeça dos países da Comunidade Europeia quanto a mortos em acidentes de viação por milhão de habitantes — indicam estatísticas publicadas no último número da revista «Pró-Teste», da Associação de Consumidores DECO. As estatísticas referem-se a 1985 e a revista recolheu-as junto da comissão comunitária que recentemente elaborou dados comparativos dos acidentes de viação entre os «Doze».

Segundo a comissão da CEE, naquele ano registaram-se, em território nacional, 256 mortos por 1 milhão de habitantes, em consequência de acidentes de viação, número que não coincide com os dados fornecidos sobre idêntico tipo de acidentes à mesma revista pela Direcção-Geral de Viação, que indica terem morrido no mesmo ano 1898 pessoas.

A DECO sublinha que «os elementos disponíveis em Portugal são insuficientes para tirar conclusões exactas».

O páis da CEE que menos mortos registou por 1 milhão de habitantes (101) foi a Grã-Bretanha, logo seguida pela Holanda (112).

Naquele ano, o país que mais se aproximou de Portugal foi a França, com 228 mortos por 1 milhão de habitantes, estando a Grécia, terceiro da lista (com 192 mortos), bastante abaixo da média portuguesa.

As estatísticas revelam que Portugal está em segundo lugar quanto ao número de mortos por 1 milhão de veículos (1576), a pouca distância da Grécia (1658), mas ocupando o décimo primeiro lugar (penúltimo) quanto ao número de veículos por 1000 habitantes (163), ficando somente à frente da Grécia (116).

As estatísticas apresentadas pela «Pró-Teste» frisam que é no mês de Agosto que há maior número de acidentes, indicando que é aos domingos que essa incidência é maior e entre as 18.00 e as 21.00 horas.

No mês de Fevereiro, as quartas-feiras e o período entre as 03.00 e as 06.00 horas é quando ocorrem menos acidentes.

Setenta por cento dos mortos e 63 por cento dos feridos em desastres de viação ocorrem nas estradas e, segundo a DECO, que cita apenas estatísticas francesas de 1985, é o excesso de velocidade a causa primeira dos acidentes de viação naquele país, de que resultam 40 por cento dos mortos e 49 por cento dos feridos.

A segunda causa de acidentes naquele país é o não-respeito pelas prioridades: em consequência de tal registaram as autoridades gaulesas 19 por cento dos mortos e 12,1 dos feridos.

A revista da DECO sublinha que as investigações realizadas nos últimos 16 anos mostraram que as hipóteses de morte ou ferimento grave diminuem em cerca de 50 por cento com o uso de cinto de segurança.

A «Pró-Teste» indica que «o acidente mais comum é a colisão de frente, em que o cinto é extraordinariamente útil», aconselhando o seu uso ainda porque nos casos de colisão de lado tem sido o cinto que tem evitado que «o ocupante seja lançado contra o interior do carro ou projectado para o exterior, caso em que as hipóteses de sobrevivência são mínimas».

As estatísticas espanholas sobre as lesões sofridas em acidentes de viação pelos ocupantes desprovidos de cinto de segurança indicam que, em 81 por cento dos casos, é a cabeça a parte do corpo atingida, facto que é largamente evitável com a utilização do cinto de segurança.

Jornalista português alvejado no Brasil

O jornalista português António Bastos foi alvejado com quatro tiros durante um assalto, na noite de domingo, à sua residência em Belém do Pará, no Brasil, e encontra-se em estado grave. António Bastos, correspondente do jornal «Mundo Português», do Rio de Janeiro, e dirigente associativo luso-brasileiro, é natural de Oliveira do Bairro e reside naquele país há cerca de 30 anos.

Médicos do Hospital Português onde António Bastos está internado informaram que o seu estado é ainda muito grave.

Trio de assaltantes detido em Corroios

A GNR deteve dois rapazes e uma rapariga acusados de terem assaltado em Corroios um indivíduo de apelido Gasalho, a quem roubaram artigos no valor de 28 contos. Joaquim Carreira, de 21 anos, José Ribeiro, de 24, e Paula Antunes, de 20, actuaram armados com navalhas de ponta-e-mola. Após terem sido apresentados no Tribunal de Instrução Criminal de Almada, ao Joaquim e ao José foram-lhes confirmadas as respectivas prisões, pelo que recolheram à cadeia do Montijo.

Agricultor disparou sobre familiares e GNR

Um agricultor que munido de uma espingarda caçadeira proferiu ameaças de morte contra familiares, chegando mesmo a fazer alguns disparos, foi detido pela GNR em Casal das Raposas, no concelho da Marinha Grande. Manuel Pires, de 45 anos, fez igualmente alguns disparos sobre os militares seus captores mas acabou por render-se, tendo-lhe sido apreendida a arma que empunhava, uma caçadeira «Breda», calibre 12 e com os canos sobrepostos, que estava em situação legal.

Casal surpreendido a vender ouro roubado

Um casal (Pedro e Margarida Reis, de 32 e 17 anos, respectivamente) foram surpreendidos numa ourivesaria em Figueiró dos Vinhos quando pretendiam vender artigos em ouro roubados de uma residência, na Sertã, na noite de 10 do corrente. Os dois assaltantes foram presentes ao juiz de Instrução Criminal de Castelo Branco que confirmou a sua prisão.

Com a solidariedade dos leitores do "DL"

Carla Maria já está em Londres para ser operada

A pequena Carla Maria, que contou com a solidariedade dos leitores do «DL», seguiu no domingo à tarde para Londres a bordo de um avião da TAP-Air Portugal», a fim de ser operada amanhã no University College Hospital, a um tumor do tórax.

Com 14 anos de idade, Carla Maria, filha de uma doméstica e de um pintor da construção civil, encontra-se doente desde os quatro meses, estando a sua sobrevivência dependente da intervenção cirúrgica a realizar na capital inglesa.

De referir que aos 600 contos, provenientes dos donativos que já tinham chegado ao «DL», há a juntar os que foram enviados, após a notícia que publicámos no passado dia 2, pelos nossos leitores Belmira Pereira da Silva (500 escudos), anónimo (dois contos), Fernando Braz Soler (dez contos) e Maria Fernanda Rocha Brito (cinco contos).

Cargueiro com armas portuguesas foi avistado ao largo de Creta

O navio alemão-federal «Gretl», que no passado dia 6 esteve atracado no porto de Setúbal e cuja viagem foi cancelada por se suspeitar que transporte. ilegalmente armas portuguesas para o Irão, foi avistado ao largo de Creta. Um porta-voz do Ministério dos Transportes da RFA afirmou ontem numa conferência de Imprensa que o cargueiro interrompeu, aparentemente, a sua deslocação para o Irão mas não responde ao contacto por rádio lançado pelas autoridades de Bona. A mesma fonte referiu existirem «suspeitas» de que o navio violou as leis da Alemanha Federal que proíbem a exportação de armas e munições para países em guerra e que atingem os navios nacionais, mesmo a operar para terceiros, como é o caso.

Durante o passado fim-de-semana o «Gretl» foi proibido de seguir para o Irão, a pedido dos seus proprietários, após terem sido contactados pelo governo alemão-federal. O porta-voz disse desconhecer o actual paradeiro do navio mas outras fontes governamentais geralmente bem informadas declararam que ele foi apresado em Creta

Devido à exiguidade do Tribunal da Comarca

Julgamento de sete falsários na Casa do Povo de Monchique

Sete pessoas acusadas de tentar falsificar notas de mil e cinco mil escudos começaram ontem a ser julgadas em Monchique. O pleito, com jurados, está a decorrer no salão de festas da Casa do Povo daquela localidade algarvia, devido à exiguidade das instalações do tribunal da comarca, mas das cerca de 600 pessoas que desejavam assistir à primeira audiência, apenas 60 puderam entrar.

Os réus (Salvador Guerreiro, de 54 anos, a sua mulher Amália Guerreiro, de 52, Américo Pereira, de 42, Carlos Jacinto, de 22, José Rodrigues, de 25, Manuel Borralho, de 26 e César Machado, de 32) foram detidos pela Polícia Judiciária há cerca de um ano, tendo sido encontradas em seu poder notas ainda não concluídas no valor de 1,5 milhões de contos.

O tribunal é presidido pelo juiz do Círculo Judicial de Portimão, dr. Norberto Brito Câmara.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

LISBOA (**Do nosso enviado especial**) — *A estada dos príncipes neste País viu-se marcada por alguns pormenores insólitos. Os quais, diga-se de passagem, não foram suficientes para quebrar a boa disposição do régio casal.*

Lá em seu palácio eles riam muito, outrora, quando a Augusta Mãe lhes contava a história da esferográfica.

Recorde-se, pois a memória dos povos é curta: quando sua Augusta Mãe por aqui andou e lhe pediram para assinar o ponto, passaram-lhe para as enluvadas mãos uma caneta, supõe-se que republicana, pois se recusou obstinadamente a escrever. A rainha, entre dentes, sorriu como a significar que não tinha importância.

Na História de todos os povos, como na história de todos os homens, há sempre momentos em que a caneta, por mais que se queira, não funciona.

Desta vez, também a princesa leva com que entreter os serões de seus monótonos palácios.

Primeiro, foi o automóvel da vigilância que empanou. Era pesadíssimo, todo blindado. Foi levado a pulso pelos garbosos e empenachados agentes enquanto a princesa sorria, feliz e bem comportada como as meninas da Condessa de Ségur.

Depois, o carro majestoso que os levaria ao Castelo, não cabia nas ruas. O presidente da Câmara dispôs-se a alargá-las o suficiente, requisitando para o efeito, cinco mil «buldozeres».

Mas, devido ao facto de a princesa ser alérgica ao pó, resolveram antes mudar de carro, gentilmente cedido pelos espanhóis, num gesto de boa-vontade que certamente pesará nas negociações do berbigão e da amêijoa.

A principal preocupação da precavida, próvida princesa, era o laço do Presidente da República, sempre torto. No pescoço deste homem ainda se notam recentes vergões de um laço que quase o ia asfixiando.

Finalmente, aquando da inauguração daquele retrato de uma veneranda antepassada, foi o caso da cortina que não queria descerrar-se. O príncipe puxava a corda, tornava a puxar a corda, e a cortina, pois sim, rala-te! E a princesa, entre dentes, sorria.

Daqui a uns anos, quando forem velhinhos, a então rainha há-de dizer ao então rei:
— Lembras-te, querido, lembras-te daquele país da corda? . . .

Mensagem de Soares ao Congresso sobre a Inquisição

A história deve ser assumida com inteireza e verdade

Nuno Ribeiro

A história deve ser assumida com inteireza e verdade, considerou o Presidente da República na mensagem enviada ao 1º Congresso Luso-Brasileiro que esta manhã iniciou os seus trabalhos na Fundação Calouste Gulbenkian. Ao longo de quatro dias de trabalho, mais de 150 Congressitas dos mais diversos países, vão trocar informações e fazer o balanço do estudo da Inquisição em Portugal.

«A história dos povos molda-lhes o carácter e define-lhes a identidade; deve, por isso, ser assumida com inteireza e verdade, quer nas suas claridades e glórias, quer nas suias sombras e fraquezas», sublinha a mensagem enviada por Mário Soares e que foi lida na sessão de abertura pela coordenadora do Congresso, Maria Helena Carvalho dos Santos.

Depois de considerar que «o estabelecimento da Inquisição em Portugal (...) inaugurou úma época trágica na nossa história, cujos efeitos ainda hoje se fazem sentir», o Presidente da República sublinhou que «em nome de altos ideais, cometeram-se actos que frontalmente os negavam». «Invocando princípios religiosos, ofenderam-se preceitos fundamentais como aquele que manda amar e respeitar o próximo como a nós mesmos», prossegue a mensagem de Soares, fazendo, de seguida, a ponte com momentos da história recente dos povos.

«O século XX, caracterizado por tantos e tão prodigiosos progressos nos domínios científico e tecnológico, assistiu todavia ao despertar trágico de fenómenos massivos de fanatismo e tirania», acentuou o Presidente da República para quem, «a sociedade livre e de progresso que queremos construir tem de erradicar definitivamente a tentação inquisitorial, pois funda-se no respeito pela diversidade, pelo pluralismo e pelo outro».

Perderam-se os processos de Goa

Na sessão de abertura discursou ainda Raul Rego. Referindo-se á iniciativa, Raul Rego acentuou o facto de «meia dúzia de vontades firmes empenhadas em mostrar um período de intolerância em Portugal e no Brasil», conseguiram realizar o Congresso.

Num balanço crítico aos estudos realizados no nosso país, Raul Rego comentou, com azedume, que enquanto «os trabalhos realizados em Espanha permitiram já empreender a história do Tribunal de Santo Ofício no país vizinho, em Portugal as Universidades e os Institutos não criam equipas para tratarem os 40 mil processos da Torre do Tombo».

Este facto, «permitiu», entretanto, que «se tenham perdido os processos referentes a Goa», perda grave porque, como sublinhou o orador, «estudar as perseguições de outrora é conhecermos as perseguições do nosso tempo». E, resumindo tempos históricos diferentes, unidos pela marca da intolerância, Raul Rego finalizaria referindo «que não é a unicidade da fé religiosa ou política que faz a riqueza das pessoas».

Entretanto, o «DL» apurou que o convidado de honra Elie Wiesel, Prémio Nobel da Paz de 1986, não se pode deslocar a Portugal apesar dos contactos estabelecidos com os organizadores do Congresso terem sido iniciativa sua.

Apesar desta falta, o programa irá decorrer como o previstó, com destaque para o inicio dos trabalhos e para a inauguração, no fim da tarde de hoje, de uma exposição sobre o tema quer estará patente ao público na Biblioteca Nacional.

Maria Helena Carvalho dos Santos rodeada popr investigadores brasileiros: a ponte funciona no estudo da Inquisição

A inquisição de A a Z

Os temas propostos e as mesas que, a partir desta tarde se irão ocupar de vários aspectos, propõem um estudo da inquisição de A a Z. Os organizadores, tendo avançado uma grelha temática-Inquisição, Problemática e Factos, Inquisição e Poder, Inquisição, Artes, Letras e Pensamento, Inquisição e Direito Processual, Inquisição, Tortura e Direitos Humanos, Inquisição e Judaísmo e Inquisição e Sociedade-, foram confrontados com o aparecimento de várias comunicações abordando outras problemáticas. Entre elas, Inquisição e Heresias, Inquisição, Sexualidade e Moralidades, a Inquisição e as Mulheres, a Inquisição em Portugal, comportando referências obrigatórias ao Brasil e Goa, em Espanha e no Perú.

Divididas por quatro dias, no total serão apresentadas mais de 150 comunicações de 69 congressistas portugueses, 32 espanhóis, 30 brasileiros, 11 franceses e nove vindos de países tão diversos como a índia e os Estados Unidos, o Perú e a Itália, a Inglaterra e Israel.

Se os números e a participação são impressionantes, a segunda iniciativa da Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, conseguiu congregar uma multiplicação de ajudas particulares e, pela primeira vez no nosso país irá fazer um balanço.

«Para lá das comunicações, penso que este Congresso vai fazer o ponto da situação dos conhecimentos e fazer propostas de metedologia num campo que ainda está em aberto», declarou ao «DL» Maria Helena Carvalho dos Santos.

E, se no próximo dia 23 de Maio, passam 450 anos da bula papal que institucionalizava a Inquisição, á abordagem científica do tema em Portugal escasseia. Pilares fundamentais de investigação já existem, bastando recordar o trabalho de Alexandre Herculano, «História da Inquisição em Portugal», mas foruns de troca de ideias e balanços de estudos não têm ocorrido. Situação curiosa se comparada com a que se vive em Espanha, onde os 500 anos de institucionalização do Santo Ofício foram precedidos da realização de mais de dez colóquios.

Naturalmente limitado durante a ditadura, o estudo da Inquisição tem ainda alguns escolhos pela frente. Falando em nome pessoal, Maria Helena Carvalho dos Santos revela «não ter medo de poderes ocultos», sublinhando que «como estudiosos temos em cima de nós um peso de uma ditadura que via a cultura como um subproduto».

Mas os problemas subsistem, o estado dos arquivos irá motivar um novo alerta e, segundo apurámos, algumas pistas de soluções. De facto, duas comunicações colectivas irão propor soluções para o estado caótico dos nossos arquivos, tema que tem vindo a ser denunciado pelos mais diversos investigadores.

«Há um ficheiro na Torre do Tombo de onde desapareceram 600 fichas, e a única solução é usar a informática, recorrermos à história quantitativa», revelou Maria Helena Carvalho dos Santos. «Em documentação, segundo consta, ainda existem fardos por desbravar», prosseguiu.

Um jornalista estuda António José da Silva

Uma das novidades deste Congresso é que ele se realiza em dois tempos: o primeiro, durante esta semana, tendo como palco os auditórios e salas da Fundação Calouste Gulbenkian, e o segundo a decorrer em São Paulo, entre 20 e 23 de Maio. Daí, a presença de inúmeros investigadores brasileiros que, nas mais diversas abordagens, tratarão de vários aspectos da Inquisição.

A este propósito, Anita Novinsky, referiu que a Inquisição em Portugal e no Brasil «era um único fenómeno que partia daqui, e era aqui que os réus brasileiros eram julgados». «No entanto», prosseguiu, «no Brasil podemos traçar características peculiares: os inquisidores mandavam os seus funcionários que, em vez de servirem a Inquisição, iam folgar junto dos seus antigos compatriotas».

Apesar deste aspecto «curioso», a especialista da Universidade de S. Paulo acentuou que «a Inquisição se estendeu a todo o Império», sublinhando «que foi mais fecunda no Brasil, onde se concentrava o maior número de cristãos novos que viram os seus bens confiscados».

Do Brasil chegarão também outras comunicações, e se uma delas aborda a Inquisição de um ponto de vista económico, sustentando que em Portugal não houve acumulação de capital pois as redes que se constituam eram desbaratadas pelas confiscações de bens, outra tem como tema central António José da Silva, «O Judeu». Alberto Dines, um ex-jornalista profissional que a ditadura e a censura «empurraram» para a elaboração de biografias, é o autor desta comunicação.

Para os historiadores brasileiros, como sintetizou Leopoldo Jobin, Presidente da Sociedade Brasileira de Estudos do Século XVIII, que nasceu com o apoio da sua congénere portuguesa, «a história brasileira do século XVIII só se entende se se estudar a história portuguesa do mesmo período, e penso que o inverso é igualmente válido».

É precisamente este intercâmbio com o Brasil, e o contacto com os resultados do trabalho de, entre outros, investigadores espanhóis e franceses, que vai constituir a «primeira parte» do Congresso Internacional sobre a Inquisição.

Protocolo garante colaboração da CML

Um protocolo assinado entre a Câmara Municipal de Lisboa e a Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII garantiu a colaboração do Município no 1º Congresso Luso-Brasileiro sobre Inquisição.

Assim, o documento ontem assinado por Nuno Abecasis e Maria Helena Carvalho dos Santos garantiu a participação da Câmara de Lisboa numa recepção para 120 convidados, numa visita guiada dos congressistas ao Museu da Cidade, a oferta de uma lembrança ou publicação sobre Lisboa aos congressistas e, mais importante, o filme «video-cassette» necessário para seis horas de projecção da gravação das actividades do Congresso em Lisboa e S. Paulo, cidade para onde será enviado a custas do Município um operador de video.

Por seu lado, de acordo com o texto do protocolo, a Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII compromete-se a proceder à montagem e preparação da gravação para projecção e a dirigir as gravações.

O protoclo refere, ainda, que ao longo do ano de 1987, a Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, em colaboração com a edilidade, irá promover a divulgação cultural junto do público e dos meios académicos.

CARNAVAL

EXCURSÕES ESPECIAIS
AUTOPULLMANS DE LUXO ★ HOTÉIS DE 1.ª

ANDORRA • MADRID • ZARAGOZA
5 DIAS — DE 28/2 A 4/3 ..... Preço: 33 900$00
CÓRDOBA-GRANADA
4 DIAS — DE 28/2 A 3/3 ..... Preço: 27 500$00
SANTIAGO DE COMPOSTELA E VIGO
4 DIAS — DE 28/2 A 3/3 ..... Preço: 15 900$00
MADRID • ESCORIAL • VALE DOS CAÍDOS
4 DIAS — DE 28/2 A 3/3 ..... Preço: 24 900$00
SALAMANCA E CÁCERES
3 DIAS — DE 1 A 3 DE MARÇO ..... Preço: 19 900$00
CEUTA • SEVILHA
3 DIAS — DE 1 A 3 DE MARÇO ..... Preço: 20 900$00
SEVILHA • CÓRDOBA
3 DIAS — DE 1 A 3 DE MARÇO ..... Preço: 16 900$00
SANTIAGO DE COMPOSTELA
3 DIAS — DE 1 A 3 DE MARÇO ..... Preço: 13 900$00
AMENDOEIRAS EM FLOR (BARCA D'ALVA)
3 DIAS — DE 1 A 3 DE MARÇO ..... Preço: 14 500$00
SERRA DA ESTRELA (GRANDE CIRCUITO)
3 DIAS — DE 1 A 3 DE MARÇO ..... Preço: 14 750$00
MINHO • GERÊS • CANIÇADA
3 DIAS — DE 1 A 3 DE MARÇO ..... Preço: 13 500$00
ALTO MINHO E TUY
3 DIAS — DE 1 A 3 DE MARÇO ..... Preço: 8 900$00
AMENDOEIRAS EM FLOR (BARCA D'ALVA)
2 DIAS — 1 E 2 DE MARÇO ..... Preço: 9 900$00

ALMOÇOS REGIONAIS

QUINTA DE PEGADA
1 DIA — 1 E 3 DE MARÇO ..... Preço: 2 900$00
HOTEL GOLF-MAR
1 DIA — 1 E 3 DE MARÇO ..... Preço: 3 250$00
BANQUETE REAL (CASTELO DE OURÉM)
1 DIA — 1 E 3 DE MARÇO ..... Preço 3 400$00

PEÇA PROGRAMA DETALHADO NO SEU AGENTE DE VIAGENS OU NA
AVIC
CONCEDEMOS DESCONTO ESPECIAL
AOS PORTADORES DO CARTÃO JOVEM

Acordo antidroga com países do Norte de África

O secretário de Estado da Justiça, Garcia Marques, anunciou segunda-feira em Viena que Portugal tenciona realizar um acordo de segurança antidroga com países do Norte de África.

Garcia Marques, que discursava no Centro Internacional de Viena das Nações Unidas, no âmbito da Comissão de Estupefacientes da ONU, referiu que uma das medidas de combate ao tráfico de droga em Portugal «será o reforço da fiscalização do movimento de barcos em alto mar», e outra a conclusão de acordos bilaterais de cooperação com diversos países.

Aquele secretário de Estado precisou que, depois de Portugal «ter acabado de concluir um acordo bilateral na matéria com a Espanha», existe o propósito de «proceder de igual modo com outros países da sua área geográfica, por exemplo os países do Norte de África, e do seu espaço cultural».

Garcia Marques indicou ainda a criação de uma comissão interministerial para o reforço da coordenação de acções de combate, colocando estas e as outras medidas anunciadas entre «as que o Governo português está determinado a executar durante o ano em curso».

O controlo por meios informáticos do receituário médico relativo a estupefacientes e a substâncias psicotrópicas será outra das medidas antidroga a desenvolver este ano pelo Governo português.

O director do Centro de Estudos da Profilaxia da Droga, Joaquim Rodrigues, também presente na reunião de Viena, sublinhou que existem «resistências, quer da parte dos médicos, quer da parte da indústria farmacêutica», à instituição do controlo informático do receituário sobre estupefacientes.

Ao falar na sessão de segunda-feira, o procurador-geral adjunto, Lourenço Martins, manifestou-se contrário à inclusão nos projectos em discussão naquela assembleia ministerial de uma cláusula que exigiria aos funcionários públicos e privados, bancos e estabelecimentos parabancários e outros a obrigação de assinalar, por sua iniciativa, todas as actividades suspeitas de branqueamento, dissimulação ou transporte de fundos provenientes do tráfico ilícito de droga.

Nesta matéria, Lourenço Martins preconizou que os poderes das autoridades judiciais e os correspondentes deveres dos organismos públicos e privados deveriam ser rigorosamente definidos.

Jósé Niza, do Centro de Estudos da Droga, que faz parte da delegação portuguesa, propôs que o Centro de Audiovisuais das Nações Unidas passe a recolher de todos os países os materiais resultantes das campanhas de televisão e outras que se relacionem com o consumo de drogas.

Esta reunião de Viena, iniciada sexta-feira e que termina quarta-feira, tem a participação de delegações ministeriais de 150 países, e está a preparar a Conferência Mundial sobre o Abuso e o Tráfico Ilícito de Drogas, que se realizará em Junho próximo.

"Marcha para Lisboa" talvez em 10 de Março

REFORMA AGRÁRIA PREPARA DEBATE DE "CULTURAS DE PRIMAVERA"

«Desenvolver a produção; realizar uma boa campanha de culturas de Primavera; fazer parar a destruição da Reforma Agrária» é o lema do Encontro de Culturas de Primavera, este ano descentralizado e que na passada sexta-feira teve, como é do conhecimento público, o seu primeiro plenário, no Teatro Curvo Semedo, em Montemor-o-Velho. O Encontro discutirá a realização de uma Marcha para Lisboa, em 10 de Março próximo.

Promovido pelos Secretariados e Uniões das UCP's/Cooperativas Agrícolas e os Sindicatos de Trabalhadores da Agricultura dos Distritos da Zona da Reforma Agrária (Beja, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal), o Encontro de Culturas de Primavera tem dois plenários na próxima sexta-feira, dentro do espírito de descentralização que presidiu à sua edição deste ano. Na Casa do Povo, de Avis, e no Solar dos Salemas, em Alcácer do Sal, decorrerão a partir das 10 horas da próxima sexta-feira os referidos plenários. No dia seguinte (21) será a vez de Beja, também a partir das 10 horas, na Casa de Cultura local.

Como acima se disse, o Encontro visa definir — e já começou a fazê-lo em Montemor-o-Novo — orientações para a próxima campanha e debater igualmente a actual situação do processo de destruição da Reforma Agrária pelo Governo, «à luz da intensificação da ofensiva pelo MAP e do processo de discussão na Assembleia da República, na especialidade, dos projectos de lei da Reforma Agrária» — afirma o Secretariado das UCP's/Cooperativas Agrícolas.

Neste quadro será também discutida a realização da Marcha para Lisboa no próximo dia 10 de Março, preparando-se entretanto os trabalhadores para se lançarem de novo ao trabalho para uma «boa campanha de culturas de Primavera», apesar — adverte o secretariado — das «muito difíceis condições de trabalho e da instabilidade e insegurança provocada pela política ilegal do Governo de Cavaco Silva e do ministro Barreto».

Barreto ataca Cooperativa Margem Esquerda

«O ministro Álvaro Barreto prepara-se para destruir a UCP Margem Esquerda, lançando para o desemprego, a fome e a miséria noventa trabalhadores e suas famílias», afirmam os próprios trabalhadores da cooperativa em comunicado.

Aquela UCP recebeu no passado dia 11 uma notificação dos serviços do MAP para entrega hoje mesmo de 1303 hectares a seis (supostos e por isso chamados) jovens agricultores, abrangendo várias herdades. A iniciativa do MAP diz a Margem Esquerda em comunicado, tem «a pretensa intenção de os jovens explorarem a terra sob a forma de agricultura de grupo».

A Cooperativa/UCP identificou entretanto os jovens e aqui no-los apresenta, bem como as suas idades e residências: José Maria Saselfeld, de 30 anos, residente em Lisboa; José Domingos Vasco Pena, de 24, residente em Cuba; Maria Cristina M. Fernandes, de 22 anos, de Serpa; Vítor Manuel C. Lopes Direito, de 23 anos, da Parede; António José Carrapeto Crista, de 19 anos, do Redondo, e Manuel António Nunes Guerreiro, de 25 anos, residente em Beja.

Pergunta a Margem Esquerda: «Então o ministro da Agricultura não tem vergonha de cometer tão grave injustiça e ilegalidade, tirando o pão a dezenas de famílias para entregar a terra a pessoas que nunca tiveram nada a ver com a agricultura?»

"Excelente ambiente humano entre guardas e reclusos"

Deputados PSD declaram cadeia de Santa Cruz do Bispo bem organizada e funcional

Deputados do PSD, que visitaram ontem o Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo, arredores do Porto, consideraram a cadeia «bem organizada» e com «um excelente ambiente humano entre guardas e reclusos».

Manuel Moreira, Antonieta Moniz, Domingos Sousa, Arlindo Moreira, Alberto Araújo, Manuel Martins e Tavares Lima, oito dos 12 deputados sociais-democratas pelo círculo eleitoral do Porto, demoraram cerca de três horas na visita que efectuaram, primeira das quatro que tencionam realizar aos estabelecimentos prisionais da região.

«Esta cadeia está bem organizada, funcional, devendo-se o facto à acção do seu director e restantes colaboradores», afirmou, no final da visita, Manuel Moreira, em representação dos restantes parlamentares, em declarações à Lusa.

O deputado acrescentou terem constatado «a existência de um excelente ambiente humano entre guardas e reclusos», salientando «viver-se um espírito de comunidade» no estabelecimento prisional.

Algumas carências foram, no entanto, apontadas pelos parlamentares, nomeadamente a antiguidade das instalações a necessitarem «obras urgentes», e ainda o facto do anexo psiquiátrico, que funciona na cadeia de Santa Cruz do Bispo, ser «muito desagradável», pois, acentuaram, «não tem aquecimento e as celas são muito exíguas para os três reclusos que contêm».

Na ocasião, Manuel Moreira revelou que este ano vai ser atribuída ao Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo uma verba de 11 mil contos, precisamente para a execução das obras mais urgentes.

Em situação de regime aberto voltado para o interior encontram-se, neste momento, 68 reclusos e nove no regime aberto exterior.

Há ainda dezenas de detidos que beneficiam de saídas precárias semestrais, no máximo de oito dias, desde que tenham cumprido já um quarto da pena e tenham bom comportamento.

O director do estabelecimento disse que este sistema tem funcionado «muito bem» naquele estabelecimento e que, «salvo casos pontuais», não existem casos de droga em Santa Cruz do Bispo e «mesmo casos de homossexualidade são em número reduzido».

«Todos trabalham, de vez em quando beneficiam de saídas precárias, o que permite uma descompressão da situação de detenção» — referiu Avelino Marques.

Os presos desenvolvem tarefas na pecuária (vacarias, pocilgas e criação de novilhos), na agricultura, em oficinas manuais e na manutenção do estabelecimento prisional.

Cento e dezasseis pessoas asseguram o funcionamento do estabelecimento prisional de Santa Cruz do Bispo, das quais cerca de 70 em acção de vigilância.

Existem ainda assistentes sociais, pessoal do sector da educação e ensino, médicos (psiquiátrico e clínica geral) e enfermeiros.

A média de evasões é diminuta: duas em 1986 e apenas uma em 1985. Casos de suicídio não ocorrem naquela prisão há bastantes anos.

Diariamente, os reclusos, para além das sete horas de trabalho, têm entre duas a quatro horas de lazer e convívio, cinema ao sábado à tarde, e recreio e visitas ao sábado e domingo de manhã e, alternadamente, ao domingo à tarde.

Com 36 hectares, o Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo funciona desde 1946.

Ano Europeu do Ambiente

Liga da Natureza avança com programa para as escolas

A Liga para a Protecção da Natureza avançou recentemente com um prograa dirigido às escolas no quadro do Ano Europeu do Ambiente, que tem lugar até Março de 1988. A Comissão de Ensino da LPN estabeleceu contactos com inúmeros estabelecimentos de ensino e recebeu cem respostas positivas, soube o «DL» junto da organização.

Dentro desse âmbito — e do programa — estão em preparação duas publicações para serem distribuídas, «As Aves das Nossas Cidades» e «Manual de Experiências sobre Poluição Atmosférica», a primeira das quais já em fase de impressão. A LPN tem ainda várias colecções de postais sobre a Costa Sudoeste, árvores (floresta portuguesa) e zonas ribeirinhas.

Aliás, árvores e florestas é um tema que interessa particularmente à Liga para a Protecção da Natureza, para além do seu (óbvio) interesse ecológico. A LPN defende, a propósito, que apenas cerca de trinta por cento da área de Portugal continental tem características apropriadas à agricultura, devendo o resto destinar-se a floresta e pastagem.

Porquê esta iniciativa da LPN, recentemente eleita para o Secretariado Europeu do Ambiente (EEB), junto das escolas portuguesas?

A própria LPN o explica ao «DL»:

«Com o agravamento progressivo das questões ambientais, o crescimento da população, a degradação das paisagens, os atentados ao património e o maltratar dos recursos naturais que diariamente se verificam, consideramos necessária a intervenção activa de todos para salvar o que resta e inverter a marcha dos acontecimentos. Só as populações locais, devidamente informadas e alertadas para a situação, poderão — conhecendo de perto as regiões e os seus problemas específicos — defender o seu património, salvar e gerir os seus recursos. Essa informação deverá ser dada aos jovens quanto mais cedo melhor. O ideal seria logo na Escola Primária. Mas como tal não nos é, infelizmente, possível no momento actual, abordámos as escolas preparatórias e secundárias.»

Note-se que Portugal subscreveu diversas convenções internacionais (Bona e Ramsar, entre outras) sobre conservação da natureza que, embora publicadas no «Diário da República», têm sido pouco divulgadas. Fala-se muito na nossa «integração europeia», mas pouco se sabe sobre o que implica. Avança a LPN: «Pretendemos divulgar tudo isso e sobretudo os aspectos ambientais».

Catedrático denuncia, Câmara está atenta

POLUIÇÃO NO BARREIRO MATA LENTAMENTE

«Não há números concretos sobre as mortes provocadas pela poluição, mas que se morre com relativa facilidade nesta terra, e sem se saber porquê, isso é indesmentível», disse esta manhã ao «DL» um vereador da Câmara Municipal do Barreiro. A afirmação de um catedrático da Faculdade de Ciências de Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa de que «as pessoas que no Barreiro aspiram o ambiente poluído vão morrendo lentamente», preocupa quem lá vive e, naturalmente, a edilidade local.

O Prof. Leonel Canelas Duarte afirmou ontem no Salão Nobre da Câmara Municipal de Setúbal que «a entrada de Portugal na CEE conduz a que, a partir de 1988, qualquer empresa industrial que se pretenda implantar no País terá que ser precedida de um estudo de impacto ambiental», segundo o relatório que ele próprio elaborou para a Comunidade Europeia sobre o ambiente em Portugal.

Aquele professor da Universidade Nova de Lisboa referiu que, «no aspecto da poluição, não basta chamar a atenção para os problemas de saúde. A Quimigal gasta milhares de contos na preservação das fábricas. A agricultura também é afectada, mas, em Portugal, os prejuízos da poluição atmosférica ainda não são quantificados».

Canelas Duarte disse a propósito: «Vamos começar a pagar a poluição. É um falso problema quando as empresas referem que o combate à poluição as inviabiliza, pois trata-se de problemas de educação e cultura».

Na sua intervenção, perante a cerca de meia centena de assistentes, Leonel Canelas Duarte referiu que «a permissividade tem permitido que as nossas indústrias façam poluição com facilidade».

A poluição do ar e da água há muito que está no centro das preocupações ambientais da Câmara Municipal do Barreiro, pelo que de atentatório constitui paa a saúde dos seus habitantes — disse-nos o vereador António Nascimento Amado, que considerou a Quimigal, de que atrás nos fala o prof. Canelas Duarte, como «o principal centro poluidor do concelho».

A poluição do Barreiro, onde as pessoas vão morrendo lentamente e, pelo menos, têm menos anos de vida, será um dos temas em foco na reunião que a câmara municipal no sábado promoverá com representantes da Comunicação Social. Um outro assunto a equacionar é o que respeita ao funcionamento do novo Hospital Distrital do Barreiro, sobre o qual o «DL» se debruçou recentemente e que no caso das consequências da poluição na saúde das pessoas terá importante papel a desenvolver se não forem tomadas medidas preventivas de fundo.

Comissão do Ar empossada na 5.ª feira

De tal modo a Câmara Municipal do Barreiro está empenhada na saúde da população concelhia e na sua qualidade de vida que tem em funcionamento uma Comissão Municipal de Ambiente e pensa criar uma Comissão Municipal de Saúde.

Alguns problemas se lhe deparam neste aspecto, ainda segundo o vereador António Nascimento Amado, um deles é o facto de só dispor de um delegado e um subdelegado de Saúde quando as suas condições, área e população, impõem que ao seu serviço tenha dois delegados e cinco subdelegados de Saúde.

Apesar de todas as contrariedades, a edilidade barreirense já conseguiu algo e, pelo menos no tocante à defesa do ambiente, tem uma comissão municipal em funções. No entanto, a partir de quinta-feira passará a dispor então de uma Comissão de Gestão do Ar, conjuntamente com o Município do Seixal. O próprio secretário de Estado do Ambiente, Carlos Pimenta, deslocar-se-á ao Barreiro para conferir posse à nova Comissão de Gestão do Ar, ficando a água, tal como corre no Tejo, vulnerável a todas as suas fontes poluidoras, aos mais desmandados detritos.

Urge legislação para equipamentos

Aquele vereador da CM do Barreiro deposita grandes esperanças da Comissão de Gestão do Ar a empossar depois de amanhã por Carlos Pimenta, mas tem algumas reticências sobre a eficácia das suas funções.

António Nascimento Amado frisou esta manhã ao «DL» que sem uma legislação que obrigue às alterações técnicas das fábricas no seu equipamento, os resultados da luta contra a poluição serão sempre insuficientes e até duvidosos. «Enquanto não houver legislação desse tipo, pouco poderá ser feito», acrescentou.

Por isso, a referida Comissão terá um papel de alerta, de denúncia de situações que atentem contra a saúde, uma missão crítica, portanto. «Nada ou muito pouco poderá fazer para impedir a poluição, mas denuncia-la-à», afirmou aquele vereador.

Fórmulas não correspondem a rótulos

Nem tudo vai bem no reino das farinhas

«O teor de alguns nutritentes de certas fórmulas de farinhas compostas industrializadas são diferentes dos declarados nos rótulos das respectivas embalagens» — afirma o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor.

Foi pelo menos essa a conclusão a que chegaram seis especialistas do Instituto Nacional de Saúde (INSA) que estudaram laboratorialmente a composição, valor alimentar e estado higio-sanitário de todas, praticamente todas as fórmulas de farinhas dietéticas e outras farinhas industrializadas à venda em Portugal. Note-se que as farinhas dietéticas para lactentes e crianças, e outras farinhas especiais destinadas a adolescentes e adultos (farinhas compostas industrializadas), apresentam características organolépticas, só assim se justificando a análise dos seis especialistas do INSA: Eugénia Amaral, Ricardina Dantas, Maria do Rosário Nogueira, Maria Antonieta Camacho, Maria do Rosário Novais e Maria de Lourdes Costa.

Aquelas seis especialistas estudaram um total de 704 amostras das diferentes fórmulas, procedendo-se em 337 dessas farinhas à determinação da composição e dos conteúdos mineral e vitamínico, enquanto em outras 367 foram avaliadas as características higiénicas e microbiológicas. Todas as amostras apresentaram caracteres organolépticos normais. «No entanto — dizem os seis especialistas, segundo o INDC — há fórmulas cujo teor de alguns nutrientes é diferente dos valores declarados nos rótulos das respectivas embalagens, enquanto outras necessitariam de ser ajustadas na sua composição».

Aliás, os laboratórios do INSA têm vindo a dedicar uma atenção particular aos produtos dietéticos, controlando a qualidade das farinhas, nesse aspecto. A sua vigilância estende-se aos diferentes tipos de fórmulas destinadas à alimentação infantil, quer já comercializadas quer, por vezes, a nível do próprio fabrico. Essa a razão — diz o comunicado do INSA — por que os laboratórios «dispõem de análises de toda a gama daquele tipo de produtos que há vários anos são consumidos pelas crianças portuguesas».

A INSA sublinha que os produtos «Maizena», produzidos pela «Knorr», estão de acordo com o mencionado nas respectivas embalagens, sendo o seu conteúdo vitamínico mais elevado que o declarado. As três variedades estudadas contêm baixo teor proteico e alta percentagem em sacarose. Os produtos «Milupa», nota o Instituto, «apresentam algumas disparidades entre a composição analítica média encontrada e a indicada nos rótulos».

Clube Português de Imprensa

Prémios de Jornalismo/86

Prémio de Reportagem — **valor 300 000$00**

Prémios de Foto-Reportagem — **valor 150 000$00**

Apoios — **EPNC, PRESSELIVRE, RENASCENÇA GRÁFICA, SOJORNAL, PROJORNAL, EMPRESA DO JORNAL NOTÍCIAS SARL, INTERPRESS, VASP, IMPRENOVA, SELECÇÕES DO READER'S DIGEST, DIRECÇÃO-GERAL DA COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Prémio Europa — **valor 500 000$00**
1 viagem a Bruxelas com visita à sede da CEE
Edição em livro do trabalho premiado
(Texto original sobre a adesão de Portugal às Comunidades, com o mínimo de 120 páginas dactilografadas)

Apoios — **CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS E COMUNIDADES EUROPEIAS**

Prazo de entrega — **31 de Março**

Prémio Ensaio — **valor 250 000$00**
(Destinado exclusivamente a estudantes de Comunicação Social. Trabalho original sobre os «media», com o máximo de 40 páginas dactilografadas)

Apoio — **PRESSELIVRE**

Prazo de entrega — **31 de Março**

Prémio Viagem — **1 viagem para duas pessoas à escolha do vencedor, no País ou na Europa, nas rotas da TAP**
(Crónicas de viagem publicadas em 86)

Apoio — **TAP-AIR PORTUGAL**

Prazo de entrega — **28 de Fevereiro**

Uma criança gravemente ferida pelo ataque iraquiano a Mianeh. A aviação do Iraque bombardeou ontem três cidades do Irão, após ter esmagado a ofensiva iraniana lançada em 9 de Janeiro, anunciou a agência noticiosa INA. O Irão e o Iraque agravaram mutuamente as hostilidades contra concentrações urbanas há cinco semanas, dando início à chama «guerra das cidades».

De 300 crianças soviéticas nascidas depois do acidente nuclear de Chernobyl, 13 sofrem deficiências mentais devido à radiação, informou ontem Robert Gale, perito norte-americano que ajudou muitas das vítimas da tragédia. Gale explicou que as mães soviéticas que residiam na zona de Chernobyl e que estavam entre a oitava e a décima-quinta semana de gestação foram as mais propensas a ter filhos com deficiências. O acidente de Chernobyl em Abril de 1986 provocou a morte a 31 pessoas e a evacuação de 145.000. Os cientistas ocidentais prevêm que nas próximas cinco décadas entre 5.000 a 150.000 pessoas irão sofrer de cancro na URSS e Europa devido à tragédia de Chernobyl.

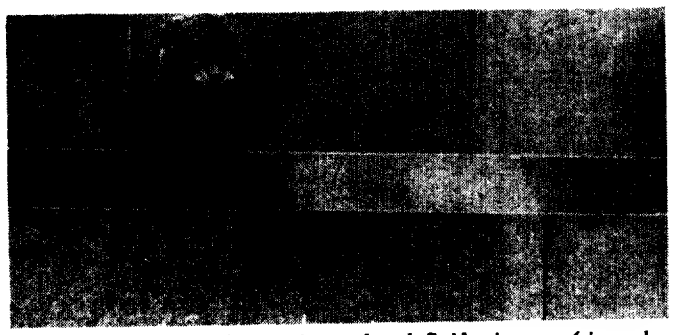
Um jovem casal chinês leva a sua máquina de lavar em cima de uma bicicleta. casais estão a juntar todas as suas economias para comprarem electrodomésticos. Mas casas parece não ser acompanhada pela dos transportes...

As reformas na URSS

Mikhail Gorbachev na corda bamba

Michel Tatu – Le Monde – DL

Reabilitação de Sakharov, libertação de 140 dissidentes, denúncia pública de um responsável do KGB, reinício do movimento de destalinização interrompido durante 20 anos, e, finalmente, a contestação do sistema tradional de eleições no Estado e no partido: tudo o que aconteceu durante os dois últimos meses confirma que alguma coisa, na realidade, se passa no reino dos Sovietes. Mas para além das boas notícias no que respeita aos dissidentes, a «desbrejnivização» em curso levanta algumas questões de ordem geral.



Gorbachev: Ele está consciente das deficiências genéticas do sistema de que se tornou herdeiro, mas as reformas na URSS defrontam-se com uma resistência organizada e poderosa

Primeira observação: os comentadores ocidentais, qualificados à partida como «anti-soviéticos profissionias», viram as suas observações corroboradas à posteriori, e de um modo que ultrapassou as suas expectativas. Na verdade, denunciar a estagnação da vida política e social durante a chefia de Brejnev mais não era do que constatar uma evidência. Mas só alguns elementos mais audaciosos se arriscaram a começar a falar, nos finais dos anos 70, sobre as graves consequências (com o aumento do alcoolismo, da corrupção, etc.), que tal acarretaria para a sociedade soviética. Hoje, esses termos parecem quase anódinos em comparação com os que são utilizados pelo número 1 do Kremlin. Palavras como «petrificação», «fossilização» e «degeneração», são agora empregues com frequência.

Refira-se de passagem que elas demonstram um progresso quando comparadas com a linguagem da primeira vaga de destalinizacão dos anos 50, que durante muito tempo foi coberta com uma capa de eufemismos, como o «culto da personalidade», «dogmatismo», etc.

A linguagem é hoje mais directa, mas tal levanta-nos uma outra observação, deste vez sob a forma de uma interrogação: será que o regime soviético está condenado a breves períodos de franqueza, coincidentes com as suas raras crises de sucessão, para de seguida atravessar de novo longos períodos de escolorose e silêncio? Chegará alguma vez o dia em que os partidos comunistas- e não apenas o soviético- fabriquem o acontecimento de outro modo que não o de reconhecer, com dez anos de atraso, certas verdades, cuja defesa, nesse intervalo, levou algumas cabeças a rolarem?

Quando os mesmos escolhem os mesmos

Mikhail Gorbachev parece estar consciente deste deficiência genética do sistema de que se tornou o herdeiro, uma vez que insiste na necessidade de evitar a repetição dos erros do passado e de encontar «garantias» para que tal seja possível. Façamos-lhe a justiça de considerar que, de facto, ele acertou naquela que é a mais forte garantia para evitar os erros de ontem ou seja, a democratização. Na verdade, é pela transformação democrática do seu sistema político que a URSS poderá deixar de oscilar permanentemente entre o culto da personalidade e o terror, entre o dogmatismo e a reformismo voluntarista, todos eles assentes na estagnação económica, na corrupção e na irresponsabilidade generalizada.

Dito isto, interrogamo-nos onde se enocntra a URSS depois do do «plenário de Janeiro» que parece ser para Gorbachev, salvaguardadas as devidas distâncias, o que o XX congresso , em 1956, foi para Krouschev. Para além das medidas de democratização nas empresas e de uma eventual pluralidade de candidaturas nas eleições para os sovietes, um dos capítilos mais interessantes diz respeito a uma reforma do sistema eleitoral em vigor no partido.

Mas antes de abordarmos as discussões em torno deste aspecto, é bom recordar uma particularidade imutável nas eleições no seio dos partidos comunistas (e não só na URSS): a eleição de braço no ar dos organismos dirigentes e do secretário-geral. Se nos recordarmos que este número um se torna frequentemente no «chefe supremo», no «guia», quano não mesmo no «big brother» de que fala Orwell, se sabemos que esta direcção, colegial ou não, pode fazer e desfazer às carreiras de muitas pessoas, a começar pelas dos seus próprios eleitores que são os membros do Comité Central, não é então indiferente saber em que condições e como cada um vai votar. E compreende-se sobretudo porque é que o sistema de votó de braço no ar é um dos ingredientes do «centralismo democrático», que transformou a eleição das equipas dirigentes num processo de coptação dos mesmos pelos mesmos. O resultado final ou é a ditadura de um só ou a «fossilização» e a gerontocracia.

Um pouco mais que um pequeno golpe

A sugestão de Gorbachev de eleger pelo menos os secretários regionais por voto secreto e de existir mais que um candidato por cada cargo representa neste contexto mais do que um pequeno golpe no sistema. Uma medida sem dúvida mais eficaz foi a que propôs Krouschev, em 1961, que limitou o tempo dos mandatos. Se há, na verdade, uma forma de impedir que os «pequenos chefes» se incrustem nos seus cargos e exerçam um poder descricionário, ela é, sem dúvida, a obrigação de abandonarem os seus lugares após quatro, seis ou oito anos. Dentro da mesma linha, impôs-se então uma certa taxa de renovação em cada eleição (por exemplo, 1/4 para o Politburo e o Comité Central). Mas sabemos o que aconteceu com todas estas medidas, apesar de terem sido aprovadas pelo Congresso e inscritas nos estatutos do partido...

Ora, o actual secretário-geral está longe de ter alcançado o sucesso do seu antecessor de há 25 anos. Não só as suas sugestões vão menos longe, como também não tiveram o aval do Politburo- que apenas se pronunciou prudentemente por «uma nova democratização do processo de formação dos organismos centrais do partido»- nem do Comité Central, que retomou esta fórmula na sua resolução sem se referir ao voto secreto, nem à pluralidade de candidaturas.

É um primeiro sinal de resistência organizada, mas não o único. O Comité Central protege-se ao não referir, na resolução citada, o relatório de Gorbachev. Através de uma dessas fórmulas ambíguas em que são peritos, o CC assegura que « depois de ter ouvido e discutido» aprovou « as conclusões apontadas pelo Politburo sobre a análise da situação anterior a Abril de 1985». Dito de outro modo, o plenário do CC encosta-se às decisões do Politburo, e não às palavras do secretário-geral, o qual é talvez o destinatário da seguinte frase: « É muito importante que hoje nos cinjamos a posições realistas, e que apreciemos objectivamente o que foi feito... O principal é que a nossa actividade se desenrole a partir de planos elaborados e aprovados pelo partido.» Uma sugestão de que Gorbachev se deveria ater a esse mesmos «planos realistas», em vez de ultrapassar os seus pares do Politburo?

A oposição do número dois do PCUS

Sabe-se hoje melhor de onde provêm estas resistências. No que respeita ao voto secreto, a revista teórica do partido, Kommounist, afirmava, em Novembro de 1985: « Nesta altrura, nas organizações de base do partido, todos os problemas, à excepção das eleições, se regulam pelo voto de braço no ar. Como se pode ver, preparamo-nos para introduzir pouco a pouco este voto no partido, mesmo no que respeita às eleições. O que contribuirá para afirmar a sinceridade e a fidelidade aos princípios nas relações entre comunistas».

O artigo refere-se às células de base, enquanto Gorbachev fala hoje do processo eleitoral nos comités de cidades e regiões. Mas o menos que se pode dizer é que as sugestões de Gorbachev e as do autor do artigo são contraditórias. Ora, o autor do texto é Egor Ligatchev, membro do Politburo e número dois do partido.

Tinhamos já levantado a hipótese de que Ligatchev- responsável por grande parte das promoções no partido e principal defensor ds política de « transferência de quadros entre as Repúblicas e as regiões»- poderia estar na origem da nomeação do russo Kolbine para a chefia do partido no Cazaquistão, uma promoção que levou aos confrontos de Alma-Ata. Curiosamente, Gorbachev, que no seu relatório se debruçou precisamente sobre a polítva de quadros, não se referiu sequer a essa «transferência». Pelo contrário, ele debruçou-se sobre os confrontos de Alma-Ata, sobre a necessidade de ter em conta o caracter «delicado» das relações entre nacionalidades, e criticou «certos dirigentes», que abordam este problema «sem o necessário espirito de responsabilidade». Ora, se a resolução do CC censurou várias sugestões do secretário-geral,a verdade ~e que neste capítulo resolveu «enriquecê-las» com uma menção à necessidade da «troca de quadros entre as Repúblicas e regiões».

As divergências Gorbachev- Ligatchev são apenas uma parte de um conflito mais profundo que se trava no seio dos vários aparelhos, mas não deixam por isso de ser relevantes, uma vez que fazem do número dois

a. Milhares de jovens s a modernização das

ma espécie de pólo de tracção para os desconten - es e uma alternativa credível ara o caso de uma rejeição à Krouschev» de que seria ítima o actual secretário-ge - al. Limitemo-nos a contatar ue este tem ideias e recur - os, e que o deixam livre, omeadamente no que respei - a aos dissidentes, para to - ar decisões espectaculares. as não esqueçamos que ne - te espaço de tempo ele já ez bastantes inimigos e que ão receia provocar muitas utras pessoas. Em Mikhail orbachev há um misto de rouschev e de Dubcek (o ider do Partido Comunitsa a Checoslováquia quando da rimavera de Praga em 968)...

Como afirmou Henry Kis - inger, a União Soviética ncontra-se na situação im - ossível do país que se arri - a a atravessar em simul - âneo duas crises: uma crse conómica se nada se fizer ara alterar o sistema, e uma rise política se algo se fizer esse sentido. É claro que om Gorbachev o país está a aminhar nesta segunda di - ecção.

Qual será o futuro? Para ns, tudo joga a favor de um evés: é praticamente impos - vel reformar um sistema olítico que foi erguido pre - isamente para resistir a tu - o, mesmo ao desespero da opulação, às catástrofes conómicas e militares, e até s vontades reformistas do es chefes.

Para outros, tudo acabará or mudar um dia, mesmo e obretudo aquilo que se julga mutável, numa Rússia onde evoluções mais naturais ram sempre injustificada - ente retardadas.

Escolher a segunda tese o significa forçosamente mar os desejos pela reali - de. Ma sem excluir a pótese de que a ocasião de udança que hoje se apresen - pode não ser ainda a dese - da.

Enquanto palestinianos começam a sair dos campos

COMBATES NAS RUAS DE BEIRUTE FAZEM 17 MORTOS E 80 FERIDOS

Milícias pró-sírias defrontaram-se hoje nas ruas de Beirute Ocidental, causando pelo menos 17 mortos e 80 feridos, informaram fontes policiais. Os combates de rua, que a Polícia classificou como os mais graves dos últimos dois meses, envolveram milícias xiitas «Amal», por um lado, e milícias do Partido Comunista libanês e do Partido Socialista Progressista (druso), por outro.

Os combates, que tiveram início ontem à tarde e prosseguiam 15 horas depois, abrangeram dez bairros de Beirute Ocidental, sector predominantemente muçulmano.

Entre os mortos conta-se o condutor de uma ambulância da Cruz Vermelha, que foi alvejado quando transportava feridos para o hospital da Universidade americana, em Beirute Ocidental.

Os três grupos são pró-sírios mas, apesaar do seu apoio ao envolvimento sírio no Líbano e a sua oposição às milícias cristãs libanesas, têm posições políticas diferentes em relação a questões como a presença dos guerrilheiros palestinianos e o cerco aos campos de refugiados.

«Os comunistas e o PSP druso estão convencidos de que o «Amal» foi longe demais na sua guerra contra os palestinianos e o cerco aos campos de refugiados, e isto foi o suficiente para provocar tensão nas suas relações com os xiitas» - disse uma fonte política libanesa.

Refugiados deixam campos

Milhares de palestinianos deixaram ontem campos de refugiados no Líbano depois de a milícia xiita «Amal» ter levantado parcialmente um cerco que durava há vários meses - revelaram fontes locais.

Mais de dez mil pessoas do campo de Rashidiyeh, no Sul do Líbano, fugiram para a cidade de Tiro a fim de se reunirem com familiares e amigos. O campo estava cercado por activistas xiitas há 17 semanas.

Numerosas pessoas abandonaram também o campo de Bourj Al-Barajneh, em Beirute, onde médicos dizem que muitos dos refugiados correm o risco de morrer de fome, tendo já comido todos os cães, gatos e ratos que existiam no local.

A milícia «Amal» anunciou que vai autorizar os residentes de Rashidiyeh a deixarem o campo durante cerca de cinco horas por dia, para fazer compras e procurar assistência médica. Autorizou também a entrada até agora de 30 toneladas de alimentos em Rashidiyeh e de mais de 16 toneladas em Bourj Al-Barajneh.

Uma milícia «Amal» observa uma mulher que foge conjuntamente com os filhos do campo de refugiados de Rashidiyeh

Gemayel em Londres

O Presidente libanês, Amin Gemayel manteve ontem em Londres conversações com a Primeiro-Ministro Margaret Thatcher sobre a situação do enviado anglicano Terry Waite e outros estrangeiros detidos no Líbano, mas disse nada saber sobre o seu paradeiro. No encontro, Gemayel assegurou que o seu Governo «faz o que pode» para ajudar os reféns mas que não sabe onde estão sequestrados.

Entretanto o movimento pró-iraniano «Hezbollah» desmentiu a acusação do líder druso Walid Jumblatt de que teria em seu poder o medianeiro britânico Terry Waite ou outros reféns ocidentais, raptados no Líbano.

O desmentido surgiu dois dias depois de Jumblatt ter apelado ao grupo de fundamentalistas muçulmanos para libertar Waite, desaparecido há quase um mês.

Tratado ABM

EUA preparam resposta ao discurso de Gorbachev

O porta-voz da Casa Branca anunciou ontem que os Estados Unidos vão estudar cuidadosamente o discurso proferido nesse mesmo dia por Mikhail Gorbachev e responder-lhe durante esta semana. Num discurso pronunciado no Forum Internacional sobe Desarmamento reunido na capirtal soviética, Gorbachev acusou os Estados Unidops de tentarem escapar ao Tratado de Mísseis Anti-Balísticos (ABM), interpretando-o de forma a poderem fazer mais testes no âmbito da Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI), conhecida como «guerra das estrelas».

Recentemente, aliados da NATO lamentaram a interpretação que Reagan deu do tratado. Um analista norte-amecricano disse à Reuter que se Washington fez uma proposta formal nesse sentido em Genebra, «então a administração está em apuros». «Os aliados não aceitarão isso e o Congresso, que não foi consultado, também não o aceitará», disse Bill Taylor, perito em armas nucleares no Centro de Estratégia e Estudos Internacionais.

O Congresso norte-americano está a discutir propostas para cortar o financiamento à Iniciativa de Defesa Estratégica se Reagan continuar a esquivar-se à letra do Tratado ABM. A «guerra das estrelas» foi também abordade pelo físico e dissidente soviético Andrei Sakharov, no discurso que pronunciou no forum de Moscovo. Segundo Sakharov. a redução do armamento nuclear não devia depender da evolução do programa norte-americano. O físico argumentou ser improvável que a SDI chegasse a ser posta em prática e que não devia ser um impediemnto aos cortes do armamento estratégico das duas super-potências.

Nicarágua estuda proposta de paz

O presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, anunciou que o seu governo se pronunciará ainda hoje sobre a proposta de paz apresentada pela Costa Rica. Ortega, que participava num encontro com o Conselho latino-americano das Igrejas, disse que os resultados da «cimeira» de São José estão a ser analisados. Na «cimeira» participaram os presidentes da Costa Rica, El Salvador, Honduras e Guatemala, que aprovaram uma proposta onde se recomenda o diálogo interno entra as forças políticas, um processo eleitoral livre e um cessar-fogo entre os países em conflito, entre outros pontos.

Entretanto, o lider «contra» Adolfo Calero, que ontem anunciara a sua demissõa da coligação anti-sandinista «UNO», afirmou que poderá voltar a fazer parte da direcção da «União Nicaraguense Opositora» se forem aceites as condições que formulou. Identificado com os sectores oriundos da ex-guarda nacional somozista, Calero disse que «não regressava à liderança da UNO atè à inclusão na mesma de representantes de todas as forças políticas e militares que se opõem ao regime sandinista.

A criação de uma direcção política única da oposição anti-sandinista de três membros foi imposta pela administração Reagen em 1985, para convencer o Congresso a aprovar o programa de ajuda militar norte-americana aos «contras».Observadores políticos relacionam a demissão de Calero, que defende a luta armada como única forma de derrubar o governo de Manágua, com notícias publicadas na imprensa norte-americana segundo as quais os dois outros lideres da UNO estariam dispostos a aceitar um cessar-fogo para facilitar a reabertura de negociações com a Frente Sandinista.

Ataques cruzados contra série "Amerika"

Atacada por liberais e conservadores, pelo Kremlin e pela ONU, e até por críticos de televisão, começou a ser exibida no domingo a série «Amerika», que foca a situação nos Estados Unidos após dez anos de ocupação soviética. A série, que custou mais de 40 milhões de dólares e que tem uma duração de quase 15 horas, terminará no próximo domingo, após um único dia de interrupção. Alguns críticos de televisão comparam o ambicioso e polémico programa ao sucesso televisivo que foi a série «Roots» (Raízes). Outros, devido à polémica que suscitou, comparam «Amerika» ao «The day after» (O dia seguinte), também produzido pela cadeia ABC. A nova série, em que participa o actor Kris Kristofferson, tem sido sobretudo acusada pelos liberais de fomentar o militarismo e anti-sovietismo. Por seu lado, os conservadores protestaram também porque a maioria dos norte-americanos retratados na série parercem ter aceite sem luta a ocupação soviética. Os protestos começaram antes mesmo do início das filmagens: o Kremlin ameaçou encerrar a delegação da cadeia televisiva em Moscovo se o projecto fosse para diante. Por seu turno, a ONU protestou por a bandeira «amerikana» ter o símbolo da organização e por ser deturpada a função dos «capacetes azuis» (as forças de manutenção da paz das Nações Unidas.

Animada pela AIP e por linhas de crédito

NOVA FASE DE COOPERAÇÃO COM A GUINÉ-BISSAU

Portugal é o principal parceiro económico da Guiné-Bissau, especialmente devido às linhas de crédito que tem concedido regularmente ao país, disse ontem o ministro guineense do Comércio e do Turismo, Manuel dos Santos.

Numa entrevista à agência guineense (ANG), Manuel dos Santos acrescentou que, para além das linhas de crédito, Portugal dispõe da vantagem de dispor de uma gama de produtos coincidente com a procura guineense, como é o caso dos têxteis.

Referindo-se à situação económica do país, Manuel dos Santos referiu que o défice alimentar da Guiné-Bissau é equivalente ao da balança de pagamentos.

Posteriormente, ao abordar as importações do país, Manuel dos Santos revelou que atingem cerca de 80 por cento das necessidades, adiantando que a Guiné-Bissau «consome quatro vezes mais do que exporta», o que leva a carências ocasionais de géneros e outros artigos de primeira necessidade.

No quadro das relações comerciais e industriais com Portugal, as autoridades guineenses regozijaram-se com a visita de uma delegação da Associação Industrial Portuguesa (AIP), fazendo votos para que ela reforce os laços económicos entre os dois países.

Um protocolo de cooperação, assinado no sábado entre o Ministério guineense dos Recursos Naturais e Indústria (MRNI) e a AIP, prevê que à aproximação económica seja feita «dentro de uma progressiva abertura a participação da iniciativa particular nos respectivos sectores industriais».

O documento, assinado pelo ministro Filinto Barros e pelo presidente da AIP, Jorge Rocha de Matos, estipula que as duas entidades concretizem o estabelecimento de relações privilegiadas entre empresários guineenses e portugueses para o desenvolvimento de empreendimentos comuns naquele país africano.

O protocolo propõe que na concretização desse relacionamento privilegiado esteja presente a transferência de tecnologia, designadamente através do estabelecimento de «joint-ventures», que poderão abranger terceiros países.

A AIP comprometeu-se a efectuar diligências junto do Governo português, no sentido de melhorar e aperfeiçoar esquemas financeiros que facilitem os investimentos portugueses na Guiné-Bissau.

A signatária portuguesa comprometeu-se, também, a fornecer formação técnica, a vários níveis, a licenciados oriundos da Guiné-Bissau, bem como a divulgar as potencialidades do país no âmbito das estruturas da CEE.

Promoverá, na medida do possível, a extensão dos programas comunitários e outros adequados aos programas de desenvolvimento da Guiné-Bissau.

O protocolo entrou imediatamente em vigor e será executado através de uma comissão paritária mista de quatro membros, a designar por cada uma das partes, a qual deverá, em princípio, reunir pelo menos uma vez por ano, alternadamente em cada um dos países signatários.

Filinto Barros, Rocha de Matos e Manuel dos Santos (Manecas) «pivots» da nova fase de cooperação com a Guiné-Bissau

Governo vai "furar" o Orçamento

O Governo prepara-se para furar a lei do Orçamento do Estado, especificamente os números 5, 6 e 7 do art. 10, segundo declaração da Federação dos Sindicatos da Função Pública emitida após conhecimento de um projecto de diploma legal do ministério das Finanças aplicável aos trabalhadores

Segundo esse projecto, são postas em causa a faculdade de os trabalhadores se aposentarem com uma bonificação de 20 por cento, desde que tenham mais de 60 anos e 30 anos de serviço, a regularização da situação dos tarefeiros e a abertura de concursos para o preenchimento das vagas

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	56$70	62$70
ALEMANHA FED. (marco)	76$70	77$90
ÁUSTRIA (xelim)	10$90	11$10
BÉLGICA (franco)	3$5027	3$752
BRASIL (cruzado)	3$800	6$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	104$20	106$70
(notas de 5 a 1000)	104$70	107$20
DINAMARCA (coroa)	20$35	20$75
ESPANHA (peseta)	1$060	1$180
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	139$55	143$05
(notas de 5 a 1000)	140$05	143$55
FINLÂNDIA (marka)	30$75	31$35
FRANÇA (franco)	23$05	23$75
HOLANDA (florim)	67$90	69$00
IRLANDA (libra)	204$95	208$95
ITÁLIA (lira)	$098	$113
JAPÃO (iene)	$865	$920
NORUEGA (coroa)	20$00	20$50
REINO UNIDO (libra)	213$30	217$80
SUÉCIA (coroa)	21$45	21$95
SUÍÇA (franco)	90$70	92$20
VENEZUELA (bolívar)	5$25	6$25

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

"Vitória dos trabalhadores" diz a UGT do acordo no Conselho de Concertação

A UGT considerou como **«importante vitória para os trabalhadores e para Portugal»** o acordo recentemente negociado e assinado pelos seus representantes no Conselho de Concertação Social.

Segundo comentário da União Geral de Trabalhadores, os termos do acordo, na base de uma inflação esperada de 7 e 6 por cento para os 3.º e 4.º trimestres do ano corrente, **«asseguram as condições necessárias para ser prosseguida a redução da inflação a que a UGT atribui a maior importância».**

«Celebrado este acordo — diz a UGT em comunicado — não poderá, por outro lado, o Governo acusar-nos de não assumirmos as nossas responsabilidades no processo de concertação. Tal facto confere-nos autoridade para reafirmarmos que a UGT avaliará a acção do Governo pelo que este fizer nos próximos meses em matéria de criação de emprego e combate ao desemprego.»

«Não são admissíveis mais adiamentos, hesitações ou omissões. Exige-se que o Governo tome medidas concretas e crie instrumentos eficazes de dinamização do investimento e da actividade económica e que estimule o crescimento do emprego» — conclui o comunicado da UGT.

Admitidas medidas correctoras

O Conselho de Concertação Social fixou ontem em 7 e 6 por cento, respectivamente, os referenciais de inflação esperada para os terceiro e quarto trimestres de 1987.

O Conselho decidiu que, caso surjam desvios significativos da inflação verificada relativamente à esperada, recomendará a adopção de medidas correctoras.

Assim, se os aumentos de preços forem superiores aos fixados como referenciais da inflação esperada, haverá lugar a uma correcção correspondente à perda salarial.

Esta correcção, que se verificará para variações superiores a um por cento, traduzir-se-á numa revisão automática do salário convencional no valor correspondente ao desvio no fim do período de vigência, independentemente da revisão salarial seguinte.

Se o desvio for negativo e em valor absoluto superior a um por cento, a correcção far-se-á na negociação salarial seguinte.

O Conselho analisou, também, o andamento das variáveis macroeconómicas e a evolução recente do índice de preços no consumidor.

A deliberação do Conselho referente à reunião de ontem nota que a inflação está ao nível de 9,8 por cento, medida de Janeiro de 87 sobre Janeiro de 86, o que «reforça a credibilidade dos referenciais de 9 e 8 por cento para a inflação anual esperada nos primeiro e segundo trimestres de 1987».

Consumo de cimento aumenta

Cimpor repete investimentos do ano passado

A Cimpor, empresa líder do sector cimenteiro em Portugal, vai investir cerca de quatro milhões de contos este ano, montante idêntico ao registado em 1986, de acordo com o programa de investimentos ontem divulgado.

O programa de investimentos inclui obras de modernização das instalações, após a entrada em funcionamento dos grandes projectos de reconversão e flexibilização para a utilização de fuelóleo ou carvão, e actividades destinadas à melhoria das condições do ambiente, nomeadamente através da utilização de cinzas volantes.

A empresa, que detém 75 por cento do mercado interno de cimento, prevê produzir 4,248 milhões de toneladas daquele produto, contra 3,966 milhões em 1986.

Para o próximo ano, a Cimpor prevê um crescimento do consumo de cimento em Portugal na ordem dos 5 por cento, relativamente a 1986, cabendo a esta empresa pública cerca de três quartos das vendas totais no mercado interno. O consumo deve subir a 5,72 milhões de toneladas, contra 5,427 milhões em 1986, das quais a Cimpor conta produzir 4,2 milhões de toneladas.

Império mantém liderança no sector dos seguros

Seis empresas públicas seguradoras ocuparam no ano passado 67,9 por cento do mercado, mantendo-se a Império na liderança, com 14,52 por cento, revela um estudo da Associação Portuguesa de Seguros.

O sector dos seguros facturou em 1986 cerca de 114,4 milhões de contos, mais 25,3 por cento do que em 1985, acrescenta o documento.

O ramo automóvel, com 40,5 milhões de contos facturados, teve em 1986 o maior aumento, 51,2 por cento, em relação ao ano anterior.

Mundial Confiança (13,01 por cento), Fidelidade (11,28), Tranquilidade (10,79), Bonança (9,85) e Aliança Seguradora (8,53) são as outras empresas públicas dos seguros nos seis primeiros lugares.

A Lusitânia, a primeira seguradora portuguesa totalmente privada a ser constituída depois de Abril de 1974, que apareceu no mercado em 1986, está situada na 46.ª posição, com 0,01 por cento.

PONTA ESQUERDA

Mapuata vai dar dois pontos ao Marítimo?

António Henriques anunciou que **para o Marítimo os dois pontos referentes à vitória no jogo com o Belenenses, para o campeonato nacional da 1.ª divisão, estão assegurados.** Em declarações à RDP/Madeira, o presidente do clube madeirense manifestou **satisfação pelo facto do Conselho de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol ter dado provimento, por unanimidade, ao recurso do Marítimo, apresentado com base na existência de irregularidades na inscrição do jogador zairense Mapuata.**

O dirigente «verde-rubro» referiu que as **irregularidades** detectadas no processo **são mais do que evidentes, pelo que aguardamos a evolução dos acontecimentos, na certeza de que se trata de uma história mal contada mas que não impede que nos sejam atribuídos os dois pontos.**

O protesto apresentado pelo Marítimo, relacionado com o desafio realizado no Restelo (em Novembro do ano passado), baseou-se na existência de irregularidades com a inscrição de Mapuata, nomeadamente a entrega da **carta internacional** na Federação. O Belenenses derrotou o Marítimo por 1-0, tendo o único golo sido obtido pelo ponta-delança zairense.

Voltam Jogos Luso-Brasileiros?

O brasileiro João Havelange, presidente da FIFA, defendeu a reorganização dos Jogos Desportivos Luso-Brasileiros numa e4ntrevista ao jornal «O mundo português». O conhecido dirigente e empresário recordou que **teve a honra e a alegria de colocar os jogos em andamento** na década de 1960 e lamentou que, depois de ter abandonado a Confederação Brasileira dos Desportos (em 1974) ninguém tivesse prosseguido a sua obra.

Havelange criticou os dirigentes que lhe sucederam por estes **não terem o trabalho e a preocupação de dar seguimento ao seu trabalho e a preocupação de dar seguimento ao seu projecto. Desta forma** (assinalou) **tudo foi mais fácil e os únicos prejudicados foram os atletas portugueses e brasileiros.**

João Havelange disse ainda que **ficaria feliz se estes jogos pudessem retomar o seu ciclo normal por considerar que se trata de um elo de aproximação e amizade entre Portugal e Brasil.**

Carlos Lopes: recorde vale 15 mil contos

Os organizadores da Maratona de Paris oferecem um prémio de 100 mil dólares (cerca de 15 mil contos) ao atleta que bater o recorde mundial que pertence a Carlos Lopes. O antigo campeão olímpico Guy Drut (em representação da Câmara de Paris) revelou que a prova oferece este bónus ao atleta que superar a marca de duas horas sete minutos e 12 segundos, obtida por Carlos Lopes, campeão olímpico da maratona, que estabeleceu a melhor marca mundial da maratona em 1985, em Roterdão.

A Maratona de Paris está marcada para 17 de Maio, de forma a reunir os melhores valores mundiais.

Mangualde: instabilidade

Informa o nosso colega «Jornal de Notícias» **na sua edição de** hoje: responsabilizando um sector da massa associativa, **a direcção** do Mangualde apresentou a demissão. O treinador **Rodrigo** Moura está na expectativa.

Salonen: vitória em perigo?

A inspecção do Mazda 323 do finlandês Timo Salonen, que no sábado — ganhou o Rali da Suécia, indicou modificações no turbocompressor e pode levar à desclassificação. Os inspectores da FISA (Federação Internacional de Desporto Automóvel) verificaram as modificações após a vitória de Salonen na segunda prova do campeonato mundial de ralis e irão decidir hoje se havia ilegalidades no motor do Mazda.

«Não estou preocupado, pois o turbo está legal», afirmou Achim Warmbold, director da equipa Mazda. **«O turbo de Salonen é idêntico ao dos outros 5000 carros de série fabricados e à venda para o público»**, disse Lars Osterlind, presidente da Associação de Ralis da Suécia, salientando que todos os carros do grupo A a concorrer este ano ao campeonato do Mundo são idênticos ao de Salonen. A discórdia começou na primeira prova do Mundial de 1987 (Rali de Monte Carlo) quando a Mazda protestou contra a Lancia por usar «extras» ilegais nos seus carros, protesto que foi indeferido.

SEM QUERER SER CHAUVINISTA

Neves de Sousa

Não é de hoje, nem de ontem: mas atingiu agora o ponto-topo do quase abuso. Está bem que os portugueses sejam obrigados a admitir que, durante décadas, foram até ao Brasil sacudir fortemente a bela «árvore das patacas» mas ninguém imaginava que a tão badalada «ponte» a ligar este cantinho da Europa com a pátria de Catulo da Paixão Cearense e Pelé funcionasse apenas para um lado: e, meus amigos, em torrente, quase diríamos que fazendo quotidianamente desaguar nesta banda lingadas de jogadores brasileiros que, na maior parte dos casos, ou acabam à porta da embaixada pedindo repatriamento (como já disse publicamente o técnico vimaranense Marinho Peres) ou, em qualidade dúbia, arrastam-se como **paus de arara** em clubes sem expressão, mesmo assim cotando o despontar de jovens valores que, emergidos dos juniores ou juvenis, desistem de carreira profissional por encontrarem fechado a cadeado o acesso aos «teams» principais.

Logicamente que as excepções não fazem regra: e desde há muito que o toque do bom futebol brasileiro que por nós tem desfilado é aplaudido entusiasticamente. Desde o saudoso Lúcio (do pé canhão) ao sagaz e viperino Paulinho Cascavel é necessário que se respeite uma pequena legião de «cobras» que merecem o maior respeito. Mas, por exemplo, se até nós têm chegado vedetas do nível de Caiçara, Ernesto, Edmur, Carlos Alberto, Vadinho, Faustino, Geo, Djalma, Gastão, Jaburu ou Morais, verdade se diga que, para a quota de artistas que têm sido importados a percentagem de validade é pouco mais que irrisória.

Logicamente que os detractores desta alargada crítica irão já falar nos bons valores do Vitória de Guimarães, nos portistas Celso e Elói, em Mário ou Chiquinho, gente com gabarito que, infelizmente, tem servido de bandeira para a contratação de dezenas de compatriotas que brincavam domincalmente nas areias de Copacabana ou, à porta do Morumbi, viam (embasbacados) desfilar os «craques» paulistas.

Estão cerca de 80 não portugueses no nosso campeonato de futebol da 1.ª fila. Espalhando-se por aí fora, até mesmo no 3.º escalão, existe outra centena de «artistas» que, em esmagadora maioria, não tem qualidade suficiente para nos vir ensinar o que quer que seja, sobretudo porque será extremamente difícil que «estrelas» (como Careca ou Alemão, Silas ou Josimar) desembarquem na Portela, em Santa Catarina, nas Pedras Rubras ou em Faro. Então, a que assistimos? Uma desregrada conção por parte de dirigentes que deixam a batata quente para quem depois se sentar nas cadeiras do poder clubista, negociatas quase às escancaras entre treinadores e empresários, qualquer dos ramos a meter no bolso grossas maquias e, sobretudo, a uma travagem no real futebol que podemos ter a nível de selecções nacionais. Os artilheiros não são portugueses: e boa margem dos nossos cíclicos percalços internacionais são desculpados pela falta de atiradores ao golo.

Atingiu-se um estado de coisas que merece reflexão. Impõe-se delinear matéria neste capítulo das recrutas além-fronteiras. Apenas permitindo que cada «team» possa ter três jogadores não portugueses? Obrigando a que o jogador «importado» tivesse, há menos de dois anos, sido campeão nacional no seu país ou defendido as cores da sua Pátria em mais de cinco oportunidades? Controlando o seu nível técnico através de credenciais firmadas pelas Federações de origem e não contratando nenhum futebolista de outras paragens com mais de 30 anos? E, como proceder, agora que as portas da CEE ficam abertas e a pacífica invasão vai certamente tomar muitos matizes?

Um problema para debate. E para já, uma acha para a fogueira: quantos não portugueses no nosso futebol jogam boa parte dos jogos da temporada sem surgirem mazelas ou serem colocados na prateleira? Como são aliciados para a viagem até Portugal e que intermediários estão envolvidos no negócio? Quantos treinadores portugueses, para não se maçarem um nadinha a ensinar, preferem recomendar a «compra» de estrangeiros que já vêm com toda a tarimba e muitos defeitos envoltos em poucas virtudes? Quantos dirigentes dos nossos clubes já se preocuparam em fazer contas e notar que, anualmente, são centenas de milhares de contos carnavalescamente atirados à rua?

Um novo Centro de lazer e manutenção, subordinado ao lema «Desporto Faça-o Você Mesmo» passará a funcionar junto à Torre de Belém, todos os fins-de-semana, entre as 9 e 30 e as 11 e 30 horas, com início no próximo domingo, ás 9.30. Trata-se de uma medida de descentralização, por forma a satisfazer grande número de praticantes, nomeadamente da zona ocidental da cidade que, aos fins-de-semana demandam as imediações do Pavilhão dos Desportos, onde tem vindo a funcionar o 1.º Centro de Manutenção, o qual já não comporta tão elevado número de aderentes.

Este novo Centro, orientado pelo prof. Reis Pires, desenvolverá actividades recreativas e de manutenção com percursos turístico-culturais numa zona privilegiada de forte concentração cultural.

Os interessados em participar nesta iniciativa poderão obter mais informações através do tel.: 549083 ou então concentrar-se aos sábados e domingos, às 9 e 30 horas, junto à Torre de Belém.

Outra vez italianos

Olímpicos: portugueses em Lecce

Portugal inicia amanhã em Lecce (Itália) a 3.ª campanha olímpica da história do seu futebol, na esperança de conseguir a qualificação para os jogos de Seul, em 1988.

Aos olímpicos portugueses pede-se que reeditem a façanha dos «históricos» de 1928, que atingiram os quartos-de-final dos jogos de Amesterdão, e façam esquecer o desaire sofrido há quatro anos, quando Portugal foi afastado de Los Angeles pela RFA e por Israel.

À partida, a tarefa dos olímpicos portugueses apresenta-se difícil, pois três dos seus quatro parceiros no Grupo B da fase preliminar das olimpíadas são sérios candidatos à vitória no agrupamento. Além da Itália, a selecção das quinas terá de defrontar as fortes equipas da Holanda e da República Democrática Alemã, com provas dadas nas olimpíadas.

A Islândia é o único dos cinco membros do grupo para quem a qualificação é um sonho impossível.

Apesar das dificuldades, o seleccionador nacional Rui Seabra está esperançado numa boa campanha olímpica, acreditando que a presença em Seul é possível.

A equipa nacional olímpica

Nas duas participações anteriores, em 1928 e na qualificação para os jogos de 1984, Portugal foi do melhor ao pior.

Em 1928, qualificado directamente para a fase final, em que participaram 17 países, Portugal chegou aos quartos-de-final, tendo sido eliminado ingloriamente pelo Egipto.

Obrigados por sorteio à disputa de um jogo preliminar com o Chile, para apurar o quadro dos oitavos-de-final, os olímpicos portugueses, entre os quais se contavam Jorge Vieira, do Sporting, José Manuel Soares (Pepe), do Belenenses, e Vítor Silva, do Benfica, venceram os chilenos por 4-2.

Depois de uma vitória nos oitavos-de-final sobre a Jugoslávia, por 2-1, os portugueses perderiam na fase seguinte frente ao Egipto, por 2-1, em condições consideradas «anormais» pelos cronistas da época, que acusaram o árbitro italiano Mauro de não ter validado o golo «limpo» aos portugueses.

Seguiu-se uma longa hibernação de mais de meio século, período durante o qual Portugal esteve ausente das olimpíadas devido aos condicionalismos que rodearam a participação de futebolistas profissionais nos jogos.

Em 1983 a selecção portuguesa de futebol voltou ao convívio olímpico, integrando juntamente com a Alemanha Federal e Israel um dos grupos de qualificação para os Jogos de Los Angeles. Tudo começou da melhor forma para os olímpicos portugueses, que no primeiro jogo, em Abril de 1983, venceram em Lisboa a Alemanha Federal por 3-1. No entanto, as expectativas criadas com o êxito frente aos alemães federais, caíram por terra em Outubro do mesmo ano, com duas derrotas sucessivas: a primeira em Osnabruque, frente à RFA (0-3), e a segunda em Telavive, com Israel (0-1).

No último jogo, para cumprir calendário, disputado em Lisboa, no dia 11 de Janeiro de 1984, os portugueses venceram os israelitas por 2-1, terminando uma campanha para esquecer.

Como gato a bofe

SINDICATO DE FUTEBOLISTAS ATIRA-SE A SILVA RESENDE

Em conferência de Imprensa, o Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol acusou a Federação de pretender ocultar responsabilidades próprias no chamado «Caso Saltillo», ao permitir o arrastamento do processo. «Cada vez mais é legítimo considerar que este silêncio continuado, falho de atitudes decisivas, por parte dos dirigentes da FPF, indicia as suas verdadeiras culpas não confessadas», refere o comunicado daquele sindicato entregue aos jornalistas. «Por isso (acrescenta o documento) não podem os jogadores pactuar com o silêncio que a Federação insiste em lançar acerca dos acontecimentos e das suas consequências».

Os futebolistas recusam-se a considerar a hipótese de procedimentos disciplinares contra os jogadores envolvidos no processo de Saltillo, sublinhando que os mesmos já foram castigados com o seu afastamento da selecção nacional durante oito meses.

«Se alguns foram expressamente punidos, os restantes assumiram a única posição que a sua dignidade como homens e como desportistas profissionais lhes permitia», indica o comunciado, acrescentando que o regresso à equipa nacional dos jogadores suspensos é impossível, dado «o clima de suspeitas e de castigos iminentes». O sindicato frisa que os futebolistas profissionais «não deixarão que o esquecimento faça morrer a verdade sobre o que se passou em Saltillo».

Os acontecimentos ocorridos no México foram para o órgão de classe dos futebolistas uma «autêntica pedrada no charco do futebol profissional português, que tão carenciado andava de repensar as suas estruturas e os seus meios».

O Sindicato dos Futebolistas faz votos para que o recém-criado Grupo de Trabalhos para o Desporto Profissional encontre «as respostas que as estruturas do futebol (e do desporto em geral) de há muito necessitam, com vista a evoluírem para um nível mundial».

O presidente do sindicato (José Eduardo) afirmou na conferência de Imprensa que pretende abandonar o cargo logo que esteja resolvido o «caso Saltillo», mas não divulgou as razões do seu afastamento voluntário.

No encontro com a Comunicação Social, José Eduardo afirmou:

«Temos desconfiança quanto às conclusões do relatório do dr. Dória Cortesão. Silva Resende tem ofendido, sucessivamente, os jogadores. Nós, daqui devolvemos esse epíteto ao presidente da Federação Portuguesa de Futebol.

«Se tem de ser ainda sujeito ao Conselho de Disciplina, é porque o 'caso Saltillo' não existiu e pergunta-se: a Federação não passou por cima desse Conselho de Disciplina ao estabelecer um inquérito federativo, que ainda irá ser apreciado?»

Veemente:

«O presidente da Federação mentiu quando disse que o problema dos prémios só teve início em pleno México.

Os clubes, associações e jogadores levantaram a voz contra Silva Resende e, actualmente, a UEFA também não deve estar satisfeita com ele, depois das críticas que lançou ao seus dirigentes. Será que, no futebol europeu, ele é o único a ter razão?»

Mais adiante:

«Se o relatório apontar culpas aos dirigentes federativos, será tornado público? Nós queremos que as culpas sejam claramente apontadas para toda a gente que interveio no processo. A jogadores, técnicos e dirigentes.»

NEVE
NA SERRA DA ESTRELA
TODOS OS FINS-DE-SEMANA
JANTAR E ALOJAMENTO
NO HOTEL DE GOUVEIA
Preço: 8 500$00
Reservas e informações
AVIC
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
TELEFS. 52 11 16 - 52 11 17 - 57 29 70
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O Dr. Adriano Augusto Morais, Juiz de Direito do 6.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que correm seus termos uns autos c/ acção emergente de contrato individual de trabalho, c/ processo ordinário, registados sob o n.º 16/82 na 1.ª secção do 6.º juízo, em que é autora Teresa do Carmo Nunes e réus Márcia Condessa e Maria Teresa Pereira Sousa Barriga, e neles se ordena se notifique editalmente a co-ré, Maria Teresa Pereira Sousa Barriga, cuja última residência conhecida foi na Rua Porto Alegre, n.º 6-4.º Esq.º, em Oeiras, para comparecer no 6.º Juizo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito na Avenida Casal Ribeiro, n.º 48-3.º, no dia 6 de Abril de 1987, pelas 9,45 horas, a fim de se proceder a julgamento.

Mais fica notificada para depositar no prazo de 7 dias 4.590$00 de preparo para julgamento, que é pago na C. G. de Depósitos, sita na Av.ª da República, 51, em Lisboa, nos termos do Art.º 97.º do Código das Custas Judiciais, sob legal cominação do Art.º 113.º do mesmo Código. As guias para depósito do referido preparo encontram-se à ordem da notificanda, na 1.ª secção do 6.º juízo deste Tribunal.

Para constar se passou o presente anúncio e outro de igual teor serem publicados em dois números seguidos de um jornal dos mais lidos nesta comarca.

Lisboa, 19 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito
a) Adriano Augusto Morais

P/O Escrivão
a) Duarte Pedro César Martins Guerra Correia

«DL» — 17/2/87 — 1.º Pub.

Chalana: outra lesão?

Fernando Chalana (lesionado) não intgrou a comitiva do Bordéus que ontem partiu para uma digressão à Irlanda do Norte e Escócia. O «pequeno genial» lesionou-se na 5.ª feira no decorrer de um treino e foi examinado (sábao) em Saint-Etienne pelo professor Imbert, que o submeteu ontem a um exame e a uma ecografia. Os resultados serão dados a conhecer esta tarde. O professor Imbert é um conhecido especialista de medicina desportiva, tendo operado no passado o bordelês Leonard Specht.

Fernando Chalana queixa-se duma dor na coxa esquerda, quando os eus problemas de saúde até agora tinham a ver com a coxa direita. Philippe Vercruysse (outro jogador do Bordéus que se encontra igualmente lesionado) acompanhou Chalana na sua viagem a Saint-Etienne.

O Bordéus joga amanhã com a equipa do Lindfield (líder do campeonato da Irlanda do Norte) e na 6.ª feira defronta o Glasgow Rangers.

Vítor Oliveira no Trofense

Vítor Oliveira (que esteve no Portimonense) é o substituto de Fernando Mendes, no Trofense.

José Moniz no Mirense

O professor José Moniz é o novo técnico do Mirense, ocupando o lugar onde estava Armando Velhinha.

Artur Jorge observa o Brondby

Artur Jorge vai observar amanhã na Suécia a equipa do Brondby (adversário do FC Porto na Taça dos Campeões Europeus) em jogo particular, frente ao Malmoe. O técnico portista terá a oportunidade de recolher dados sobre os jogadores do Brondby, equipa que defronta os dragões nos quartos-de-final daquela prova, com as duas «mãos» marcadas para 4 e 18 de Março.

Depois de uma primeira observação, que esteve a cargo do adjunto Octávio Machado, em Múrcia (Espanha) Artur Jorge poderá agora, em Estocolmo, confirmar e atestar todo o potencial futebolístico do actual campeão dinamarquês já que (desta vez) o adversário que vai defrontar é de gabarito superior. Também por este motivo Artur Jorge estará ausente do jogo que os portistas efectuam hoje em França, com o Racing de Paris, sendo substituído pelo seu adjunto Octávio.

"Raid hípico Madrid-Lisboa"

Com um «cocktail» no Clube dos Empresários (Avenida da República, 38, Lisboa) a Tabaqueira (Empresa Industrial de Tabacos, EP) apresentou o «Raid Hípico Madrid/Lisboa», que vai decorrer de 11 a 19 de Abril. Tendo como entidade organizadora a Feira Nacional de Agricultura, esta prova desenrolar-se-á por cerca de 650 km e ligará Madrid a Lisboa, por estradas, caminhos e campos entre as duas capitais. Assim, durante dez dias, os participantes disputarão um total de 15 etapas, duas por cada dia de prova, com um intervalo de 90m para descanso, e durante o qual serão efectuadas inspecções veterinárias.

Haverá para este «raid» três tipos distintos de classificação: individual, por equipas e, ainda, um troféu em disputa instituído pela Organização Mundial de Cavalo Árabe Montado ou Atrelado (OMCAMA) e que classificará exclusivamente os animais de raça Puro Sangue Árabe. Os prémios ascendem a um total de cerca de quatro mil contos.

O início do «raid», será dado no dia 12 de Abril pelas 8 horas em Naval Carnero, e terminará no dia 20 pelas 11 horas, na Sociedade Hípica Portuguesa. Obedecendo aos criteriosos regulamentos da F.E.I. (Federação Equestre Internacional), esta prova terá como presidentes da Comissão de Honra, por Portugal o senhor Presidente da República, dr. Mário Soares, e por Espanha Sua Magestade o rei Juan Carlos.

A Tabaqueira orgulha-se de poder apoiar um desporto que está em franco desenvolvimento no noso país, e de contribuir (igualmente) para o estreitamento das relações entre Espanha e Portugal.

Modalidades

Acácio da Silva lá anda

Acácio da Silva classificou-se em 15.º lugar no prólogo da prova ciclista Volta à Comunidade Valenciana, que teve lugar nas ruas da cidade espanhola de Benidorm, com a vitória do belga Jean Vandebrouke. Para os 6,7 quilómetros da extensão do percurso, Vandebrouke fez o tempo de 7.46,49 minutos e Acácio da Silva foi cronometrado com 8.14,32 minutos.

Burkinshaw: alegria voltou a Alvalade

Sporting: alegria voltou

● *Burkinshaw e Fernando Mendes já estão a trabalhar*

Vida nova e muita esperança entre os sportinguistas: Burkinshaw e o seu adjunto Fernando Mendes tomaram posse dos cargos e já ontem, perante uma plateia de centenas de «leões», orientaram o primeiro treino dos **verde-brancos.** A rectificação das posições de jogadores e a repetição de lançamentos dominaram a sessão.

O novo técnico dos «leões» acompanhou de perto os seus «pupilos» durante cerca de hora e meia, correndo com eles e dando-lhes ordens e mais ordens, o que faz prever uma alteração radical do futebol dos sportinguistas.

O técnico inglês, que tinha deixado ao critério da direcção dos «leões» a escolha do seu adjunto, embora reservando para si última palavra, deu o «sim» a Fernando Mendes, ex-futebolista «internacional» do Sporting, que já foi treinador principal dos donos de Alvalade, orientava o Trofense (Zona Norte da 2.ª divisão), clube que agora deixou para assumir o lugar de adjunto de Burkinshaw.

No primeiro treino, Burkinshaw dividiu os seus pupilos em duas equipas: uma com dez e outra com onze elementos.

A reportagem do «DL» esteve em Alvalade, e constatou a alegria de todos os jogadores leoninos (só não esteve presente o holandês Peter Houtman, por ter ido à Alfândega tratar da sua bagagem e Oceano na turma olímpica). Pontapés livres, «cantos» e «foras de jogo» foram preocupação imediata de Burkinshaw, e Fernando Mendes, enquanto Radisic fez breve preparação física dos atletas.

Falámos com Fernando Mendes:

— Deste bloco, já tinha trabalhado com Manuel Fernandes e Damas (na categoria sénior) e com Virgílio e Mário Jorge, que foram meus juniores. Naturalmente que estou profundamente sensibilizado pelo facto do Sporting reconhecer o meu valor: e espero que a minha ligação com Burkinshaw seja altamente proveitosa. Lembro a todos os sportinguistas que (no campeonato nacional) ainda estão em jogo 22 pontos: e muita coisa pode acontecer, até porque o nosso clube vai actuar em jogos com o FC do Porto, Benfica e Vitória de Guimarães. Pelo menos, a atribuição do título passará pela equipa de Alvalade.

Esta tarde, o Sporting fez um jogo-treino com o Estrela da Amadora. Entretanto, podemos revelar que novo esquema de trabalho vai morar em Alvalade: os jogadores passam a treinar à 2.ª feira, repousando à 5.ª. Às quartas-feiras, preparação matinal e vespertina. Em relação ao jogo com o Portimonense, o Sporting treina no sábado (pelas 14 horas) e, depois de um lanche, tomará o rumo do Algarve, sugerindo que foram abolidos os longos estágios que (aliás) já não se usam em lado nenhum do mundo.

— Há seis anos que tinha saído de Alvalade: agora é como se um filho regressasse a casa, com mais crédito, e plena aceitação — declarou-nos Fernando Mendes, que louvou entusiasticamente o Trofense **(dirigentes, jogadores e associados foram inultrapassáveis em amizade e isso nunca poderei esquecer)** e falou do respeito que lhe merece Burkinshaw **homem daquela inesquecível final Tottenham-Manchester City (Taça de Inglaterra) com um currículo de êxitos e trabalho proveitoso.**

Quanto aos jogadores de que o Sporting dispõe, acho que se foram contratados é porque dispõem de valor para isso: só estarão afectados psicologicamente e é isso que importa já combater. Vamos trabalhar todos juntos. O fruto aparecerá rapidamente.

Soure promove pesca desportiva

Nos rios Mondego e Arunca, em Soure, vai decorrer no dia 8 de Março o I Concurso Nacional de Pesca, organizado pelo Grupo Desportivo Sourense, actual campeão nacional da 2.ª divisão.

Além de outros prémios será disputada, em prova especial, meia libra em ouro, aguardando-se que participam no concurso numerosos concorrentes de todo o País.

Os dirigentes da secção desportiva, de GD Sourense, vocacionada, também, para a parte ecológica, vão tentar que seja concedida à colectividade uma reserva do rio Arunca.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec. Às 13 h.
Bragança	7	5	0,0 Chuvisco
V. Castelo	12	12	0,0 Chuva
Vila Real	10	10	0,0 Aguaceiros
Porto	12	12	0,0 Neblina
P.Dourad.	–	–	– –
Coimbra	11	11	0,0 Chuvisco
C.Carvoeiro ...	14	12	0,0 Encoberto
C. Branco	–	–	– –
Portalegre	9	9	0,0 Nevoeiro
Lisboa	12	12	0,0 Aguaceiros
Évora	11	11	0,0 Muito nub.
Beja	12	11	0,0 Encoberto
Faro	14	14	0,0 Neblina
Sagres	14	14	0,0 Encoberto
P. Delgada	12	12	0,0 Neblina
Funchal	16	16	0,0 Encoberto

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 15, Porto 14, Faro 17, Ponta Delgada 19, Funchal 19.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

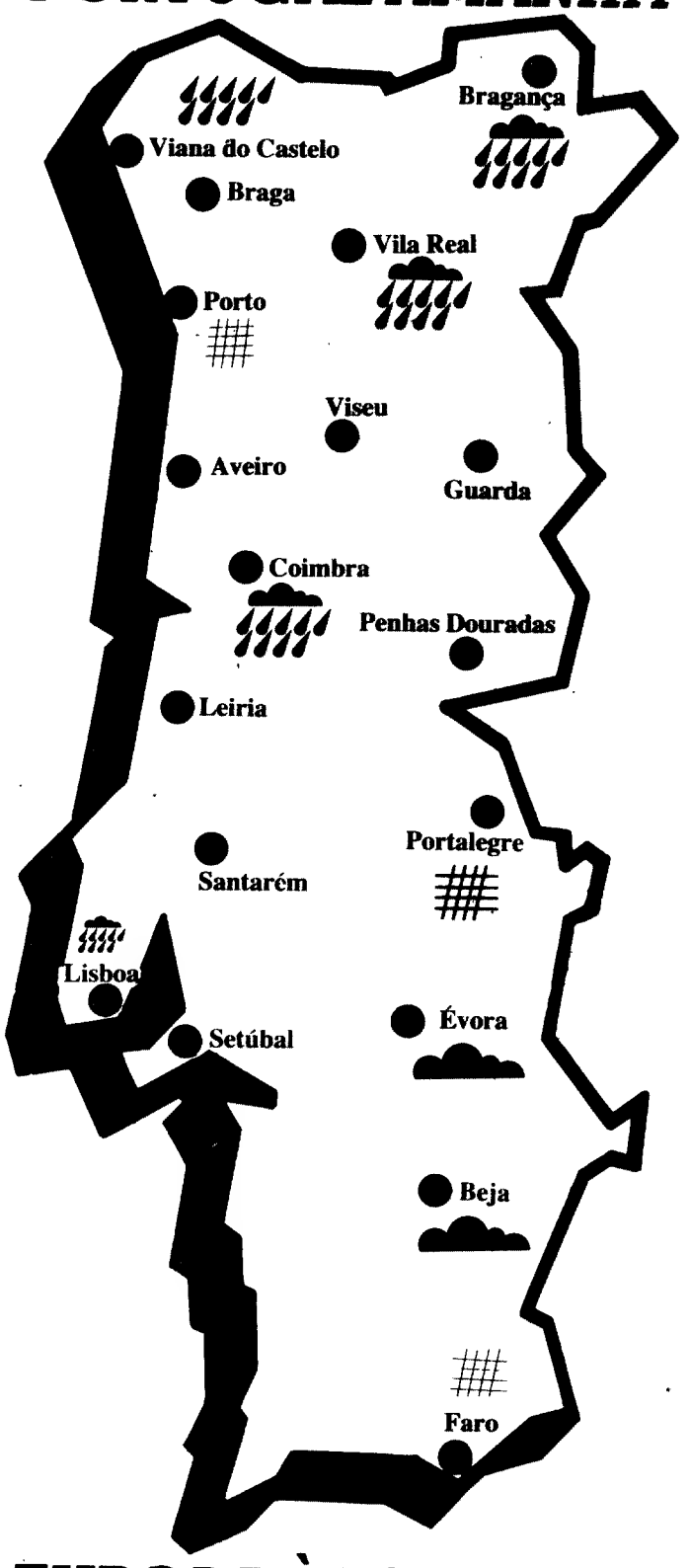
	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	7	7	Muito nub.
Londres	0	-1	Neve
Paris	-1	-1	Muito nub.
Bruxelas	-3	-3	Muito nub.
Amesterd. ...	-1	-2	Encoberto
Genebra	-1	-1	Neve
Roma	7	7	Encoberto
Oslo	-15	-15	Pouco nub.
Copenhaga ..	-2	-2	Neve
Estocolmo ...	-6	-6	Pouco nub.
Berlim	-1	-1	Encoberto
Viena	2	2	Encoberto
Varsóvia	1	1	Neblina
Atenas	11	11	Encoberto
Moscovo	-11	-12	Neblina

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	–	–	—
Joanesburgo .	17	29	Limpo
Los Angeles ..	13	17	Nublado
Montreal	-29	-18	Nublado
Nova Deli	13	26	Nublado
Nova Iorque .	-15	-6	Nublado
R. de Janeiro .	20	30	Nublado
S. Francisco ..	10	16	Nublado
São Paulo	18	26	Nublado
Tóquio	2	12	Nublado

PORTUGAL AMANHÃ



TEMPO

HOJE

No continente:

Céu muito nublado, apresentando boas abertas a partir da manhã. Vento fraco a moderado de oeste rodando para noroeste. Períodos de chuva em especial nas regiões do Norte e Centro passando a regime de aguaceiros, que poderão ser de neve na serra da Estrela para o fim do dia. Pequena descida de temperatura.

Estado do mar:

Costa Ocidental: **Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação noroeste de 2 a 3 metros.**

Costa Sul: **Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação sudoeste de 1 a 2 metros.**

Nos Açores:

Céu muito nublado. Vento moderado do quadrante Sul. Períodos de chuva.
Estado do mar: **Mar de pequena vaga. Ondulação de noroeste de dois a três metros.**

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de norte. Aguaceiros, em especial nas vertentes viradas a norte.
Estado do mar: **Mar de pequena vaga. Ondulação de noroeste de dois a três metros.**

AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado do quadrante Norte. Aguaceiros que serão de neve nas terras altas do Norte e Centro. Descida de temperatura.

DEPOIS

Céu geralmente pouco nublado. Vento moderado de norte. Geada.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
5.06	4,1 m	10.49	1,0 m
17.24	3,9 m	23.01	1,1 m

Amanhã

5.37	4,0 m	11.24	1,1 m
17.56	3,8 m	23.39	1,2 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

A EUROPA ÀS 6 HORAS

Informação da agência Lusa

"A MOSCA"

de David Cronenberg

Jorge Leitão Ramos

Jeff Goldblum e Geena Davis em **A Mosca**: *um «horror movie»*

Tenham medo, tenham muito medo, diz a publicidade de «A Mosca»: Mas que medos habitam este filme?

Porque é que a fabulosa descoberta científica que está na origem da ficção de «**A Mosca**» (ser capaz de desintegrar e reintegrar objectos transmitindo a informação à distância — a capacdade de teletransportar) produz os horrendos resultados que o filme narra? Porque o computador não sabia o que fazer a duas cadeias moleculares distintas, a do homem e a da mosca, e resolveu, cegamente, fundi-las. O primeiro medo deste filme é o de uma máquina ao mesmo tempo mágica e estúpida, que opera maravilhas mas é incapaz de se defrontar com o imprevisto. E o imprevisto é a própria matéria da vida.

Mas, uma vez operada a fusão, o corpo de Bundle é aparentemente humano, normal. Cronenberg vai, porém, filmá-lo como um entomólogo (nunca o termo foi para tomar tão à letra), detectar nessa aparência a «alma» de mosca. Se o primeiro erro do computador era «virar» os seres vivos do avesso, este novo erro é mais inquietante, trata-se de lhes virar o avesso mantendo a fachada. Mas porque é que da fusão do homem e da mosca é a mosca (ser pequeno e pouco potente face ao humano) que vai apoderar-se do homem moldando-o à sua medida de insecto e não o inverso? Porque há um animal primitivo escondido em cada humano, a mosca só o foi acordar? O segundo medo deste filme é o de descobrir o monstro sob o humano, o animal sob a obra de Deus...

Contudo, por mais disforme e horrível, habita naquele corpo mutante uma consciência humana (isto é, se logo após o teletransporte Bundle era um homem com alma de mosca, no termo do filme é uma mosca com alma de homem)? Cronenberg faz a ficção responder afirmativamente a esta pergunta e temos aí o terceiro medo deste filme: a distunção entre o **eu** e o meu corpo, a perca de identidade entre esses dois pólos da pessoa humana.

Mas Veronica está grávida de Bundle - quando - homem - com - alma - de - mosca e sonha que dá à luz uma larva... A mosca ganha mesmo no processo de reprodução, o Mal propaga-se, a monstruosidade é contagiosa? É este o derradeiro medo da fita.

«**A Mosca**» é um filme rigorosamente medonho, pateticamente insuportável, aqui e ali com o horror a despejar-se em golfadas sobre o ecrã. E, sem dúvida, um **horror movie** memorável.

E, no entanto ..

O horrível, no cinema, é como a pornografia. Chocante num primeiro momento, banal no segundo, entediante no terceiro. Como solução, os fabricantes de filmes escolhem a intensificação da dose. E a habituação é tão rápida que o processo tem uma evolução exponencial.

Por mim atingi o colapso da **overdose.** E-me impossível sentir prazer de espectador ante grande parte do que acontece em «**A Mosca**», apesar de a razão me dizer que Cronenberg esta a tocar alguns dos pânicos essenciais deste tempo e de todos os tempos. E uma repelência física, a sensação de insuportável. Não quero, não gosto. E para que serve?

FICHA:

Título original: The Fly.

Realização: David Cronenberg (EUA - 1986).

Argumento: Charles Edward Pogue e David Cronenberg, segundo história de George Langelaan.

Fotografia: Mark Irwin.

Cenários: Carol Spier (**production designer**), Rolf Harvey (**art director**), Elinor Rose Galbraith (**set decorator**).

A Mosca criada e concebida por Chris Walas, Inc.

Música: Howard Shore.

Montagem: Ronald Sanders.

Produção: Stuart Cornfeld.

Interpretação: Jeff Goldblum (**Brundle**), Geena Davis (**Veronica**), John Getz (**Stathis Borans**), Joy Boushel (**Tawny**), Les Carlson (**dr. Cheevers**), etc.

Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes/20 th Century-Fox.

Cinemas: Las Vegas 2 e Londres.

Classificação: Para maiores de 16 anos.

Duração: 96 minutos.

COMARCA DE LISBOA
4.º JUÍZO CÍVEL

4.Juízo 3.ª Secção Proc. n.º 2357-A

ANÚNCIO

O Doutor ALÍPIO DUARTE CALHEIROS, Juiz de Direito do 4.º Juízo Cível de Lisboa:

Faz saber que no dia 27 do próximo mês de Fevereiro, pelas 10.30 horas, neste tribunal há-de ser posto em praça para ser arrematado pelo maior lanço oferecido, acima do indicado, os bens abaixo identificados, penhorados ao executado Vestimenta-Indústria e Comércio de Vestuário, Lda., na execução por Custas que lhe move o Ministério Público.

BENS A ARREMATAR

Direito ao trespasse e arrendamento das instalações da executada, sitas na Rua Maria, 73, em Lisboa, pelo preço de 500 000$00.
Lisboa, 4 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direit
Alípio Duarte Calheiros
A Escrivã Adjunta
Ana Maria Ferreira

D.L. 2.ª Pub — 17/2/87

TEATRO VASCO SANTANA
Tel. 768609

TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA
VEJA TEATRO ÀS 19 H
— A PREÇOS REDUZIDOS —

NOVO HORÁRIO: **DE 3.ª a 5.ª às 19 h**
6.ª e Sáb. às 21h30
Domingos às 16 h

SYLVIA PLATH- Quem a matou?

de BARRY KYLE
Trad. M.ª TERESA GUERREIRO
Dir. LUZIA MARIA MARTINS
Mont. FERNANDO FILIPE
INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)
CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO *
MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Sub. SEC

Prémios "Casa das Américas"

Galardão "Che Guevara" para 2 chilenos e 1 cubano

Autores da Bolívia, Cuba, Panamá, Chile, Brasil, Venezuela e Martinica receberam em Havana o prémio literário «Casa das Américas» 1987.

A decisão do júri, integrado por intelectuais de 15 países, foi dada a conhecer numa cerimónia a que presidiu o ministro cubano da Cultura, Armando Hart.

O prémio de Romance foi para o boliviano José Montes Vannuci, pelo original «Jonas y La Ballena Rosada», o de Ensaio para a venezuelana Beatriz Gonzalez, que apresentou a concurso «Historiografia Literária del Liberalismo Hispano-Americano del Siglo XIX» e o de Teatro para a chilena Isidora Aguirre, por «Retablo de Yumbel».

Na secção literatura brasileira o prémio coube a «Silva/Selva: quadros e livros (estudo sobre um artista caipira), de Romildo Santana.

Alfred Melon, da Martinica, conquistou com o Ensaio «L' Identite Nationale comme Ideologie: Recherches sur la Production Poetique et la Critique Cubaines de L' Ere Republicaine» o prémio de Literatura das Caraíbas em Língua Francesa.

Na secção Testemunho, a obra premiada foi «El General Torrijos», do panamiano José de Jesus Martinez.

O galardão extraordinário «Ernesto Che Guevara», instituído para assinalar o vigésimo aniversário da morte do comandante guerrilheiro argentino-cubano, distinguiu «ex aequo» «Che Guevara en el Presente de América Latina», dos chilenos Pedro Vuskovic e Belarmino Elgueta, e «Acerca del Pensamiento Economico del Comandante Ernesto Che Guevara», do cubano Carlos Tablada.

Apresentaram-se a concurso 419 trabalhos, 110 dos quais de ficção e 100 de Teatro.

LETRA RASGADA

MAGIA BRANCA

Ernesto Sampaio

HÁ buracos na memória de onde por vezes saem chamas que iluminam as coisas mais evidentes e naturais, dissimuladas nos esconsos de uma vida quotidiana permanentemente esticada pela roda infatigável do hábito e da rotina.

Espreitando para dentro de um desses buracos, vejo-me há anos em Milão, diante da sombra de um galeão seiscentista, com o seu grande mastro e o velame enfunado, a oscilar à frente de um ciclorama varrido por ventos impetuosos, enquanto relâmpagos me assombravam os olhos e trovões ressoavam do alto, vácuos e profundos.

Semelhante à respiração, o vasto murmúrio da chuva sobre as ondas-sombras de um mar de cetim, cada vez mais violento no rectângulo da cena, e depois o desaparecimento do galeão até ficar apenas um mastro partido com o velame solto, implantado no centro da espécie de jangada que restava da nau, ora no cimo, ora no fundo das águas de cetim revoltas, entre uma escolta de náufragos a gritar, desesperadamente agarrados à nave e à vida.

Uma lanterna, entrevista num bote de perdição, alumia a barba aflita de um velho. O trovão-chapa de zinco e o vento-órgão de barbaria levam palavras e gemidos. Os relâmpagos continuam a ziguezaguear, como navalhas de um duelo no escuro, entre gigantes. E finalmente o mastro parte-se, crescendo a fúria da tempestade; a jangada e o velame (depois transformados, tornada a calma, em ilha de Caliban e Ariel: ilha-navio, circundada por um azul inquietante) afundam-se rapidamente.

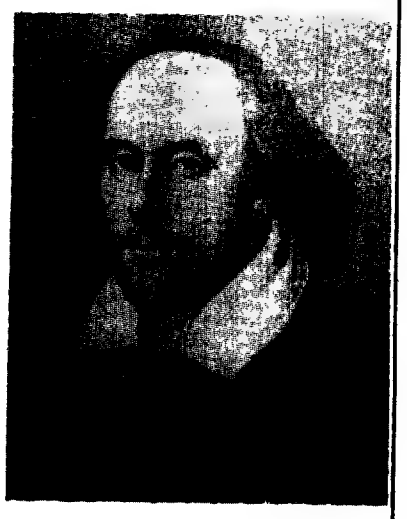
Início de **A Tempestade** de Shakespeare, encenada por Strehler no Teatro Lírico de Milão: oito minutos de teatro barroco, de maquinismo cenográfico. Os mimos, em malha de «ballet», por baixo do telão do mar; atrás dos reguladores, o pessoal que reproduz (teatro manual, artesanato da ilusão) o rumor da chuva e do vento, e mantém pronta na teia a corda de prata para os voos de Ariel, espírito do ar.

Um encanto sugestivo e profundo desprendia-se das coisas subtis, dolorosas e ambíguas que aconteciam naquele palco: o progressivo aluir de ilusões mágicas (e cenográficas) ali configuradas, até ao momento em que Próspero, feiticeiro renunciatário (seria melhor dizer derrotado) cumpre a última desmistificação, quando quebra a varinha dos encantos e lança aos abismos marinhos o livro da sua ciência. «Tudo se esfumará sem deixar rasto... Nós somos feitos da mesma matéria de que são feitos os sonhos...»

Belíssimas, naquele espectáculo, as variações fosforescentes ou crepusculares sobre as possibilidades e impossibilidades expressivas do teatro. Última obra-prima de um génio que entra na velhice; e também marco estelar no fim de uma época assinalada, não só por terríveis crimes, calamidades, usurpações, mas também pelo desabar do mito de um mundo novo (a América, a ilha) contaminado pelos mesmos erros do antigo. A ideologia do Renascimento falha o seu intento de transfiguração (a utopia de uma América que seja uma Europa purificada, como diz Jan Kott) e entra rapidamente no ocaso.

E há ainda a magia branca, que é a magia do teatro. Na fronteira entre dois modos de entender a expressividade teatral, Shakespeare escolhe o novo, que é o dos enganos, das aparições, mas tudo velado de profunda melancolia e desconfiança, como se lhe custasse muito fazer Próspero largar a sua varinha encantada, e dar a história por acabada...

A Tempestade é uma repetição do passado; é uma repetição de acontecimentos e de módulos teatrais; é uma repetição invertida da história de Próspero, duque usurpado que por sua vez, na ilha, se torna usurpador; é uma repetição de situações e de símbolos da **Odisseia** e sobretudo da **Eneida.** Um sentimento de piedade, de resignação activa desentranhava-se daquele espectáculo, como se fosse lícito deixar de acreditar nas ilusões, mas não na força do teatro – caminho de conhecimento.



Shakespeare, segundo um gravura romântica

Shakespeare, caríssimas cozinheiras das sopas de letras, era bebedolas e rabeta, como Marlowe, morto por um fanchono à punhalada nos olhos, como Kyd, chulo e bufo de ofício, torturado até à morte, como Robert Greene, ladrão e proxeneta, que pedia esmola em latim nas ruas de Londres, como quase todos os frequentadores da Mermaid Tavern, de quem não se podia dizer que a «carne» fosse «mais clara do que um cristal» e cuja sumptuosidade de espírito só tinha igual em excesso na sordidez da miséria.

Adiante. «C'est em écrivant qu'on devient ecrevise» (Arp). Estava justamente a pensar nisto quando tentei confrontar a falange numerosa dos cozinheiros das letras (bem-pensantes, missionários) com o mau exemplo dos dramaturgos isabelinos, que não tinham a seu favor dinheiro, respeitabilidade, moral, poder – apenas o esplendor insustentável de seres em ruptura com o mundo que os rodeava.

Teatro regressa ao Palácio Foz

Após décadas de ausência, o teatro deve regressar em Maio ao palco do Palácio Foz, em Lisboa, quando o grupo «Produções Teatrais, Ld.ª» ali estrear «Peça Para Dois Actores», de Tennessee Williams.

Se o financiamento estatal concedido recentemente ao grupo for entregue dentro do prazo estabelecido (30 dias), o grupo deverá iniciar os ensaios naquele palco na segunda quinzena de Março, disse à Lusa o encenador Osório Mateus.

Nos últimos anos desactivada e sujeita a obras de restauro, a pequena sala de teatro, estilo italiano, da Praça dos Restauradores, serviu nos finais dos anos 60 e princípios de 70 de local de exibição de filmes da Cinemateca Portuguesa e nos anos 20 foi palco de teatro de revista.

A peça, que dramatiza a história de dois irmãos que enlouquecem, é uma versão portuguesa de José Camões, interpretada por Ana Jota e António Pires.

«Peça Para Dois Actores» pretende assinalar «uma nova fase» da actividade da companhia que seja marcada por uma produção mais contínua, disse o encenador.

Criada em 1977, a «Produções Teatrais, Ld.ª» estreou-se no Teatro do Bairro Alto com «O Treino do Campeão Antes da Corrida», mas dificuldades de financiamentos obrigaram a acentuados intervalos na sua actividade.

Entre os espectáculos que a companhia fez, estão também «O Fatalista» de Diderot, «Tragédia Infantil» de Wedekin e «Garretismos», a última representação do grupo, em 1984.

TEATRO
CRÍTICA

Há Palavras Imensas...

Carlos Porto

«Área Branca/16 Poetas Contemporâneos», pelo grupo Teatro Hoje. Poemas de: Edmundo de Bettencourt, Vitorino Nemésio, Mário Cesariny, António Ramos Rosa, Heberto Hélder, Nuno Júdice, Luísa Neto Jorge, Carlos de Oliveira, Irene Lisboa, Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner Andresen, Ruy Belo, Fiala Hasse Pais Brandão, Alexandre O'Neill, Armando Silva Carvalho, Eugénio de Andrade. Interpretação: Ruii Pedro, Alexandre de Sousa, Lia Gama, Maria José Pascoal, Elisa Lisboa, Manuel Mendes e Carlos Fernando. Teatro da Graça, 14-2-1987.

• Há palavras imensas (Cesariny); entre as palavras há palavras imensas, silêncios imensos, entre as palavras, sofrimento, pássaros, rostos, fontes secas, entre as palavras, estrelas morrendo.

• Há luzes cegantes como anjos (Edmundo de Bettencourt), peixes doloridos navegam por memórias irrecuperáveis.

• Vivia como se cortasse as unhas a um jardineiro demasiado doente para chegar à Primavera.

• Pediu a conta com modos brandos. Voltou a pedi-la, menos paciente. Trouxeram-lha. Era a Morte.

• Vamos banhar-nos nos rios das florestas virgens, disse ela, onde não rios nem florestas.

• Amavam-se como se do seu amor dependesse a sobrevivência o arco-íris.

• O arco-íris não é uma invenção humana. Nem desumana.

• A Terra tem hábitos maravilhosos, como a aurora e o pôr do Sol. Por que não os vestimos?

• Inventemos o plural das coisas singulares.

• Há casas onde pairam cadáveres, nus.

• Anjos passam revestdos a ouro e lágrimas amargas.

• Fugimos de um vento triste apagamento vestígio dádiva.

• Há névoas nos silêncios, entre as palavras. Neves.

• Vivíamos como se tivéssemos encontrado um soluço. Soluçávamos.

• Era uma beleza demasiado vulgar para este mundo. Morreu. (Marylin/Ruy Belo).

• Quando um poeta morre os pássaros poisam as asas em árvores cobertas de lágrimas.

• Estamos sentados num jardim de palavras, vozes, silêncios e luz.

• O meu sangue pede licença para fazer um pouco de ruído. Quase nada.

• Temos nas mãos unidas um calor que não é deste mundo. Nem do outro.

• Pelos teus olhos passam as palavras do silêncio. Pelas palavras do poema passam os teus olhos. Tudo é luz.

• Oiço música ou é apenas um poema que se afasta?

• Há palavras sentadas na tarde à espera que a noite as apague. Com a manhã serão outra vez luz.

• Limpamos o ruído das palavras.

• Na palavra amor o silêncio tem um rumor de fonte.

• Porque hoje é sábado e tudo é Graça. freguesia de Lisboa. (Para a MT no dia 14-2-1987.)

PS — Belos, muito belos, os poemas: a procura de uma voz única, de uma só intensidade, discreta; a procura do intervalo das palavras; do silêncio. Nem todos capazes de corresponder a essa exigência de rigor. Gostei de Lia Gama, Rui Pedro, Alexandre de Sousa.

Lia Gama

CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

TOP GUN – ASES INDOMÁVEIS
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa Club
T. 763319

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16,45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

RAN — OS SENHORES DA GUERRA
(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

MONA LISA
(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

A MISSÃO
(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

LUGARES SECRETOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Avila
— T. 539930

PEGGY LUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

COELHINHAS NA CAMA
(Int. m. de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

*Uma cena do filme **"O Raio Verde"** realizado por Eric Rohmer (Ciclo Comédias e Provérbios). É um filme de qualidade galardoado com o Leão de Ouro (Grande Prémio) no último Festival de Cannes. A intérprete é Marie Rivière. Em exibição no Estúdio 444 e no Quarteto.*

Capitolio
— T. 372358

VAMOS FALAR DE SEXO
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

O SECRETO ADMIRADOR
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824

QUE LOUCURA DE MULHER
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

ZOMBIE – A MALDIÇÃO DOS MORTOS VIVOS
(int. 18 anos)
24.00 h

Cinebolso

SUECAS PERVERSAS
(Porno)
(interdito 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194

O ÚLTIMO FÔLEGO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

TESTEMUNHA DE UM CRIME
(m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

GANGSTERS DAS 4 RODAS
(m. 16 anos)
24.00 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Amália

ALIENS — O RECONTRO FINAL
(m. 16 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sharp

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
(m. 6 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

O ÚLTIMO TANGO EM NOVA IORQUE
(m. 18 anos)
14.30, 16.45, e 21.30 h

NOITES DE NOVA IORQUE
(m. 18 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523

O GOLPE DO GÉNIO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.45 h

Eden
— T. 320768

DOIS POLÍCIAS À SOLTA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(m. 16 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

A FRONTEIRA DA VERGONHA
(interdito 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078

O RAIO VERDE
(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1

LOUCA POR SI, PROFESSOR
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2

CORONEL REDL
(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

POLTERGEIST II — O OUTRO LADO
(m. 16 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas
— T. 541037

Fantasporto
(Prolongamento)
19.00 e 22.00 h

Gemini
— T. 734009

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1

O GOLPE DO GÉNIO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2

CAMPO DO INFERNO
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Imperio
— T. 555134

ANJO MORTAL
(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1

O GOLPE DO GÉNIO
(m. 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

A MOSCA
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres
— T. 801313

A MOSCA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

A MISSÃO
(m. 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 h

Nimas
— T. 574362

O SECRETO ADMIRADOR
(m. 12 anos)
14, 16,30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

FÚRIA — O COMANDO SECRETO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309

A SEXUAL SUSANA
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

SKY PIRATAS — 821933
Grande aventura
(m. 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305

A RAINHA DA GUERRA E DO AMOR
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1

SUBWAY— SUBTERRÂNEO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

O PROFISSIONAL
(m. 16 anos)
23.30 h

Sala 2

À VOLTA DA MEIA-NOITE
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.30 h

A VIDA DE BRIAN
(m. 16 anos)
24.00 h

Sala 3

TANGOS, O EXÍLIO DE GARDEL
(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.30 h

AS NOITES DE CHINA BLUE
(m. 16 anos)
23.45 h

O RAIO VERDE
(m. 12 anos)
15.00, 17.00 e 21.30 h

ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
(m. 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192

O GUARDA
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

A MULHER EM CHAMAS
(maiores 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

Sala 1

O NOME DA ROSA
(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

A MISSÃO
(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 3

MONA LISA
(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715

PEGGY SUE CASOU-SE
(m. 12 anos)
De: Francis Coppola
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

NOVE SEMANAS E MEIA
(m. 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

O BANDO DA MÃO
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

O GUARDA
(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim
T. 706666

O HERÓI DA RUA
(m. 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Voxmania
— T. 880808

TERRA SANGRENTA
(m. 16 anos)
15.30, 18.15 e 21.00 h

Xenon
T. 368480

CAMPO DO INFERNO
(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «As Aventuras dos Irmãos Corsos», às 15.30 e 21.45 h (m. 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Ana e Suas Irmãs», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Babilónia — «Nova Iorque Fora de Horas», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Invasão dos EUA», às 15 e 21.30 h (m. 18 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «O Nome da Rosa», às 21.30 (m. 12 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António — «Thor — O Conquistador», às 17 e 21.30 h (m. 12 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Aliens, Recontro Final», às 21.30 h (m. 16 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Quarto com Vista Sobre a Cidade», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Prisão de Mulheres», às 15.30 e 21.30 h (m. 18 anos).

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «O Campo do Inferno», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «Entre o Amor e o Medo», às 15.30 e 21.45 h (m. 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «As Aventuras de Jack Burton nas Garras do Mandarim», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «A Mosca», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «A Missão», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos)

CASCAIS — Oxford — «E.T. o Extraterrestre», às 16 e 21.30 h (m. 6 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Kalidor — A Lenda do Talismã», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Oito milhões de Maneiras para Morrer», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «O Passageiro da Noite», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Viver Depressa», às 15.45 e 21.30 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «Romance de Murphy», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Cocoon — A Aventura dos Corais Perdidos», às 15 e 21.15 (m. 6 anos)

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Um Dia a Casa Vem Abaixo», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

ODIVELAS — Cineodivel — «Por Favor, Matem a Minha Mulher», às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos).

CRUZ DE PAU — Cinema Lord — «Tup Gun – Ases Indomáveis», às 16 e 21 h (m. 12 anos)

UM FILME DIFERENTE

Quer o público quer a crítica especializada se encaminham para um perigoso e estreito território: o do cinema americano de grande espectáculo, os filmes A que todos vão ver e de que todos os jornais falam.

À margem ou no esquecimento ficam as outras propostas estéticas que, se ninguém remar contra a maré, tenderão a ser cada vez mais marginais e esquecidas. Estaremos a preparar um futuro de unanimismo amorfo face a uma dúzia de produtos destinados a agregar todas as atenções, segregando a diferença, isto é, tudo o que faz o cinema avançar ?

Hoje propomos-lhe que vá até ao Quarteto e se encontre com «Tangos - O Exílio de Gardel» de Solanas.

É um filme prodigiosamente sedutor, ao ritmo do tango e da saudade, filmado em França por um argentino exilado e que tem Marie Laforêt como grande intérprete central.

Vale a pena ir vê-lo, não por militantismo contra a homogeneidade mas porque o filme de Solanas é capaz de se arriscar e de nos envolver, porque não é pré-fabricado e dança os sete veus do nosso encantamento.

«Tangos - O Exílio de Gardel», um filme prodigiosamente sedutor

«Opus Ensemble» hoje no Loucuras

MÚSICA

• Loucuras (Av. Álvares cabral): esta noite, às 22 horas, o «Opus Ensemble» faz a estreia mundial de «Nuevo Tango Suite» de Astor Piazzolla, o mesmo autor da música do filme «Tangos - O Exílio de Gardel», em exibição em Lisboa. O «Opus Ensemble» é composto por Ana Bela Chaves (viola), Olga Prats (piano), Bruno Pizzamiglio (obé) e Alejandro Erlich-Oliva (contrabaixo).

TEATROS

• Comuna: «Victor ou as Crianças no Poder» de Roger Vitrac, encenação de João Mota. Aos sábados e domingos às 17,30, «O Tesouro» de Eça da Queirós.

• Maria Matos: «Escrita em Dia», nova versão de «Isto é Maria Vitória», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal.

• Teatro Aberto: «O Jardim das Cerejas» de Anton Tchekov, com encenação de João Lourenço.

• Teatro do Século: «Drácula Junior», texto e encenação de Fernando Gomes.

• Teatro Ibérico: «A Vida É Sonho» de Calderon de La Barca, com encenação de Blanco Gil.

• Variedades: «Aqui Há Fantasmas», original e encenação de Henrique Santana.

• Vasco Santana: «Sylvia Plath - Quem a Matou ?» de Barry Kyle, com encenação de Luzia Maria Martins.

• Villaret: «O Sapateado» de Richard Harris, versão portuguesa de César de Oliveira e Barryy Scray, encenação de Varela Silva.

• Teatro Mirita Casimiro (Estoril): «Galileu Galilei» de Brecht, com encenação de Carlos Avilez.

• Teatro 1º Acto (Algés): «Nó Cego» de Carlos Vereza, com António Fontinha e Julio Martin.

EXPOSIÇÕES

• Galeria Arcada (R. D. Pedro V, 56): Esculturas de Gil Simões, mostra patente até Março.

• Secretaria Regional do Turismo e Cultura da Madeira (Funchal): exposição de Pintura de José Júlio Barros. Até 27 de Fevereiro.

• Galeria Almada Negreiros (Av. da República,16): exposição «Museu Nacional de Arte Moderna», com aquisições recentes. Patente diariamente (excepto segundas- feiras) das 10 às 20.

• Atrium da Imprensa (Casa da Imprensa - R. da Horta Seca, 20): exposição de Pintura «Espaços de Silêncio» de Joaquim Baltazar. Até 12 de Março, de 2ª a 6ª das 10 às 20.

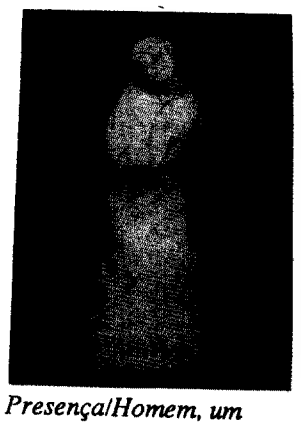
• Museu Nacional do Traje: tapeçarias de Teresa Ribeiro; Esculturas de Ana Silva e Sousa com o título «Viagem da Boa Esperança», comemorativa da viagem de Bartolomeu Dias, até 15 de Março.

• No mesmo espaço, «Iniciação Textil», apresentação de trabalhos dos alunos do sector textil da Escola António Arroio, até 18 de Abril.

• Pousada de Santa Marinha - Guimarães: Pintura do espanhol Alfredo Candela, até 4 de Março.

• Sala de Exposições «Pintor José Tagarro»- Câmara Municipal do Cartaxo: fotografias de Eduardo Gageiro, exposição intitulada «Os Desaparecidos». Até 20 de Fevereiro, todos os dias das 15 às 20.

• Galeria do Palácio da Cidadela - Cascais - I Exposição Nacional de Arquitectura, até 1 de Março. Até 22 do corrente, a exposição «D. Carlos, Homem de Ciência».

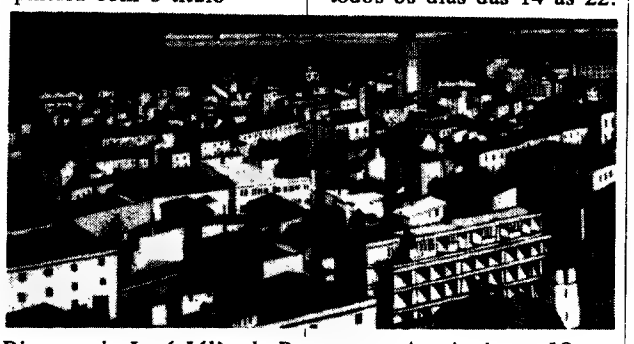


Presença/Homem, um trabalho de Gil Simões

• Atelier - R. da Emenda, 66-3º: Colectiva com trabalhos de João Vieira (escultura), Paolo, Rocha Pinto e Sérgio Pombo (pintura), serigrafias de Arpad Szenes, Bual, Relógio e José Guimarães, entre outros. Até 20 de Fevereiro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 14,30 às 18.

• Instituto Franco-Português (Av. Luís Bivar, 91: fotografias de Bretrand Clech até 27 do corrente.

• Galeria Novo Século (R. do Século, 23-A): Catherine Henke expõe pintura com o título «Pistas», até 26 de Fevereiro, de segunda a sábado das 14 às 20.



Pintura de José Júlio de Barros, na Av. Arriaga, 18 no Funchal

• «Fora de Moda - Bar/Artes Visuais/Espectáculo»: exposição de design de moda da estilista Jane Moore. Patente de segunda a sábado, das 16 às 2 horas.

• Hotel Albatroz - Cascais: exposição de Pintura de Grahams Walker, durante o corrente mês todos os dias das 10 às 23.

• Galeria de Arte de Tavira: exposição de Gravura de David de Almeida. Patente até 26 de Fevereiro, diariamente das 10 às 13 e das 15 às 19.

• Atelier 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): escultura de Luís Cruz, que é membro fundador deste atelier e neste momento integra uma exposição no Teatro Mirita Casimiro, com os restantes elementos do Atelier 15. A mostra da R. Freitas Gazul está patente até final do mês, de segunda a sexta das 18 às 22, aos sábados das 15 às 19.

• Palácio Foz: Fotografias de Vasco Calixto sobre «Viagem na Islândia e Ilhas Faroe».

• Galeria 601 (Centro Comercial de S. João de Deus): pintura de Pedro Amâncio.

• Galeria Mar Chagall (Leiria): Pintura e Escultura de João Oliveira e Henrique Moura. Até 1 de Março, todos os dias das 14 às 22.

• Galeria de Arte do Centro Comercial Fonte Nova (Est. de Benfica, 503): exposição de trabalhos de José Augusto. Até 19 de Fevereiro, todos os dias das 10 às 24.

• Galeria de Arte do Casino Estoril: Colectiva com obras de 28 dos nossos mais destacados pintores e escultores. Patente até dia 24, todos os dias das 15 às 24.

• Galeria EMI-Valentim de Carvalho (R. Cruz dos Poais, 111): Ana Jotta expõe pintura com o título «Eu Seja Cão». De terça a domingo, das 15 às 19.

• Galeria António Clara (Av. da República, 38): Exposição de desenhos de José João Oliveira com o título «Vernus», patente até 24 de Fevereiro

• Galeria Tempo (R. Nova de S. Mamede, 17-A): exposição de Pintura da autoria de João Martins. Até 25 do corrente, de segunda a sábado das 16 às 20.

• Codilivro (P. Dr. Nuno Pinheiro Torres, 2-A, Benfica): exposição de Pintura de Helena Matta. Patente até dia 20.

• Poligrupo-Renascença (R. Ivens, 14): Colectiva com trabalhos de Isabel Augusta, Ivo, Mateus e Teresa Silva

• Galeria 111 (Campo Grande, 113-A): Pintura de Costa Pinheiro até fim de Fevereiro, de 2ª a 6ª das 10 às 13 e das 15 às 19,30, sábados das 10 às 13.

• Galeria Paulino Ferreira (R. Nova da Trindade, 18-B): Pintura de Ilídia até 15 de Fevereiro, de 2ª a 6ª das 9 às 12,30, sábados das 9 às 13.

• Instituto Franco-Português (Av. Luís Bivar, 91): «Fotografia Portuguesa dos Anos 80», até 27 de Fevereiro.

• Galeria de Arte do Restaurante Escorial (R. das Portas de Santo Antão): Pintura de Louro Artur até 18 de Fevereiro, patente todos os dias das 12 às 24.

CINEMAS

• Centro British Council (R. Cecílio de Sousa,65): «A Cut Above» às 18,30.

• Cinemateca Portuguesa (R. Barata Salgueiro,39): Ciclo dedicado aos filmes de Jean Renoir, às 18,30 «Semente de Ódio» de 1945, com Zachary Scott e Betty Field; às 21,30 «A Mulher Desejada» de 1947, com Joan Bennett e Robert Ryan.

• Instituto Franco-Português (Av. Luís Bivar, 91): Cinema do Real com «Ulysse» de Agnès Varda e «C'Est Pasé Par L'Inde» de Dominique Dubosc.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — AJUDA: Moura, T. da Memória, 55 (T. 630944); **ALCÂNTARA: Vieira Rosa**, R. Prior do Crato, 72 (T. 660187); **AREEIRO: Vera Cruz**, P. Afranio Peixoto, 2-B (T. 884941); **BENFICA - ESTAÇÃO - URUGUAI: Santa Cruz**, Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); **CAMÕES: Sanitas**, P. Luís de Camões, 22-24 (T. 322798); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **CAMPOLIDE: Oliveira**, R. de Campolide, 54-A (T. 684424); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **GOMES FREIRE: Salutar**, R. Conde Redondo, 8-B (T. 533411); **GRAÇA: Monte**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **LUMIAR: Nicolau**, C. de Carriche, lote 4, loja, Esq. (T. 7588727); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO SEBASTIÃO: Novais**, Av. Luís Bivar, 11-13 (T. 544324); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 883351); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS: Joleni**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9810812); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ALFAMA - ESCOLAS GERAIS: Anunciada, R. do Vigário, 72-74 (T. 866260); **ALTO DE SÃO JOÃO: Nova Luz**, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE: Alentejo**, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **ANJOS - CHILE: Antolin**, Av. Almirante Reis, 88-B-C (T. 821773); **AVENIDA DA REPÚBLICA: Cardote**, Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); **BAIXA - COLISEU: Frazão**, R. das Portas de Santo Antão, 70-72 (T. 328180); **BENEFICÊNCIA: Laranjeiras**, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 721035); **CEMITÉRIO DOS INGLESES: Urbano Freitas**, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **CHELAS: Lopes Cortez**, R. Rui de Sousa, 65-A (T. 886565); **SANTO AMARO - CALVÁRIO: Lisbonense**, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Atlântico**, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 2764466). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2209984). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Permanente; **Tavares da Silva**, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Permanente; **Isabel**, L. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 128 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 4938149). Permanente; **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 4938424). Até às 22 horas; **DAMAIA: Lemos**, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Até às 22 horas; **QUELUZ: Vasconcelos**, E. Particular Henrique Pousão (T. 4372649). Até às 22 horas; **CAMARATE: Mendonça**, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM: Garcia**, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Atéàs 22 horas; **RIO DE MOURO: Ricmouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151); **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas; **AVEIRO: Aveirense**, R. de Coimbra, 13 (T. 24833). Permanente.

ESPECTÁCULOS

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«**ESCRITA EM DIA**«. Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal. Intérpretes: Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto Figueiredo, Cruzeiro — 267 03 20

Terças, quartas e quintas, às 15.15; sextas e sábados, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**GALILEU GALILEI**«, de Bertolt Brecht.

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)

De 3.ª a sáb. às 21.30.
«**VICTOR» OU AS CRIANÇAS NO PODER** de Roger Vitrac. Enc. de João Mota.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«**SAPATEADO**«, de Richard Harris. Versão portuguesa de César de Oliveira e Barry Scray. Encenação de Varela Silva.

Setubal — Teatro de Bolso

R. Balneário Dr. Paulo Borba — Tel. 29130

De 3.ª a 5.ª, às 21.30

«**O AUTO DA BARCA DO INFERNO**«, pelo TAS. Encenação de Carlos César.

Porto — Estúdio do TEP

R. do Pinheiro, 4 — Tel. 31 59 94

De terça a sábado, às 21.00

«**CATÁSTROFE OU O MUNDO DE SAMUEL BECKETT**«. Encenação: Mário Viegas. Intérpretes: Cândido Ferreira, Fernanda Policarpo, Fernando Sá, José Moreira, Mário Sancho e Mário Viegas.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550

Quintas, sextas e sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, terças e quartas, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«**LISBOA, TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Intérpretes: Carlos Miguel, Camacho Costa, Helena Isabel, Henrique Viana, Mariema, Paulo César, etc.

TEATRO ABERTO

P. Espanha (Telef. 770969)

De 2.ª a 5.ª, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30.

O JARDIM DAS CEREJAS, de Tchekov. Versão de João Lourenço, Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cen. de José Manuel Castanheira.

Algés — Teatro 1.º Acto

R. Eduardo Augusto Pedroso, 16-A — Tel. 211 50 33

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«**NÓ CEGO**«, pelo **Grupo Teatro Espaço**.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 19.00; 6.ªs e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00

Teatro Estúdio d Lisboa

«**SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?**«, de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe. Intérpretes: Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Mendonça e Maria Dulce.

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«**A VIDA É UM SONHO**«, de Pedro Calderon de la Barca. Espectáculo de Blanco Xil. Intérpretes: Blanco Xil, Jorge Sousa Costa, Lídia Franco, Francisco Soromenho, Luzia Paramés, António Filipe, Miguel Martins,

Teatro de «O Seculo»

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quinta a domingo, às 21.30

«**DRÁCULOS JÚNIOR**«, texto e encenação: Fernando Gomes. Intérpretes: Fernando Gomes, Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga e Pedro Advirta.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

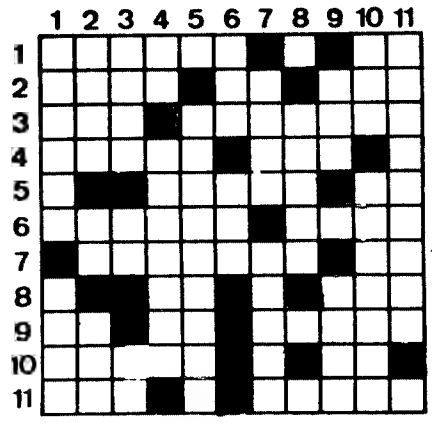
«**AQUI HÁ FANTASMAS**«, original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 961

HORIZONTAIS:

1 Coisa que dá interesse sem trabalho (fig). Tempo do verbo ser. Apelido.
2 Freguesia do concelho de Arouca. Letra grega (inv). Bondoso.
3 Cólera. Incinerara.
4 Relativo ao nariz. Ócio (pop).
5 Caules. Crómio (s.q).
6 Dispõe. Fama (fig).
7 Esbeltas. Idem.
8 Viração. Antepassado.
9 Prefixo que designa afastamento. Compaixão. Equipas.
10 Oferecemos. Preposição latina que designa movimento.
11 Reze. Naipe das cartas de jogar.



VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho e distrito de Vila Real. Informação.
2 Freguesia do concelho e distrito de Portalegre. Batráquio. Cidade da Ucrânia.
3 Estavas. Zomba. Pronome pessoal.
4 Satélite de Júpiter. Tolerado.
5 Queixosa.
6 Cursos de água natural e abundante (inv). Pêlos de certos animais.
7 Penugem. Avarento.
8 Móveis sobre os quais se come.
9 Búfalo de Angola. Gostar muito de.
10 Ribeira de Portugal. Atravessado.
11 Acorrentados.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16960**

HORIZONTAIS:

1 CAPRICHO. Re.
2 Árias. Iena.
3 Br. Ga. Azo.
4 Usaras. São.
5 Ta! Damão. Os.
6 Erra. Br.
7 Ião. Palmela.
8 Asi. Dás.
9 Ornar. Kiev.
10 Suuaria. Ás.
11 Oásis. Coara.

VERTICAIS:

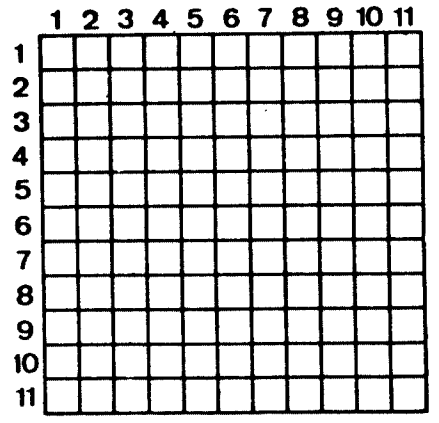
1 Cab. TEIMOSO.
2 Arruara. Rua.
3 Pi. Rosnas.
4 Ragada. Ari.
5 Ísara. Paris.
6 Ambas.
7 Hissarlik.
8 Oé! Iró.
9 NÃO. CEDE. Á.
10 RAZÃO. Lavar.
11 Ósseas. Sá.

PROVÉRBIO: Capricho teimoso não cede à razão.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 790

HORIZONTAIS:

1 Destrói. Argila.
2 Assassinas. Sais frequentemente à rua.
3 Mulher chinesa da classe baixa. Fechar as asas para descer mais depressa. Ósmio (s.q).
4 Batráquio. Pune. Apelido.
5 Ilha inglesa no mar da Irlanda.
6 Aqui. Nesse lugar. Hora canónica correspondente às quinze horas.
7 Tempo do verbo ser. Acrescentei.
8 Em má hora (ant). Divido em toros.
9 Aplano. Sufixo que designa estado.
10 Deus dos pastores. Concede. Cidade e Itália.



11 Cidade do Peru. Carne de porco metida em tripa de intestino grosso.

VERTICAIS:

1 Amargo. Apelido. Plural.
2 Sumo Pontífice. Murai.
3 Prendo. Ramo delgado de árvore.
4 Gálio (s.q). Vossa alteza. Querida.
5 Marca. Fileira.
6 Prefixo de negação. Seguia.
7 Cidade de Portugal. Doença que dificulta a respiração.
8 Brisa. Ficai quieto.
9 Rádio (s.q). Percorro. Isolado.
10 Cursos de água naturais e abundantes.
11 Destroços (fig). Verbal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **14 789**

HORIZONTAIS:

1 Marta. Marma.
2 Içai. Tear.
3 Remar. Trará.
4 Asaria. Cr.
5 VS. Iu. Imã.
6 Ce. Moías. Rã.
7 Árias. Vis.
8 Mo. Pó. Aas.
9 Pias. Ar. Asi.
10 In. Crava.
11 Oásicos. Sua.

VERTICAIS:

1 Mira. Cáspio.
2 Ace. Ver. Ina.
3 Ramas. Imã.
4 Tias. Mãos.
5 Raios. CC.
6 Rui. Paro.
7 Ti. Amoras.
8 Atrais.
9 Rea. Vaias.
10 Marcarias.
11 Arar. Assara.

Rádio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.55: Autores portugueses contemporâneos; **17.00**: Integrais; **17.16**: Sonoridades; **18.40**: Concerto sinfónico; **20.40**: Canções populares europeias; **21.00**: Concerto de câmara; **22.30**: Música coral e instrumental do século XV; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.35**: Duas obras, para piano, de Still e Work; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **00.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Vamos aos fados; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

20.00: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP1

17.30 - Mira Técnica
Com Música Portuguesa

18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
«O Pequeno Inventor» e «O Rato Rolando»

18.50 - Show Bis
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Palavras Cruzadas
27º Episódio: - Óscar chora ao saber que Mina vai viver com a mãe. Rosa tenta animá-lo mas, ao mesmo tempo, censura-o por ter dado mimo demais à filha. Filipe e Simão discutem problemas da empresa e Simão sugere um trespasse. Filipe tem opinião contrária, mas Paulo entra no escritório e são obrigados a interromper a conversa. Mina encontra-se com um jornalista e dá-lhe pormenores sobre a equipa de Rui. Óscar telefona a Lurdes e marca encontro com ela. Julieta encontra no lixo os postais dos noivos, junta os bocados e diz a Pompeu que aquilo é obra de Helena. Francisco diz a Isabel que tem hipótese de ser professor num curso de computadores para jovens, mas não está muito entusiasmado. Anabela e Mário falam sobre a firma quando recebem um telefonema de Paulo a informar que Mário vai de novo sair em viagem.

20.50 - Portugal Sem Fim
«Benin»

21.45 - Dempsey e Makepeace
15º Episódio: - Dempsey e Makepeace procuram Sims, um criminoso que trabalha por conta de outros, para obterem informações sobre uma zona de Londres, dominada por um bando de criminosos chefiados por Sid Lowe. Sims está a trabalhar numa loja de venda de frangos. Muito embora a sua ocupação seja andar mascarado de frango para atrair a clientela, Dempsey reconhece-o. Mas Stravos - o dono da loja - é um dos comerciantes da zona que vive apavorado com Sid Lowe, a quem paga para não ser atacado. Ao ver que Soms está envolvido com a polícia, avisa Sid que se dirige ao local e mata Sims.

Spikings tem agora uma prova real para prender e condenar Sid Lowe

Produção e Realização: Tony Wharmby

23.40 - 24 Horas
23.10 - Remate

RTP2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
Atletismo: Troféu Int. Comunidade Madrid

19.00 Nino Show
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
91º Episódio: - Max Philipps é um agente de apostas de cavalos, que gosta bastante de beber.

No 1º canal, às 21,45, o 15º episódio de «Dempsey e Makepeace»

Mais um episódio de «Uma Família às Direitas»: 2º canal às 2o,30

Ao saber que o seu filho, Pip, fora gravemente ferido numa batalha no Vietname, fica com remorsos pela maneira como o criou, provoca o patrão, Moran, e apanha um tiro de um dos homens de Moran. Apesar de ficar muito ferido, Max consegue arranjar forças para andar até um parque de diversões mais próximo. Aí, encontra o filho - com dez anos - e revive um dos dias felizes da infância do garoto. Mas quando Pip entra na casa dos espelhos, Phillips perde-o de vista.

Realizador: Joseph M. Newman

20.30 - Uma Família às Direitas
67º Episódio: - Archie desaparece por 24 horas e a família, em pânico, procura-o.

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - E de Ler
«Vida e obra de Luis de Camões» de Hernani Cidade

21.35 - CinemaDois
«Os Camisardos»: - Fins do século XVII, em França. O agravamento das condições de vida dos camponeses protestantes da região das Cevenas cria uma situação de grande descontentamento contra o poder central católico. Mobilizando-se contra a injustiça, os camponeses vão confrontar-se com os exércitos reais - é a Guerra dos Camisardos.

Interpretes: Philippe Clevenot, Jacques Debary, Gérard Desarthe, Dominique Labourier, François Marthouret, Gabriel Gascon,

Realizador: René Allio

AMANHÃ

RTP-1
17.30 Mira Técnica
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Show Bis
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Vamos Jogar no Totobola
20.20 - Palavras Cruzadas
21.00 - Lotação Esgotada
22.35 - 24 Horas
23.05 - Remate

RTP-2
15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - É de Ler
21.35 - «Rienzi» - O Último dos Tribunos (Ópera)

AOS CONDUTORES

"Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP1 Vamos ao Teatro
«Madalena
Lê Uma Carta»

RTP2 Espada de Honra

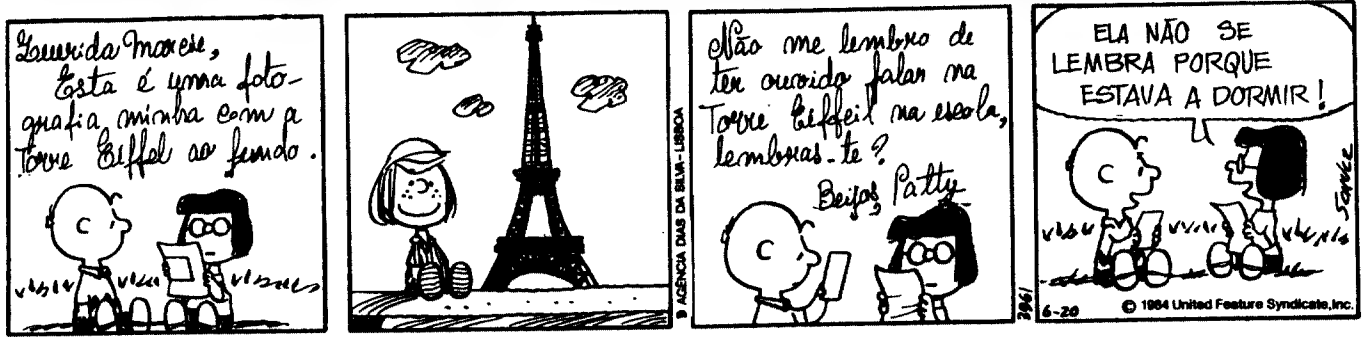
«Palavras Cruzadas»

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570

PORTE PAGO

DL

Fundador Joaquim Manso Director A. Ruella Ramos Director adjunto Fernando Pinto Santos



ÚLTIMA HORA

Um policia sul-africano foi mortalmente alvejado por desconhecidos, em Meadowlands, numa das secções do Soweto. Trata-se do 56º agente da aturidade a ser morto desde o início dos acidentes raciais na África do Sul. O policia agora morto era de raça negra e a sua execução ter-se-à devido às perseguições que a população negra move contra os colaborados do regime branco. Ao mesmo tempo, a policia de Joanesburgo anunciou a morte de um jovem, quando era transportado num carro sob prisão. Segundo alega a policia, o detido teria caído da viatura, encontrando a morte.

Licença sem vencimento indeferida a Júlio Regadas

A Directoria da Polícia Judiciária do Porto revelou ontem que o pedido de licença sem vencimento de 90 dias solicitado pelo subinspector Júlio Regadas foi indeferido, pelo que se encontra em «falta de serviço».

Júlio Regadas, sobre quem pende um mandado de captura como arguido num processo de corrupção, que envolve outros elementos da PJ, a falsa economista Maria da Graça e o deputado do PSD Mário Montalvão Machado, tem faltas injustificadas ao serviço desde 30 de Dezembro do ano passado, uma vez que o atestado médico que apresentou não foi considerado válido pelo delegado de Saúde a quem foi cometida a função de confirmar a sua doença.

Já está em vigor o novo Código de Processo Penal

Com a publicação na folha oficial do seu texto integral, entrou hoje em vigor o novo Código de Processo Penal, cuja promulgação havia sido feita pelo Presidente da República, no passado dia 22 de Janeiro.

De referir que o Código agora revogado era datado de 15 de Fevereiro de 1929, embora até 22 de Dezembro de 1982 tivesse sofrido um sem-número de alterações que tornavam o texto original praticamente irreconhecível.

Entretanto, e apesar das promessas que afirmam ter-lhes sido feitas nesse sentido pelo ministro da Justiça, Mário Raposo, o novo Código de Processo Penal não contempla as reivindicações dos funcionários judiciais.

Avião "Sagres" inutilizado em aterragem forçada na China

O bimotor «Sagres» foi ontem obrigado a uma aterragem forçada na região de Cantão, na República Popular da China, tendo ficado inutilizado, mas os seus três tripulantes estão a salvo.

O «Sagres», que iniciou na passada segunda-feira em Macau a viagem de regresso a Lisboa, teve de fazer uma aterragem forçada por razões ainda não apuradas. Recorde-se que o «Sagres» tinha terminado há uma semana a viagem Lisboa-Macau, comemorando assim a primeira ligação aérea há 50 anos com aquele território português do Oriente.

Detida no aeroporto da Portela

Espanhola veio de Caracas com 2,5 quilos de cocaína

Uma cidadã espanhola proveniente de Caracas foi detida anteontem no aeroporto da Portela com 2,5 quilos de cocaína. As autoridades alfandegárias detiveram também o receptador da droga, orçada em 51.000 contos, a qual vinha escondida nas estruturas de uma mala.

No mesmo local tinham sido apreendidos há dias a um português, de 60 anos, natural da Índia, 270 gramas de heroína, no valor de 2.700 contos. O estupefaciente era transportado dentro de tubos de essência. Ainda naquele aeródromo, e a um passageiro de nacionalidade espanhola proveniente de Laz Paz foram apreendidas 1.980 gramas de cocaína, no valor de 39.600 contos. A droga era transportada em quatro telas.

DECARAS

FERNANDO LOPES GRAÇA recebeu ontem a Medalha de Honra da Cidade de Setúbal, um galardão destinado a distinguir nomes que se tenham notabilizado nos diversos campos de actividade. Na cerimónia, que decorreu no Salão Nobre da Câmara Municipal, usou da palavra o vereador do pelouro da Cultura, o jornalista José Rebelo, que historiou toda a actividade de Fernando Lopes Graça e lhe manifestou o reconhecimento do povo de Setúbal pela sua obra. Depois foi a vez de o presidente da Assembleia Municipal, Marino Vicente, fazer a entrega ao maestro da Medalha de Honra da Cidade, na classe de actividades culturais.

MARIA BETHANIA cancelou o espectáculo de ontem no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, a conselho médico, tendo permanecido em descanso. O espectáculo foi assim adiado para esta noite, e os ingressos de ontem são válidos para hoje.

ERNANI LOPES, antigo ministro das Finanças disse em Ponta Delgada que a adesão de Portugal à Comunidade Europeia foi «fundamental para o futuro» do País. Ernâni Lopes, que se encontra nos Açores para participar na Segunda Semana de Estudos Europeus, disse que, pelos dados que dispõe, a adesão é «positiva» para o arquipélago. Na Semana de Estudos Europeus, que ontem se iniciou em Ponta Delgada, e decorre até sexta-feira, o predecessor de Miguel Cadilhe falará sobre aspectos económicos da adesão de Portugal às comunidades, nomeadamente a experiência do primeiro ano de integração.

JOHN LENNON, o componente do grupo britânico «The Beatles» foi morto porque «era o mais acessível» da sua lista de «condenados», afirmou Marc Chapman, o assassino. Entre os «seus condenados» encontravam-se também o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, e Jacqueline Onassis. Na sua primeira entrevista, concedida ao semanário «People», na cadeia estatal de Nova Iorque, Chapman, de 31 anos, disse também que queria assassinar o «beatle» Paul McCartney, e os actores George C. Scott e Elizabeth Taylor. Chapman foi condenado a 20 anos de cadeia pelo assassinato de John Lennon, ocorrido em Nova Iorque, a 8 de Dezembro de 1980. O assassino disse à psicóloga Lee Salk, que conduziu a entrevista, que elaborou o plano de assassínios em 1977, depois de tentar pôr termo à vida durante umas férias no Hawai.

PAUL SIMON está no Zimbabwe para dar alguns espctáculos, cujas receitas serão canalizadas para fins humanitários. Nos espectáculos do cantor e compositor norte-americano, um dos quais já se realizou num estádio de Harare, actuam alguns dos músicos negros sul-africanos que colaboraram com Paul Simon no álbum «Gracelend», lançado em 1986 e de que já foram vendidas mais de quatro milhões de cópias.

JOHN SCOTT, organista britânico, realiza no próximo dia 22, pelas 16 e 30 horas, um concerto de orgão na Sé Patriarcal de Lisboa, no qual interpreta obras de J. S. Bach, A. Carreira, John Bull, Yepes, J. Stanley, J. de Sousa Carvalho, José Lidon, R. Schumaçç e Milos Sokols. John Scott, que nasceu em 1955, obteve os seus diplomas no Royal College of Organists, tendo-lhe sido atribuído os prémios Limpus e Read. Mais tarde estudou com Ralph Downes e em 1974 o St. Johns College da Universidade de Cambridge concedeu-lhe uma bolsa de estudo, aceitando a seguir o lugar de Organista Assistente na Catedral de S. Paul's, em Londres. Actualmente John Scott é segundo organista da mesma Catedral, onde tem sob a sua responsabilidade o coro.

Desiludido com o novo rumo

Luís Catarino abandona direcção do MDP/CDE

Luís Catarino, advogado algarvio, radicado em Portimão, um dos fundadores do MDP/CDE, demitíu-se da Comissão Política e da vice-presidência do Conselho Nacional do partido por discordar da «inflexão registada na orientação política».

O prestigiado dirigente do MDP, que foi deputado na Assembleia Constituinte e na Assembleia da República(1979-80), é o décimo membro da comissão política a demitir-se na sequência do último encontro nacional do partido, realizado em fins de Novembro. No mês passado, recorde-se, demitiram-se nove dos membros da comissão política, nomeadamente Raúl de Castro, também vice-presidente do Conselho Nacional e o mais conhecido dos dirigentes nortenhos do MDP, Herberto Goulart, Blasco Hugo Fernandes, Lindim Ramos, Salvado Sampaio e o dirigente sindical de Setúbal, Hélio Bexiga.

Em declarações à Lusa, Luís Catarino considerou que o rumo agora traçado pelo MDP, embora tenha legitimidade democrática, «conduz à social-democracia e não à democracia socialista» e baseia-se num «pragmatismo sem princípios e em individualismos puros e impuros».

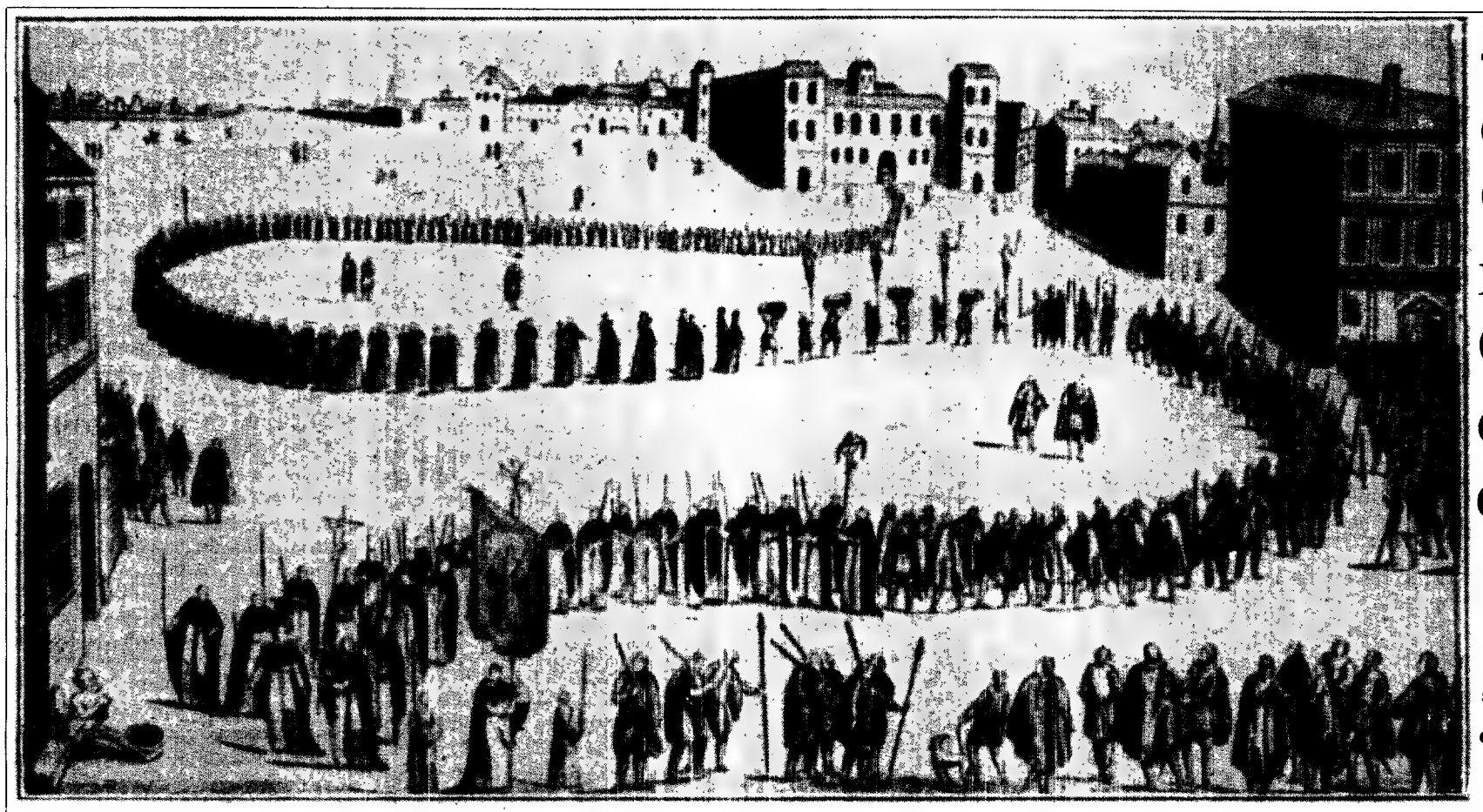
Frisou ainda o dirigente demissionário do MDP que o projecto de de democracia socialista, agora abandonado, era a «argamassa que unia os membros do partido apesar da sua diversidade ideológica, cultural e política».

«Havia— sublinhou— um equilíbrio que se mantinha e que terminou recentemente quando um dos vários segmentos passou a ter preponderância».

Luís Catarino fez, entretanto, questão de acentuar que a sua posição não é consequência directa da recente decisão(tomada no encontro nacional de Novembro) de renegociar com o PCP os termos da aliança na APU nas eleições autárquicas e de suspender esta aliança nas legislativas. Tal decisão, disse, é apenas «um dos vários efeitos da alteração de rumo político».

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES: CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.



450 anos do Santo Ofício motivam Congresso em Lisboa e no Rio

Procissão de um auto-de-fé saindo do Palácio dos Estaus, no Rossio

Págs. 4 e 5

Em busca de impostos perdidos

Algum crime o senhor S. devia ter cometido. E com certeza não o diziam por não ser essa a sua função. Miravam-no, respondiam-lhe, eram bem educados, até procuravam ser solícitos, entreolhando-se enquanto se dirigia a qualquer funcionário. Talvez sentissem um pouco de compaixão, de solidariedade, qualquer sentimento que o fizesse sentir que ali havia mais seres humanos. Contudo, nunca lhe comunicavam a verdadeira razão porque o haviam incriminado.

Acordara com uma ideia que lhe enchia por completo a atenção. De pouco valera tentar apagar a imagem do que sonhara enquanto fritava os ovos. No meio da gema e dos borbotos da clara frita, aparecia sempre aquela página que nunca vira, mas que o senhor S. julgava ser o primeiro imposto.

Comeu o ovo e não passou. Enfiou-se debaixo de água fria e entre a espuma do sabonete, lá aparecia a cor amarelecida do panfleto que, com certeza, fora afixado havia muitos anos. Tentou cantar, mas a letra pareceu-lhe suspeita quando reparou que introduzira na música do Toreador da Carmen de Bizet algumas estrofes a respeito da necessidade pública de tributar o povo cinzento.

Fora, por certo, a sua decisão repentina e resoluta que o condenara. De gravata torta e colarinho revirado, despenhou-se rua abaixo disposto a atafulhar a mente com a realidade palpável do diploma do imposto mais antigo em vigor e, por isso, ainda cobrável.

Não há lista de impostos

- Sim , mas qual deles procura realmente? - perguntou disponível o funcionário do Centro de Informações do Ministério das Finanças.

Era mais alto que o senhor S. e tinha uma maneira aguda de olhar por detrás das lentes grossas que lhe pendiam do nariz.

Nessa altura, o senhor S. teve apenas a impressão que o funcionário sabia mais do que dizia. Mas como se encontravam num posto de informações, a única conclusão plausível seria ele não lhe querer comunicar, com certeza por razões de serviço, que se encontrava condenado.

Não demonstrando a sua descoberta, o senhor S. argumentou que esse era precisamente o objectivo da sua missão, não lhe podendo responder uma vez que viera precisamente perguntar-lhe se conhecia os impostos mais antigos.

- Isso é difícil - returquiu o funcionário, recostando-se na sua cadeira - Não temos cá nenhuma lista dos impostos em vigor.

E depois, tentando atribuir a outro a pesada responsabilidade de falar com alguém que se sabe banido:

- Por que não vai à Direcção Geral de Contribuições e Impostos? Eles devem saber...

Ninguém sabe

A porta dava para as traseiras do Terreiro do Paço. E logo que a transposta, o senhor S. sentiu-se demasiado pequeno para formular perguntas. Ao longo de toda a largura do edifício setecentista, um largo corredor de pedra cinzenta e tectos altos estendia-se em linha recta, terminando quase num ponto.

Num recanto mal iluminado, estava uma mesa e atrás dela um contínuo.

Instado sobre qual o serviço que lhe poderia esclarecer a dúvida, o contínuo fez um silêncio de quem processa a informação e sem olhar para o senhor S., com certeza sensibilizado com o que o esperava, indicou-lhe o primeiro andar.

Naquele piso, à saída das escadarias empedradas e com paredes sem caliça, abriu-se um corredor estreito que o senhor S. mais tarde teve a oportunidade de lhe contar mais de noventa passos. Passando por portas fechadas com a indicação do serviço ali albergado, cruzando-se com pessoas por certo atarefadas, o senhor S. descobriu aliviado quase a meio um posto de atendimento.

- Diga lá outra vez... - pediu um dos funcionários que o senhor S. interrompeu a meio de uma conversa com outro colega.

Nessa altura, o senhor S. já fixara uma fórmula de apresentar o seu caso, empregando o número mais reduzido de palavras que conseguira encontrar.

- Aqui não estou a ver - disse o funcionário, tentando sugerir qualquer coisa que o senhor S. não percebeu. Essa deve ter sido a razão, por motivos contrários, que fez o outro funcionário intervir na conversa.

- Olhe, o Ministério das Finanças tem um local de informações...

- O centro de informações, ali ao pé do Martim Moniz...- interrompeu o senhor S., clarificando a informação do funcionário.

- Aí mesmo...

A explicação que fora lá precisamente que lhe haviam indicado a Direcção Geral de Contribuições e Impostos para o esclarecer, não esmoreceu o segundo funcionário que continuou a explicar aonde se encontrava o tal centro. Teve o senhor S. de lhe mostrar o vício da questão para que o funcionário avançasse com outra sugestão que no fim o senhor S. recordou não ser em nada despropositada.

- Só se tentar no Boletim...

«Volte cá à tarde»

As indicações acerca do local onde laborava o pessoal da Formação e Aperfeiçoamento Permanente, fizeram o senhor S. virar numa transversal no corredor, virar à direita, subir uma escadas interiores por onde vinha a descer um homem e uma criança de calções, passar por outro corredor tapado por rimas de pacotes de papel de formulários diversos e ir ter ao corredor paralelo ao do piso de baixo.

Ao fundo, havia uma porta e foi por aí que o senhor S. entrou.

À sua frente, apercebeu-se da existência de cerca de seis funcionários e o cálculo não foi muito rigoroso porque deles só se notava o escuro dos olhos e o cabelo, de tal modo estavam escondidos por detrás de pilhas de papel.

Como não dissessem nada, o senhor S. adiantou-se e encontrou o que julgou ser o chefe do serviço, pois se encontrava de frente para os outros.

O funcionário, muito calmo e de voz pausada, recostou-se na cadeira e em resposta à fórmula descoberta agora já apresentada com várias entoações, disse:

- C´os diabos, isso não é possível. - e calou-se.

A esperança e a preserverança do senhor S. levou-o a encontrar outra solução.

- Volte cá à tarde - E acrescentou que ia tentar encontrar uma publicação que a Casa da Imprensa publica por ocasião do Orçamento de Estado, embora não seja distribuída à Direcção Geral de Contribuições e Impostos. - Eles acham que nós devemos saber isso de cor...

A brochura fantasma

Sugerida a Casa da Imprensa, o senhor S. aí se dirigiu, tentando encontrar a fonte das fontes e de uma forma rápida. O funcionário, em respeito pela sua situação, decidiu mostrar-lhe o Orçamento ao que o senhor S. respondeu, fazendo-o ver que não se tratava do texto do «Diário da República», mas sim de outra publicação.

- Uma brochura...

-Não, aqui não há. Tente na Biblioteca.

Na Biblioteca, o senhor S. soube haver qualquer coisa, mas que naquele momento não se encontrava lá nenhum.

- Vá à Biblioteca Nacional, aí é que é o nosso depósito.

Nessa altura, o senhor S. começava já a sentir qual era a sua condenação. E, para cortar o caminho que lhe haviam traçado, decidiu o senhor S. voltar atrás e ir ter com o funcionário da Direcção Geral.

- Está cá outra vez? O que lhe disseram?

O senhor S. descreveu o sucedido, arrependendo-se de seguida da sinceridade dos seus sentimentos, entregando-se de bandeja à vontade daquele funcionário que, do mesmo modo calmo, disse:

- Espere aí que eu lhe arranjo uma fotocópia...

Passados cinco minutos de desespero em que o senhor S. ainda teve a sensação estranha do funcionário lhe ir arranjar o que pretendia, o chefe de serviço trouxe uma folha de papel com a capa da publicação a que ele se referia.

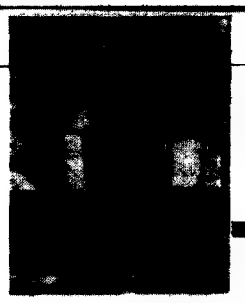
«Agora já fechou»

Com essa fotocópia, o senhor S. voltou à Imprensa Nacional e mostrou o que pretendia, fazendo o funcionário, outro que não o de há momentos atrás, consultar os cardápios das publicações. Com o mesmo ar eficiente, saiu e trouxe uma volume com o dobro da grossura da lista telefónica, acrescentando:

- Três mil escudos.

Não sendo o preço aliciante, quis o senhor S. tirar fotocópias.

Continua na pág. 7



Monstros X

Chaké Matossian

Homem belo, homem médio

O narcisismo deforma a visão, levando-nos a considerar belo o que connosco se parece e não o belo em si. Esta distorção do olhar, inerente a cada indivíduo explica, de resto, para Leonardo, como qualquer mulher, a menos que se trate de um verdadeiro monstro, pode seduzir: «Daí vem que não há figura abrutada de mulher que não ache para si algum amante, salvo se é monstruosa.»

O ser humano procura a sua imagem, ama o seu reflexo, é naturalmente atraído por seus próprios defeitos. Por consequência, o pintor para encontrar o seu modelo, a mulher bela ou o belo homem, deve evitar fiar-se em seu juízo, e ganha em remeter-se à «opinião pública», pois que «poderias enganar-te ao preferir rostos que a ti se assemelham, já que nos agradamos do que nos é parecido; e, se fosses bruto, escolherias, não belos caracteres, mas traços brutais, como muitos pintores cujas figuras a eles se assemlham» (1).

Por um lado, o belo aparece assim como resultado do juízo da maioria, quer dizer de todos, da massa, do *homem médio*. Por outro, na ordem da representação, o pintor considera o belo como harmonia procedente de um cálculo, revelando portanto o belo como *média*.

A justa proporção do belo modelo faz dele um homem médio, como se ao pintor pertencesse entregar, já não o seu auto-retrato inconsciente pleno de desformidades, mas a própria imagem do espectador, do espectador em geral, a imagem de todos. Se o pintor, ultrapassando o seu narcisismo, parece querer satisfazer o narcisismo do público, um narcisismo universal, ele está, na realidade, a ir bem mais longe:

Homem perfeito (Ulrich von Hutten, 1513)

A representação do belo depende da média, quer dizer, de uma relação entre vários elementos. Neste sentido, o artista da Renascença perpetua o acto do pintor Zeuxis, que, para realizar a pintura de Helena destinada ao templo de Hera em Crotone, teve de escolher diversas raparigas: «quedou-se em apenas cinco... por não crer que pudesse descobrir num único modelo todo o seu ideal de beleza perfeita, porque em nenhum indivíduo a natureza realizou a perfeição absoluta», nota Cícero, acrescentando: «a natureza, como se temesse não poder dotar todos os seus filhos, dando a todos o mesmo, sempre vende os seus favores pelo preço de alguma desgraça» (2).

Esta escolha, a operação da média, implica que não existe *o* bom modelo, o que também Alberti fazia notar: «as belezas perfeitas não se encontram reunidas num só corpo, mas são raras e estão dispersas em diversos corpos; no entanto é necessário consagrar todo o nosso esforço à procura e à aprendizagem da beleza» (3).

Desde logo, a representação do belo oferecida ao público pelo pintor, longe de satisfazer o seu narcisismo, deveria ao contrário feri-lo. A obra torna-se castradora, indica ao homem que não há tal coisa como uma bela imagem, que ele não é uma bela imagem. A obra ataca o ego ideal, redu-lo a nada perante um ideal do ego inatingível.

Melhor ainda, como na fase do espelho, o artista reenvia ao espectador uma imagem na qual encontra, num primeiro momento, uma satisfação («assunção jubilatória») depressa seguida de uma angústia face a essa imagem de si que lhe reenvia um *corpo em pedaços* (fase do espelho que pintores como Leonardo ou Alberti exorbitam quando apreciam a beleza das suas obras olhando-as ao espelho).

O belo modelo, enquanto *montagem*, aparenta-se curiosamente com o monstro. Um e outro resultam da colagem de «membra disjecta». O monstro resplandece na evidência da sua monstruosidade, o belo esconde-a, camufla-a. Não apenas o método de «construção» do belo se parece com o do monstruoso, mas a própria base de representação do homem belo, o seu ponto de partida, é ele próprio, lembremo-nos, monstruoso: o cadáver assustador e que fede.

De modo bem subtil, portanto, o artista reenvia ao homem os seus múltiplos auto-retratos de monstros, mostrando-lhe ora a sua fealdade natural (no retrato *segundo a natureza*) ora, através da represetação do belo, o caráter monstruoso de um ideal angustiante, pelo facto de ser inatingível e de devolver a imagem de um *corpo em pedaços*.

O artista assinala ao homem a sua inaptidão para ser «médio», para atingir o ego ideal. O homem médio não existe, nem do ponto de vista da beleza nem do da saúde — tal terá sido a lição — em forma de enigma — dada pela pintura.

Notas

(1) Leonardo Da Vinci, *Tratado de Pintura*

(2) Adolph Reinach, *La Peinture Moderne, recueil Milliet*, Paris

(3) Alberti, *Della Pittura*

Entrar a matar

Sou a favor de que as polícias andem armadas: até aos dentes de ouro, se necessário. A GNR, a PSP, a Judiciária não vieram ao mundo só para proteger o cidadão — esta é, aliás, uma cláusula bastante discutível — mas também, e sobretudo!, para **proteger a sociedade.** E a sociedade tem de ser defendida de todos aqueles que a possam pôr em causa, penso que todos concordamos com isto. A sociedade, se necessário, tem de ser protegida dos homens que a compõe.

(Que sem eles ela deixe de existir não é senão um problema de segunda ordem. E não há problemas: para o resolver ficarão cá sempre as polícias.)

O respeitinho é bonito

Vem isto a propósito do agente (ou soldado, ou guerreiro) da Guarda Fiscal que exterminou um jovem aluno do Liceu Camões. Ao que parece, professores e alunos ficaram indignados, certos jornais (que não os **tele**jornais) dizem mesmo que ficaram **revoltados, manifestaram-se pelas** ruas como se fossem **da Intersindical. Enfim**, uma tristeza. A mim, **nomeadamente**, o que me entristece é que **o pobre guarda tenha** sido obrigado a pagar **dezassete contos** de fiança **(dezassete,** um **escândalo!) para** poder ficar em liberdade. É **de mais, dezassete** contos por um morto — **ainda por cima se** fosse um morto adulto, **mas não, era um fedelho** (e bem malcriado, **ao que parece**) com apenas dezassete anos. **Fica a um conto** por ano. Está mal.

E que culpa **teve o matador, afinal?** Bem vistas as coisas, **ele não fez mais do** que o seu dever. Dão-lhe **uma farda e dizem-lhe**: deves honrá-la. Dão-**lhe uma pistola e ele** compreende que a mensagem **é também: deves** usá-la. Ora, se um **agente da ordem o** é, moralmente, vinte e **quatro horas por** dia, então muita razão teve **este simpático guarda** em se servir da sua pistola **para defender a** honra da farda, mesmo não **estando em serviço.** Aliás, ele puxou da arma **contra o garoto** em legítima defesa, pois **o aluno do Liceu** Camões tinha-lhe primeiro atirado com **um insulto,** isto é, tinha-se servido de uma perigosa arma psicológica contra um adversário indefeso. Indefeso sim, porque um agente da ordem não pode responder a um insulto com outro insulto: para todos os efeitos, há a dignidade do cargo. Assim, só lhe resta uma hipótese: disparar.

A matar, naturalmente. Nas polícias, não se brinca nem em serviço nem fora de serviço.

Levar um tiro: bem bom

E depois, não esquecer que a vítima era **um estudante.** Ora, no estado em que está o nosso ensino, com o ministério a esforçar-se por pôr as coisas a funcionar nos eixos e os professores a boicotarem, faltando e não construindo as escolas, é de duvidar que os alunos recebam uma educação decente e de desconfiar que aqueles recreios sejam outra coisa que não antros de **droga,** onde devia haver agentes da Judiciária (que até é ali ao pé), e não contínuos, a vigiar. Nos tempos que correm todo o cuidado é pouco. Quando as cadeias abarrotam de delinquentes, mais vale prevenir que remediar. Hoje um estudante, amanhã um marginal. Hoje um insulto, amanhã um cartaz de protesto — veja-se a forma que estudantes e professores do Liceu Camões escolheram para manifestar o seu desagrado pelo ocorrido: uma **manifestação**...

É preciso olhar para o futuro com um espírito século XXI.

Urge cortar o mal pela raiz. E, se ainda não se vê o mal, pelo menos vê-se a raiz. Tiro nela!

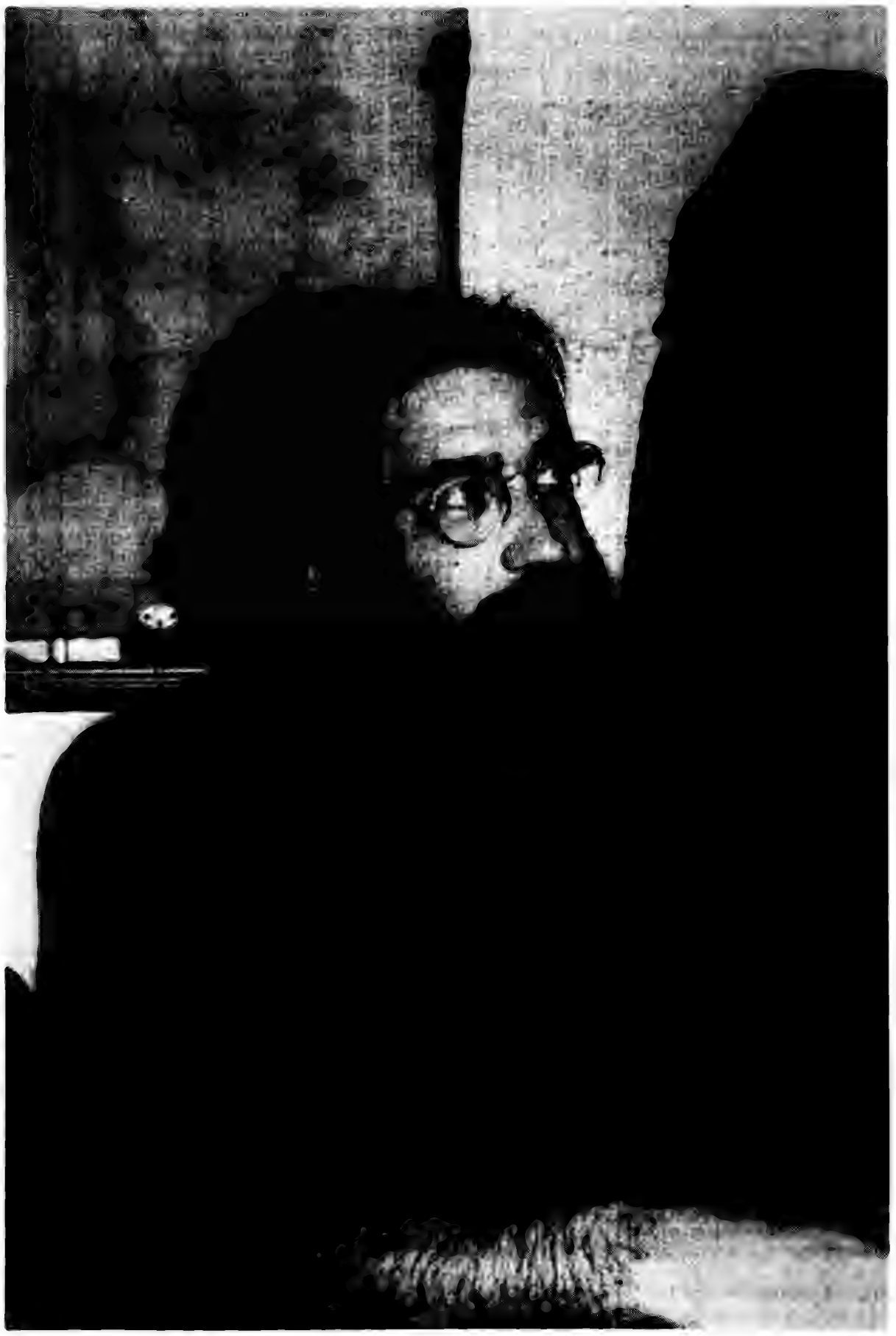
Só espero que os órgãos responsáveis não tenham cedido às pressões — inadmissíveis — de certa opinião pública e o nosso herói, esse bravo guarda fiscal que não fez mais do que o seu dever, ainda esteja a aguardar julgamento em liberdade. Bem haja.

Rui Zink

José Medeiros, realizador de «Xailes Negros»

O regresso às origens

Os críticos aplaudiram, os telespectadores apreciaram e Mota Amaral, no ano «negro» das suas relações com o Poder Central, disse, em privado, ter sido o facto mais gratificante de 1986 para os Açores. Falo da bela série televisiva, «Xailes Negros», exibida há semanas no continente.



José Medeiros, 35 anos, ex-actor amador, ex-músico popular(grupo «Rosa dos Ventos», anos 7O), ex-operador da RTP, foi o artífice principal do magnífico êxito insular que muitos gostariam de rever no pequeno écran. Ele esteve, há dias, em Lisboa, na preparação do filme do espectáculo, na Aula Magna, do seu conterrâneo, Luís Bettencourt, autor dos principais temas musicais da série. Caladão, vagaroso e comedido nas palavras, este barbudo micaelense não se deixa embrigar pelo primeiro triunfo, que reparte pela equipa técnica, pelos actores e por Emanuel Macedo, adaptador do quase desconhecido livro de Almeida Pavão, também micaelense, com o mesmo título da série.

«Ficamos satisfeitos, mas não embandeiramos. Às vezes anda-se na onda e, de repente, ninguém se lembra mais...», sublinha, cuidadoso, como quem já sabe das voltas e contravoltas da fama no mundo do espectáculo e das artes.

Foi em Ponta Delgada, onde nasceu, que José Medeiros começou por se interessar pelo mundo do teatro e da música, por influência do meio familiar e liceal. No plano musical teve uma interessante experiência com o grupo «Rosa dos Ventos», criado após o 25 de Abril, na corrente da musica popular portuguesa e da matriz Zé Afonso.

Chamavam-lhe na escola o «Pelé». Não porque fosse craque.«Eu adorava jogar à jogar à bola mas não dava uma para a caixa...»

O serviço militar trouxe-o até ao continente. Esteve em Lisboa 8 anos, foi operador da RTP, fez um curso de teatro na Barraca e quanto ao cinema o seu curso foi «ver muitos filmes e televisão». Foram os oito anos de vida e trabalho na capital que o levaram a «descobrir» o sentimento de «açorianidade».

Conta: «Gosto de Lisboa. Mas sentia já um certo cansaço, físico e psicológico. Nunca me adaptei ao ritmo da cidade. Sentia um certo desejo de regresso às origens. Aliàs, durante a minha estadia em Lisboa ia muitas vezes aos Açores. Claro que sentimos por vezes a falta de algumas coisas. Sobretudo do cinema, de que gosto muito. Não temos lá, de facto, uma vida cultural tão intensa. Mas há um ritmo mais calmo, temos mais tempo para os amigos, para a família, e para uma trabalho mais interessante...Isso aconteceu com mais pessoas que também regressaram».

A experiência como operador e assistente de realização de TV e a possibilidade de fugir à rotina profissional e de concretizar algo mais ambicioso juntaram-se ao apelo das origens e regressou a Ponta Delgada, com o sonho de fazer ficção, programas ou um teledramático. Tinha já em mente «Xailes Negros», com o ritmo lento e o sotaque típicos de S. Miguel claramente assumidos, em boa parte por sugestão da «Raíz Comovida», de Cristovão Aguiar, um grande poeta açoriano. Lopes Araújo, actual responsável da RTP-Açores, também ele açoreano, aceitou e apoiou o projecto...e daí nasceu a série magnífica, exemplar. «As pessoas aqui acreditam na descentralização. Foi difícil fazer aceitar a ideia do ritmo lento e do sotaque da ilha. Havia o receio de que não resultasse. Ultrapassamos isso e optamos pelos actores da terra, quase todos já com experiência do teatro amador e popular. Só num caso houve convite a um actor do continente, mas porque a história o exigia. Foi o caso de Adelaide João.»

O ritmo lento atribui-o, em parte, à colonização essencialmente beirã, alentejana e algarvia da ilha, ao contrário da Terceira, onde as pessoas são vivas e loquazes talvez por influência de acentuado povoamento espanhol.

A série deverá ser exibida nas comunidades açorianas dos EUA e do Canadá e há a hipótese de a TV-Europa, que se julga venha a reaparecer em breve, a comprar e exibir também. José Medeiros confessa que gostava de fazer cinema mas sabe que as condições não são nada fáceis no nosso país. «É tão difícil que muitos desistem à partida e optam pela televisão. O vídeo é muio mais barato...» A hipótese de teledramatizar o «Mau Tempo no Canal», de Nemésio(«uma obra prima da literatura portuguesa», sublinha), sugerida pelo crítico Orlando Neves, fascina-o, mas adianta, com simplicidade, não ter a RTP-Açores meios humanos e técnicos para uma tal produção. E acrescenta: « para além do problema dos meios há o problema da maturidade. Sei que não a tenho. Há um caminho ainda a percorrer».

Conta ter apresentado uma nova proposta para uma séria e que, para já, aguarda uma resposta definitiva da RTP-Açores. É — explica— baseada num conto neo-realista. É a história de dois açoreanos, dois jovens carpinteiros que, nos anos 5O, quando a emigração para os Estados Unidos era ainda mais difícil do que agora, resolveram construír um pequenos veleiro para chegarem à «terra prometida». Construíram o barco, lançaram-se ao mar e, como seria de prever, viveram extremas dificuldades até que, junto das Bermudas, foram recolhidos por um navio que os deixou nos EUA. Aí ficaram. Um regressou mais tarde, para levar a família. O outro, que vive agora nos Açores, andou também pelo Brasil, Canadá e América do Sul até que se fixou em Nova Inglaterra onde montou um supermercado. É uma história real e que tem, naturalmente, muito a ver com os Açores, com o sonho da «terra prometida», da América, América, onde está hoje radicado o triplo da população actual dos Açores.

Do separatismo ou das tendências independentistas na região, diz ter sido fenómeno dos anos 74-75, sem expressão muito profunda na população. «A regionalização teve efeitos positivos já, em termos económicos e culturais. E esperamos mais e melhor ainda...», conclui no seu estilo vagaroso mas seguro, de quem finalmente descobríu o que sabe e o que quer. O regresso às origens?

Eugénio Alves

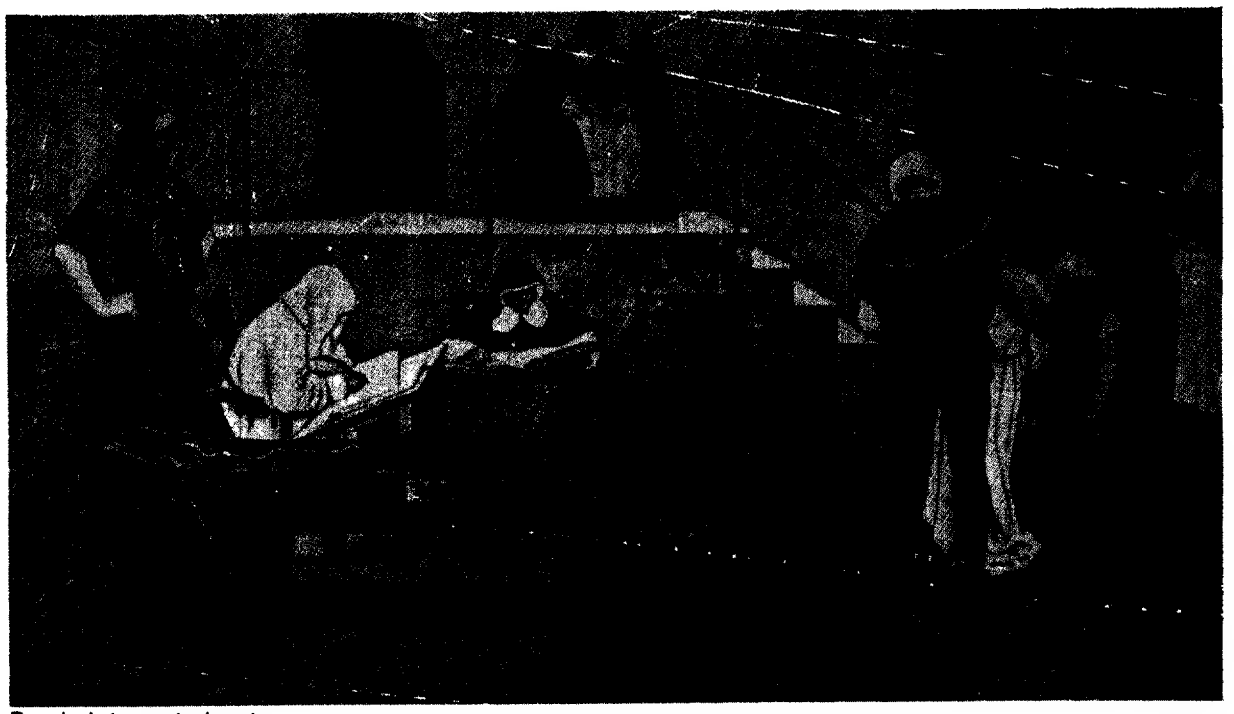
Congresso sobre o Santo Ofício

■ *Centena e meia de comunicações sobre a Inquisição em Portugal e no Brasil*

SEM Elie Wiesel e sem Umberto Eco, começou esta manhã o Primeiro Congresso Luso-Brasileiro Sobre a Inquisição, na Fundação Calouste Gulbenkian. Ontem mesmo, Maria Helena Carvalho dos Santos (em nome da Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII) e Anita Novinsky (da Universidade de S. Paulo) descreveram a jornalistas o conteúdo genérico dos trabalhos presentes ao encontro. Na verdade, cerca de 150 comunicações agora apresentadas comemoram os 450 anos de instauração do Tribunal do Santo Ofício. O congresso terá uma segunda parte no fim de Maio, no Rio de Janeiro.

Hoje, o Sete Ponto Sete divulga um punhado de resumos de comunicações, através das quais espera sugerir ao leitor o âmbito e a projecção das investigações que dão lugar ao presente encontro de quatro dias em Lisboa.

Inquisição e Arte — relação entre o real e o imaginário



Depois do tormento do potro

AS obras de arte e especificamente a pintura têm recebido, por parte do historiador contemporâneo, atenção especial. Ocupando o espaço que lhe é devido têm se constituído numa das principais fontes de estudo imprescindíveis para a compreensão do quotidiano e do mental colectivo, elementos expressivos de um momento histórico.

A arte pictória deixa, aos poucos, de ser apenas «ilustração» da obra académica para compor, com as fontes convencionais, um dos mais ricos mananciais de informação, testemunha figurativa do modo de pensar e de agir de um ou mais grupos sociais. Neste sentido, o Tribunal do Santo Ofício ocupou um espaço significativo destacando-se dentre as temáticas que inspiraram não só artistas europeus de renome internacional mas também aos réus-artistas-símbolos do drama inquisitorial.

Hoje, a arte soma-se aos processos, sermões, manuais dos inquisidores e regimentos, ampliando as possibilidades de reflexão sobre a actuação desta instituição plurifacetada. Percebemos, através dos testemunhos figurativos deixados pelos artistas e pelos réus (século XV ao XIX) a representação da fé ao lado do medo, a submissão a Deus ao lado da inércia e da superstição, elementos que o Clero soube usar nos momentos adequados.

Algumas obras denunciam e outras exaltam o Santo Ofício. De uma forma ou de outra, registaram e recuperaram imagens dos momentos em que aquele tribunal atuou como instrumento de controlo social colocando aos seus pés toda uma população submissa e aterrorizada. O importante é constatarmos, através da arte, que a Inquisição gravou, na memória do artista e/ou do réu, imagens de medo e submissão, do herege e do fiel, do dominado e do dominador, da luta do bem contra o mal, do sagrado contra o profano, hoje testemunhos informantes do real.

Escapa ao âmbito deste estudo examinarmos estilos artísticos. Nosso objectivo é apenas de mostrar o que se pode extrair de informação sobre os mecanismos de actuação da Inquisição, examinando o conteúdo retratado nas telas e gravuras pintadas durante o período em que esta instituição actuou, levando-se em consideração as cenas reais que serviram de inspiração para o artista.

Num contexto de medo, repressão e fé, a Inquisição posou como modelo para uma arte que lhe deu forma e movimento. A partir dos caprichos imaginativos daqueles que desenharam a imagem da Inquisição, nos propomos a estabelecer uma relação entre o «real» e o «imaginário».

A pintura, ao mesmo tempo que produziu imagens fiéis a uma realidade, retratou também mitos e símbolos expressando representações de valor e de grandeza. Mas esta pintura se fez de forma contida, controlada e supervisionada pelo olhar censor e moralista da Inquisição que ditava o que podia ou não, ser pintado ou lido: censura preventiva e repressiva (Révah, 1960:18). Até mesmo Francisco Goya (1746-1828) encontrou limitações, sendo obrigado a retirar de circulação os seus conhecidos desenhos «Os Caprichos» (1799), que denunciavam as extravagâncias e o ridículo, comuns a toda sociedade civil. Segundo Chanbrun, estudioso de Goya, estes desenhos foram retirados de venda 48 horas após seu lançamento por pressão da Inquisição, sendo doados ao rei Carlos IV, forma encontrada para escapar das garras do Tribunal (Chanbrum, 1974:115).

Dentre os pintores que retrataram figurativamente o Tribunal do Santo Ofício, além de Goya, cumpre lembrar: Pedro Berruguete, Eugenio Lucas, Francisco Rizi, Picart, Limborch, J.P. de Laurent, A. Mélida e Jose de Brito. Vivendo em séculos diferentes estes artistas tiveram como temática cenas de procissões de auto-de-fé, auto-de-fé, de tortura, julgamentos, prisões, queima de livros, réus e inquisidores. Isto nos leva a supor que a Inquisição produziu imagens permanentes e personagens, com papéis delimitados pelo seu poder.

Dentre as obras produzidas são raras as cenas que expressam contestação, seja por parte do réu ou da população. A idéia que nos transmitem é de um povo passivo e observador (conivente?). A imagem do réu é sempre a de uma figura humilhada, vexada pela «infâmia» de ser um herege, não de um rebelde.

Dentre as cenas reproduzidas com mais frequência temos: as procissões e os auto-de-fé, verdadeiro «teatro da fé», cujo jogo dramático expressa, de uma só vez, os ritos do poder, da repressão e da pompa (Balandier, 1982:18). A representação figurativa dos autos-de-fé, notadamente nas gravuras, estende-se por mais de três séculos, comprovando não só a repetição da tragédia, mas a criação de uma ordem figurativa própria, com imagens e espectáculos específicos cada uma destas cenas oferece leituras diversificadas; entretanto, algumas ideias apresentam-se cristalizadas:

— *procissão de auto-de-fé*: a de ordem, disciplina e hierarquia, envolvendo forte aparato cerimonial. Sob a forma de procissão, o cortejo serpenteia em ziguezague por entre os espaços abertos delimitados apenas pelo casario urbano arrematado por um ou outro edifício monumental: o «drama» está nas ruas. Nestas representações o povo (a massa, está quase sempre ausente: uma vez ou outra aparece no canto da cena, recuado. Nas filas — sem fim, intercalados, clérigos e guardas (a justiça), diabos, blasfemadores, feiticeiros e efígies (os pecadores).

— *os autos-de-fé*: a de um grande espectáculo visual, cujo sistema de representações nos permite desvendar detalhes sobre a prática da repressão. A imagem que fica é a do Juízo Final, reafirmando a ideia de união dos dois poderes — espiritual e temporal (figuras centrais das telas: monarcas, autoridades eclesiásticas e/ou crucifixo). As imagens são permanentes e repetitivas, embora cronologicamente distintas: o ambiente reproduzido é sempre de ordem e normalidade. Nas «arquibancadas» do teatro observa-se com tranquilidade o «espectáculo» que vai começar ou já está terminando.

— *delimitação do espaço*: cada um dos espaços encontra-se bem delimitado subdividindo o quadro em partes que se entrelaçam: o palco, a plateia, o sagrado, o profano, o bem e o mal. Na plateia, o ambiente é sempre festivo, enquanto que no palco desenrola-se o «drama do herege», marcado pelo exotismo e pelo barbarismo.

— *persistência de alguns símbolos* (tradição): a Cruz, expressando o triunfo da fé católica sobre o mal; o fogo (ou a fogueira), simbolizando a purificação (eliminação do culpado), o sambenito, sinal distintivo do posto de comando e exaltação.

— *comprometimento do artista com o Tribunal*: lembramos aqui a obra de Pedro Berruguete (1450-1504), pintor das Cortes da Itália e Espanha, e que testemunhou a actuação da Inquisição final do século XV, retratando, de forma comprometida, a imagem deste Tribunal. Seu quadro «Auto-de-fé» presidido ao Santo Ofício. Berruguete além de ser sobrinho de um dominicano influente, estava ligado por laços de amizade a Tomas de Torquemada, Inquisidor-Geral.

Raras são as cenas de interiores representando as prisões (cárceres) os interrogatórios ou as torturas, o que é bastante significativo, visto o carácter de segredo e censura que envolvia a actuação do Santo Ofício. Mas foi através da arte de Francisco Goya (natural de Fuendetodos, próximo de Aragão) que a Inquisição foi duramente denunciada, criticada e pintada com cores e traços de ironia. O espírito de cristianismo marcou Goya, mas nem por isto deixou de colocar no pelorinho os sacerdotes, inquisidores. Goya denunciou vaidosos, ambiciosos e o Clero. E dentre os seus temas, a Inquisição ocupou um espaço significativo, expressando uma realidade confundível com seus delírios.

Goya não inventou o garroteado, o sambenitado, ou os flagelados. Ao contrário, retratou-nos denunciando através de figuras estáticas e sombrias, a morbidez, o sofrimento, a angústia, a vergonha e o suplício de ser um «infame» condenado pela Inquisição.

Prof.ª M. Luiza Tucci Carneiro
Universidade de S. Paulo

Um Livro de «Visitas» do Santo Ofício a naus estrangeiras. Exemplo de Viana do Castelo (1635-1651)

A nossa comunicação no congresso tem como base um livro de registo de visitas efectuadas às naus estrangeiras pelo Santo Ofício, ao porto de Viana do Castelo, nos anos de 1635 a 1651. Documentos deste tipo constituem o alicerce fundamental para o estudo da actividade inquisitorial como «tribunal da fé e garante da ortodoxia». Têm, no entanto, sido aproveitados como fontes para o estudo do movimento dos nossos portos e, por vezes, pretendendo retratar esse movimento, o que não é inteiramente correcto. Só o estudo complementar de diversas fontes, como, os **Livros das Alfândegas,** os **Livros das Vereações,** os **Livros das Visitas de Saúde** e os **Livros de Visitas do Santo Ofício a naus,** contribuirá para se avaliar com mais precisão o comércio, quer a nível nacional, quer a nível inter-regional.

Para além dos assuntos que diziam directamente respeito à «busca» efectuada — procura de livros ou objectos proibidos, anotação da religião dos passageiros e tripulantes —, pensámos que seria útil enquadrar a fonte em análise numa amostragem do movimento portuário de Viana. Tentando, assim, com os resultados por nós obtidos — que nos autorizam a formular diversas hipóteses de pesquisa —, reunir dados para tão importante e urgente estudo.

No funcionamento do aparelho inquisitorial, a actividade censória, centrada na problemática da heresia, exigiu a criação de uma norma regularizadora, ou seja, elaboração de critérios e de regras gerais de conduta. À impressão, transporte, venda e leitura de impressos seguiam-se uma série de medidas inquisitoriais tendentes a um rigoroso controlo da produção intelectual, com vista à identificação da heterodoxia, e a uma repressão de opiniões contrárias à fé católica. Serão averiguadas as formas de censura e desde quando temos conhecimento da sua actividade em Portugal, e, em especial, para as alfândegas. Ver-se-á como é que esta fiscalização estava cuidadosamente organizada e como é que esta defesa da ortodoxia não deve apenas ser encarada na sua motivação religiosa, afirmada como fundamental, mas igualmente no cruzamento, não desprezível com os interesses do Estado.

Estudaremos o movimento do porto de Viana e a sua prosperidade no período referido (far-se-á uma breve apresentação da conjuntura europeia seiscentista e do caso português e do devido enquadramento regional de Viana da Foz do Lima), observando os produtos privilegiados no trato comercial e os motivos de incremento ou interrupção dos contactos com determinados países.

Dra. Maria de Fátima M. Dias A. dos Reis

Faculdade de Letras de Lisboa

A organização do processo inquisitorial — Alguns paralelismos com o processo comum

A organização do processo inquisitorial encontra-se minuciosamente estabelecida nos regimentos do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, podendo considerar-se o Regimento de 1613 como o documento básico para este estudo, visto conter as disposições regimentais iniciais (1552), corrigido pelas frequentes alterações que se verificaram nos primeiros anos do funcionamento do Tribunal.

Eram objectivos processuais a apreciação e repressão de casos de heresia (mais tarde também de apostasia), tendo em vista não o castigo dos culpados, mas a salvação das suas almas. Assim, o processo não terminava com a morte do acusado, ao contrário do que se verifica no Direito Processual comum. Esta grande diferença nos objectivos é apenas a primeira das muitas detectáveis, se se fizer uma análise comparativa entre as várias fases do processo inquisitorial e do processo comum.

É a seguinte a sequência esquemática do processo inquisitorial:

1) DENÚNCIA — A denúncia era obrigatória, sob pena de excomunhão. Após a recepção da denúncia, competia aos inquisidores, através dos familiares do Santo Ofício residentes nas Comarcas do acusado principiarem investigações, com vista à obtenção de nomes de testemunhas.

2) TESTEMUNHOS — Todas as testemunhas eram examinadas na mesa e os seus testemunhos ratificados na presença de dois presbíteros nomeados para o efeito «Honestas e religiosas pessoas». Juravam guardar segredo inviolável de tudo o que tinham visto e ouvido. Não eram aceites testemunhas residentes fora do reino, porque isso poderia atrazar o processo.

3) PRISÃO — Só se verificava após a audição de todas as testemunhas, excepto quando houvesse temor de fuga. A prisão podia ser com ou sem sequestro de bens. Em qualquer dos casos, o preso tinha de levar cama, roupa e dinheiro para o sustento (o regimento de 1613 estipula 20 000 reais).

4) INTERROGATÓRIO — Após a prisão o acusado é convocado à mesa. Faz-se-lhe a «genealogia» e é instado a que confesse as suas culpas. Recebe por três vezes, em três diferentes sessões, a «admoestação em forma». Nessas três sessões, não lhe é dado conhecimento da acusação que sobre ele impede.

Se não confessa culpas, dá-se-lhe o traslado da acusação, com ocultação dos nomes das testemunhas, ou de qualquer elemento que possa conduzir à sua identificação.

5) NOMEAÇÃO DE PROCURADOR — O procurador das partes (advogado de defesa) era escolhido pelo acusado entre os dois procuradores que trabalhavam no Tribunal.

A sua acção era muito limitada:

— Não podia falar a sós com o preso, mas sempre na presença do Meirinho e do Notário;

— Não podia ouvir confissão nenhuma do preso, a não ser na mesa, na presença dos inquisidores;

— Não tinha acesso ao processo;

— Não podia prosseguir a defesa, logo que lhe parecesse que o acusado era culpado;

— As testemunhas de defesa não são convocadas pelo procurador, mas sim pelos inquisidores.

6) CONTRADITAS — O procurador podia apresentar «contraditas», mas não sabia quem eram os acusadores. Apenas podia formular hipóteses.

7) TORMENTO — Não existia limite ao número de vezes que o acusado podia ser atormentado. A confissão obtida sob tormento tinha de ser ratificada 24 horas depois. Mesmo após a confissão, podia voltar a atormentar-se o acusado, sob pretexto de que talvez não tivesse confessado tudo.

8) DESPACHO FINAL — A sentença era proferida na presença do Juiz Ordinário, após ordem do Conselho Geral. O preso era interrogado ainda uma última vez, antes da decisão final ser votada. Os condenados participavam no Auto de Fé, tendo o seu lugar na procissão determinado pelo grau da pena. A condenação à «pena última» implicava o relaxe do preso à curia secular (em efígie, se ausente, ou as ossadas se entretanto tivesse falecido).

Em todo o processo inquisitorial é evidente a preocupação de aparentar conformidade de procedimento com a lei comum, tanto na designação dos oficiais e funcionários como nos termos processuais usados. No entanto, as diferenças são notórias e não podem ser escamoteadas. Note-se como exemplo flagrante da mentalidade inquisitorial o facto de os regimentos, referindo-se aos réus em qualquer fase do processo, os designarem como «culpados».

Outra característica própria de todo o processo é o secretismo, que abrange todos os actos e todos os seus intervenientes, incluindo os próprios inquisidores.

A face visível do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição era, assim, o acto final, o seu único acto público: O Auto de Fé.

Maria Cristina Corrêa de Melo
Faculdade de Letras de Lisboa

A retórica do cativo: Padre António Vieira e a Inquisição

A defesa perante o Tribunal do Santo Ofício do padre António Vieira é matéria que pretendo analisar em comunicação a ser apresentada no I Congresso Internacional sobre a Inquisição.

O documento básico para o estudo é a representação com que o jesuíta, padre António Vieira, procurou defender-se perante o Tribunal do Santo Ofício, de Coimbra. O motivo que levou Vieira a ser processado foi o seu escrito **Esperanças de Portugal** ou **Quinto Império do Mundo,** enviado ao bispo do Japão, o jesuíta André Fernandes, confessor da rainha D. Luísa de Gusmão, para aliviá-la da morte de seu marido D. João IV.

Vieira escreveu este documento no cárcere de Coimbra. Nele foi obrigado a se defrontar de forma violenta com a 'sujeição, rendimento e obediência', abrindo mão de sua retórica barroca. Deixava de lado neste discurso de cativo a beleza de um universo aberto e repleto de incertezas optando, por um outro, encerrado dentro da lógica desejada pelo Tribunal do Santo Ofício.

A decomposição das proposições, o esclarecimento dos motivos, as respostas às objecções, a confirmação da verdade ou a probabilidade das mesmas explicações e as conclusões presentes na sua defesa referem-se, a nível da forma, a um princípio unitário, tirânico e pedagógico. Assim, Vieira permite à Inquisição, obedecendo como cativo, obter de seu próprio punho uma resposta em espelho:

> «É um espelho de tão diferente artifício, que olhando para ele, não nos veremos semelhantes a nós, mas ele só com a sua vista nos fará semelhantes a si.»
>
> *(Sermão do Demónio Mudo, 1651)*

Esta é a questão central que envolve a retórica de sua defesa. Vieira aceita participar de um diálogo com a abnegação e o cuidado de quem está fora dele e, portanto, pode construí-lo com distância e perfeição.

Sem ter notícias «dos fundamentos das censuras», Vieira foi obrigado a responder sistematicamente às acusações abandonando o **ritmo estilístico** ao qual se dedicava. Os conjuntos antitéticos, típicos de sua obra, representavam ameaça por justificar, aos olhos dos inquisidores, as censuras que haviam sido levantadas.

Talvez o cativo Vieira tenha permitido que em sua linguagem se reflectissem as imagens dos acusadores por supô-las sem semelhança. Ou ainda, talvez, compôs tão sábia e rigidamente uma linha de argumentação por conhecer o caminho dos contrários. O caminho barroco de uma prosa obscura e poética que foi de encontro à sua liberdade.

Assim, pôde retornar livre ao «signo do paradoxo».

Prof.ª Dr.ª Janice Theodoro da Silva

Universidade de São Paulo

A irreligião na província vista do Santo Ofício, nos fins do séc. XVIII

É conhecido o influxo do filosofismo e da irreligião nalguns centros de cultura portuguesa do século XVIII.

Os estudos existentes a respeito de José Anastácio da Cunha, Bocage e Filinto Elísio, por exemplo, ajudam a prefigurar esse quadro e, quando congregados com outra documentação inquisitorial, tornam possível esclarecer e alargar muito do que foi dito. O material em questão permite detectar graças, não só ao conteúdo dos processos, mas também de algumas denúncias e sumários, afirmações várias de irreligião e de interesse pela doutrina dos filósofos do século XVIII em diverss pontos da província, até agora esquecidos. A distribuição geográfica de tais núcleos, cujo inventário não é exaustivo, a sua composição social, a natureza dos pontos filosóficos e críticas realizadas, o conteúdo das afirmações produzidas, a grande fidelidade das ressonâncias testemunhadas, numa palavra, o teor, mais ou menos rico, mais ou menos grosseiro, das inquietações religiosas e filosóficas postas a nu, emerge de um valioso material, que tem a ver com a Inquisição no tempo de D. Maria I, e do qual resulta um conhecimento alargado das tensões existentes no Portugal setecentista.

Luís A. de Oliveira Ramos

Universidade do Porto

Fotografia

Balzac e o corpo-espectro

NADA nos impede, parece-nos, de procurar ainda num outro registo as marcas das concepções do fotográfico de que temos vindo a ensaiar uma despistagem. Esse registo, em que faremos mais uma intrusão do que uma exploração, seria a literatura. Ou, melhor, um pouco de literatura. Na verdade, logo no século XIX, não era apenas o povo quem alimentava nas suas superstições e crendices o temor da despossessão fotográfica do duplo... Como nos diz Nadar, «face ao daguereótipo, foi 'do pequeno ao grande', como pronuncia o ditado popular, e o ignorante ou o iletrado não tiveram sozinhos essa hesitação desconfiada, como que supersticiosa. Mais do que um de entre os mais belos espíritos sofreram esse primeiro contágio do primeiro recuo» (1). É de crer que, nestes, foi a própria inteligência e cultura que se viram postas ao serviço de uma imaginação que encontrava o pretexto na fotografia para se lançar nos mais bizarros delírios.

Assim Balzac, por exemplo, incomodado pela nova invenção, mas não o suficiente para que não tivesse mandado tirar o seu retrato nos estúdios de Nadar. Das suas inquietações deixou-nos o testemunho sem, na verdade, que o fotógrafo lhes atribuisse seriedade de maior: a escala do reconto é aquilo a que os franceses chamam «anecdote». Disse Nadar: «Para não citar senão entre os mais altos, Balzac sentiu-se pouco à vontade face ao novo prodígio: ele não podia impedir-se de ter uma apreensão vaga da operação daguerreana...» (2). Curioso é que Nadar, fotógrafo e detentor de um saber de índole técnico-operativa sobre o dispositivo fotográfico, coloque imediatamente o literato na posição desfavorecida daquele que detém um menos de saber: a sua explicação apenas poderá então aparecer como algo que se constrói a partir de um desconhecimento que, não chegando a ser ignorância, constitui ao mesmo tempo o pretexto necessário e a razão suficiente para que se imagine. Balzac não ensaia uma classificação, não pretende instaurar uma taxinomia. Parece-nos, no entanto, que o seu pensamento se move inteiramente no interior dos mecanismos daquilo a que Lévi-Strauss chamou uma *ciência do concreto*: «Objectar-se-á que uma tal ciência não pode ser de modo algum eficaz no plano prático. Mas, precisamente, o seu primeiro objecto não é de ordem prática. Ela responde a exigências intelectuais antes, ou em vez, de satisfazer a tais necessidades... ora, essa exigência de ordem está na base do pensamento a que chamamos primitivo, mas apenas na medida em que ela está na base de todo o pensamento» (3). A imaginação de Balzac constituía então a esteticização de um não saber, aquilo que conferia a um *desconhecimento sabido* a figura plausível de uma explicação. Nadar: «ele tinha encontrado uma explicação sua... segundo Balzac, cada corpo na natureza é composto de série de espectros, em camadas sobrepostas até ao infinito, foliculadas em películas infinitesimais, em todos os sentidos em que a óptica percebe esse corpo... Não podendo o homem jamais criar — quer dizer uma aparição, do impalpável, constituir uma coisa sólida, ou de nada fazer uma coisa, — cada operação daguerreana vinha portanto surpreender, destacava e retinha... uma das camadas do corpo 'objectado'» (4). Tornado objecto do olhar da câmara, seria ainda o próprio corpo ou, o que é o mesmo, uma das finas películas espectrais que o constituem, que viria a tornar-se objecto ao ser retido pela sensibilidade da emulsão.

Na verdade, para compreender o sentido desta imagem é preciso ir mais longe e compreender como a imaginação literária condensa, dando-lhes frequentemente configurações inusitadas, diversas figuras do saber. Porque as concepções balzaquianas do corpo fotografado, suscitadas pela novidade fotográfica, constituem a deformação imaginada, ou a deslocação, das teorias espectrais do físico alemão Josef von Fraunhofer. Construtor de sofisticados aparelhos de óptica e autor de uma teoria dos halos, von Fraunhofer foi o pioneiro da análise espectral da luz emanante dos corpos celestes. O que nos interessa sublinhar aqui é que já com o seu inventor esta descoberta permitiu relacionar a forma espectral da luz com a composição material dos astros: as 576 faixas que constituem o espectro solar, ainda hoje ditas de Fraunhofer, foram interpretadas como o signo da natureza, inacessível mas no entanto existente, do Sol. A luz dos astros, aquilo que nos faz saber que elas existem e, no caso do Sol, aquilo que permite que existamos, revelava-se assim *emanação pelicular*, cuja decomposição deixava aparecer uma forma a interpretar.

As figuras balzaquianas da espectralidade humana não obedeciam a um mesmo recorte. Em primeiro lugar, pouco ou nada podemos inferir quanto à sua análise possível através das operações daguerreanas. Em segundo lugar, elas estavam dominadas por uma espécie de economia das essências, radicada num temor da perda dos espectros: ser fotografado significaria então consentirem, ou ser forçado a sofrer, uma verdadeira exacção fotográfica de um espectro. Nadar: «a cada operação renovada, perda evidente de um dos seus espectros, quer dizer de uma parte da sua essência.....

NOTAS

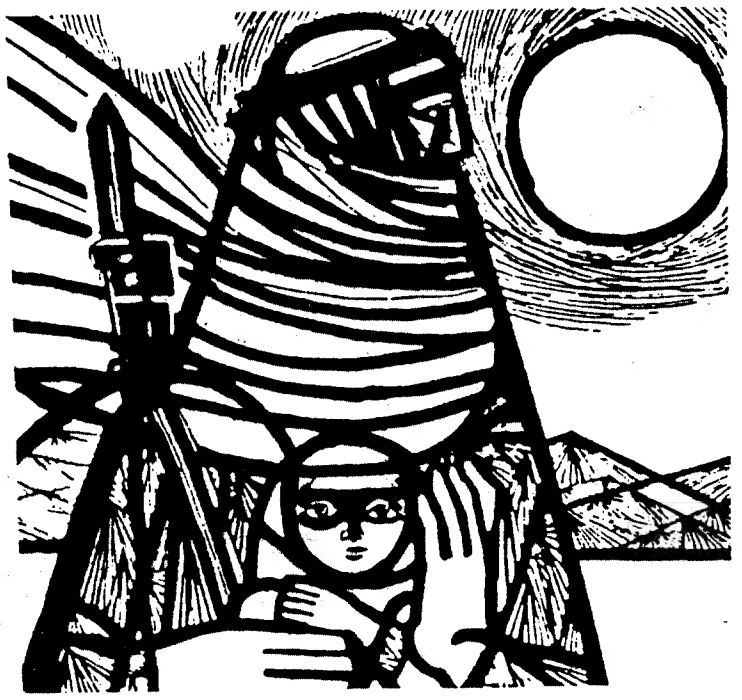
(1) Nadar, **Quand j'étais photographe**, Éd. d'aujourd'hui, Varennes, 1979, p.5
(2) Idem, p.5
(3) Claude Lévi-Strauss, **La pensée sauvage**, Plon, Paris, 1962, p. 16-17-18
(4) Nadar, op. cit., p.6
(5) Nadar, idem, p.6

PEDRO MIGUEL FRADE

Quarenta anos de uma certa história palestiniana, quando, em Beirute, se aperta o cerco aos campos onde civis e militantes armados prosseguem a sua luta. A história da conquista, pelos palestinianos, de um território conheceu um sem número de vicissitudes desde a criação do Estado de Israel e, tanto quanto se antevê a partir das contradições actuais do imbróglio no Próximo Oriente, não está próxima de chegar a bom termo.

40 anos depois

As Nações Unidas e a questão palestiniana



COMPLETAM-SE agora 40 anos — foi em 1947 — sobre a adopção pela Sociedade das Nações da Resolução 181 (II), que recomendou a partilha da Palestina em «Estados independentes árabe e judeu, bem como no Regime Internacional Especial previsto para a cidade de Jerusalém». Em 14 de Maio do ano seguinte, as Forças Armadas da potência mandatária, a Grã-Bretanha, evacuaram da Palestina, cedendo lugar à criação do Estado sionista. Estávamos perante um dos erros históricos mais grosseiros do nosso século — erro, aliás, pelo qual tem sido pago um elevado estipêndio de vidas humanas e recursos.

Antes de mais, já as decisões do Primeiro Congresso Sionista, realizado em Basileia em 1897, apontavam declaradamente para a implantação de um Estado judaico na Palestina, com exclusão dos árabes. Estes, eram em 1895, cerca de 400 mil, para 53 mil cristãos e uma minoria de 47 mil judeus. Mesmo assim, os sionistas reclamavam a Palestina como «uma terra sem povo para um povo sem terra».

Mesmo quando isto não bastasse, a ocupação militar britânica não conferia a soberania da Palestina ao Reino Unido, que nunca invalidara antes a pretensão dos seus habitantes à posse do território. A resolução 181 (II) surge, a esta luz, de todo o ponto pró-sionista, sectária e ilegítima. Pode dizer-se, sem embargo, que foi tomada uma «resolução» para consagrar situações «de facto» e não — como era dever das nações para arbitrar a questão.

Mais a mais, como nota o historiador Henry Cattan, da American Society of Internaional Law, «convém sempre observar que esta regra (da maioria democrática), não foi observada quando a Assembleia Geral das Nações Unidas recomendou em 1947, em circunstâncias e pressões políticas já referidas, a partilha do país em Estado árabe e judeu. Os acontecimentos que se seguiram e a criação de Israel impediram o povo palestiniano de exercer o seu direito à soberania sobre as suas próprias terras». (1)

Com a criação do Estado sionista e com incidentes como o massacre na aldeia de Dar Yassin (254 vítimas, entre homens, mulheres e crianças), instalou-se a crise no Médio Oriente, que não mais conheceu tranquilidade até aos nossos dias. Começou então o êxodo de refugiados para os países árabes vizinhos, uma geração de exilados sentindo na carne a ocupação sionista.

A Palestina torna-se palco de guerras sangrentas. Os exércitos dos países árabes vizinhos entram na contenda, esclarecendo que o fazem como «medida de protecção temporária, sem ter de modo algum por objectivo a partilha da Palestina» (2), sobre a qual, aliás, não reivindicam quaisquer direitos de soberania.

Com a guerra de 1967, o Estado sionista apoderou-se do resto da Palestina. Desta feita, 1 milhão e 100 mil palestinianos que viviam na Cisjordânia e na faixa de Gaza (ver caixa) foram submetidos à ocupação sionista. Esta ocupação foi sempre ilícita à luz das regras do Direito Internacional e da Carta das Nações, que asseguram sem equívocos «a inadmissibilidade da aquisição de território pela guerra» e que «ninguém deve retirar vantagens de uma agressão» (3).

As próprias Nações Unidas acabarão por reconhecer que «para aplicar esta regra, não interessa saber quem foi o agressor em 1967, questão à qual nem seria fácil responder. Que Israel seja ou não o agressor, não teria sem qualquer dúvida sido possível ocupar esses territórios sem recorrer à força armada» (4).

Também neste ponto os Estados Unidos iriam apoiar o sionismo, apesar da sua adesão teórica à Conferência Pan-Americana de 1890, à Declaração de Buenos Aires de 1936, à Declaração de Lima de 1938 e à Carta de Organização dos Estados Americanos, assinada em Bogotá em 1948. Todas essas declarações reiteram os mesmos princípios sobre a não ocupação armada de territórios, segundo a chamada doutrina de Stimson.

O Estado sionista recusou sempre cumprir as decisões das Nações Unidas que não o favoreciam, como a Resolução 242, de 22 de Novembro de 1967, que apelou à «retirada das Forças Armadas israelitas dos territórios ocupados durante o recente conflito (do mesmo ano), bem como a «necessidade de trabalhar para uma paz justa e duradoura permitindo a cada Estado da região viver em segurança». Mais tarde, em 25/7/80, a Resolução ES-7/2 confirmou que esta disposição implicava a «retirada de todos os territórios palestinianos e outros territórios árabes ocupados, incluindo Jerusalém, sem o que não será encontrada uma solução justa para o problema palestiniano, fundada na realização dos direitos inalienáveis do povo palestiniano sobre a Palestina».

De então para cá, e sobretudo a partir da resolução 2535 (XXIV) de 10/12/69, as Nações Unidas vêm reiterando o direito dos palestinianos a viverem em paz, independência e segurança. Em 14/10/74, a ONU convidou «a Organização para a Libertação da Palestina, representando o povo da Palestina, a participar nas deliberações da Assembleia Geral». Em 22/11/74, a resolução 3236 (XXIX) «reafirma os direitos inalienáveis do povo palestiniano da Palestina, compreendendo: o direito à autodeterminação sem ingerência exterior, os direitos à independência e soberania nacionais».

A comunidade internacional, a história e os princípios normais de convivência das nações desmentem o sionismo e confirmam a razão dos palestinianos.

António Cunha Ribeiro

Notas

(1) Henry Cattan, **Sovereignity and Palestine, The Arab-Israeli Conflict,** vol. 1, p. 193 (American Society of International Law, Princeton University Press, 1974).
(2) **Le Statut Juridique de la Rive occidentale et de Gaza,** p. 4, Nations Unies, New York, 1982.
(3) **Ibid,** p. 9
(4) **Ibid.**

A Cisjordânia e a faixa de Gaza

A faixa de Gaza ocupa uma superfície de cerca de 1554 km2 e conta 400 000 habitantes. A Cisjordânia estende-se por 5.879 km2 e possui recursos agrícolas muito abundantes, tendo 700 000 habitantes.

A faixa de Gaza era administrada em 1967 pelo Egipto, enquanto a Cisjordânia permanecia unida à Jordânia, depois da adopção da Acta da Unificação de 1950. Quando deflagrou a guerra entre o Estado sionista e os vizinhos árabes, os dois territórios foram ocupados pelo Exército sionista, que — 20 anos depois — em contravenção a todas as numerosas resoluções das Nações Unidas, que pedem a «retirada de todos os territórios ocupados», mantém essa situação.

O combate dos poetas na Palestina ocupada

NUMA terra milenária, berço da própria humanidade e das três religiões monoteístas, os poetas marcam presença. Apesar de um quotidiano de humilhações, prisão e, não raro, morte. Um dos povos com mais baixa taxa de analfabetismo no mundo — apenas 8% —, os Árabes da Palestina reagem à ocupação sionista da sua terra com um movimento cultural cheio de vitalidade. Na pátria ocupada, na diáspora ou simplesmente nas prisões militares do ocupante, quando não pagando o seu canto com as próprias vidas, os modernos poetas palestinos erguem uma das vozes mais poderosas deste povo combativo e generoso. Na prática, eles não fazem mais que traduzir as palavras do seu líder Yasser Arafat: «os palestinos prosseguem empunhando o ramo da oliveira numa mão e a arma na outra».

Nascida nos campos de refugiados, nas tendas da Cruz Vermelha ou sob as balas do inimigo, esta geração de poetas rompe com a beleza formal da arte árabe. De forma obstinada, a mão que empunha a oliveira não esquece aquela outra que empunha a arma; e a poesia cria-se ela própria como uma arma apontada à consciência dos homens. Sobre isso, as palavras do escritor árabe Farid Suwwan: «Eis que a poesia corre, uma vez mais, ao encontro histórico de um povo e ocupa o seu lugar, à medida da necessidade, na batalha contra a injustiça e a opressão, pelo direito à existência e à dignidade. Não nos espanta. A poesia habituou-nos a essa fidelidade, a essa exactidão, a essa apreensão dinâmica do movimento histórico. A história do mundo árabe pode dar-nos mais um exemplo desse compromisso da poesia em relação às causas e experiências dos povos árabes»

Foi sobretudo depois da guerra de Junho de 1967 que editores, principalmente libaneses, começaram a mostrar ao mundo de cultura árabe a produção dos poetas vivendo nos territórios ocupados pelo Estado sionista, reeditando folhetos que chegavam na clandestinidade. Tawfik Az-Zayad, Samih Al-Qassim, Gassan Kanafani (que pelos seus versos e novelas foi assassinado em Julho de 1972 em Beirute, com uma bomba no carro), Mahmoud Darwich, 'Issa Al Lubani, são algumas dessas vozes incómodas, testemunho doloroso de um dos mais difíceis conflitos do nosso tempo.

Outro impulso neste movimento foi dado a partir de 1964, com a fundação da Rádio Palestina, em Damasco, por iniciativa de um intelectual exilado, Yusu Al Khatib.

Estamos a referir-nos apenas à moderna geração de poetas palestinos. Mas não podemos esquecer o movimento, já profundamente consciente das suas raízes históricas, sociais e políticas, que a antecedeu desde muito cedo.

Merece ser lido atentamente o que um poeta anónimo palestino recitou antes de ser enforcado na prisão, em 1936 (ainda sob o mandato britânico, foi por essa altura que a administração Truman pressionou a Grã-Bretanha a autorizar a partida de 100 000 imigrantes judeus para a Palestina. Ao mesmo tempo, grupos terroristas armados — os Haganha, Irgun e Stern — desencadearam uma campanha sangrenta contra os civis palestinos):

O noite
Deixa que o prisioneiro termine seus lamentos...
Não creias que é o medo
que provoca as lágrimas
Se choro é por minha pátria
e pelas crianças que deixei em casa
Quem lhes dará pão depois de mim?
se, antes de mim, meus dois irmãos
foram também
enforcados...

Tal como este autor anónimo, o poeta popular palestino Hummayd Oum Al Fahm foi assassinado em 1950, na Galileia. O facto de a perseguição não se abater somente sobre os intelectuais árabes vem, uma vez mais, reconhecedr o objectivo sionista de calar a voz popular que se ergue na bandeira da poesia.

«O nosso objectivo, diz Samih Al Qassim, em entrevista à revista Al-Tariq, é ganhar o coração do povo, seja com as novas formas que temos criado, seja utilizando a poesia popular que o povo criou como ritmos e moldes poéticos. Pessoalmente escrevi muitos poemas nesse sentido, utilizando novamente técnicas dos cantores populares. Somos filhos deste povo árabe. Deixamo-nos penetrar por esses ritmos e esses poemas, pelos seus contos e lendas. A causa palestina para mim é parte integrante do movimento de libertação árabe no seu conjunto e do movimento revolucionário mundial. Isso está claro na minha poesia».

ACR

Antologia

Ainda permanece

O sangue dos meus mais remotos antepassados
ainda corre em mim
e sempre escuto
o relinchar dos corcéis e o entrechocar das espadas
levo um sol na minha mão direita
e repito
nas encruzilhadas da noite
e canto da dor

Sanih Al Qassim

NASCEU em 1939 em Zarqah, na margem oriental do Jordão. De família drusa, passou a infância em Ramah, na Galileia. Estudos secundários em Nazaré. Foi professor até à publicação do seu primeiro livro de poemas, que foi censurado, e desde então excluído da profissão. Preso em várias ocasiões e condenado à prisão domiciliar em Haifa. Actualmente ignora-se o lugar da sua prisão e a sorte que lhe foi reservada. Este texto foi extraído do livro canções das Ruas (Edições Dar Al'Awdah, Beirute, 1969).

Alerta aos carcereiros

A liberdade pende
da corda de uma forca
seus filhos são as palavras
que saem dos lábios de um homem
(nada nele lembra um homem)
que me proíbe de visitar os meus vizinhos
Fica a certeza
na penumbra do cárcere
e sob o punho da privação
a certeza
de que sou um homem
mais forte que o tempo
Que os carcereiros se ponham em guarda
contra o sobressalto dos desesperados
A moldura despedaçou-se
(era de papel pintado)
e a parede caiu

'Issa Al Lubani

PROFESSOR. Afastado do seu cargo devido à actividade literária. O presente texto apareceu na revista libanesa Shi'r em 1968.

Em busca de impostos perdidos

Continuação da pág. 1

- Só na Biblioteca, mas já fechou. Agora só amanhã...

O senhor S. ainda mostrou ao primeiro funcionário a fotocópia que lhe haviam arranjado e acrescentou alguns comentários mais sérios e em voz um pouco descontrolada relativamente ao perfeito conhecimento das obras que naquela chafarica vendiam.

Sem outra saída, caiu o senhor S. na receita prescrita e dirigiu-se à Bibliotace Nacional, onde bem educadamente lhe indicaram qual a referência da obra em causa, porque realmente conheciam-na e melhor ainda, podia consultar-se!

Aliviado com o fim de semelhante pesadelo, ia já de pedido na mão entregar o seu desejo ferveroso à funcionária da Biblioteca quando aquela que lhe indicara a referência, se lhe dirigiu deste modo:

- Tem cartão de leitor?

O senhor S. controlou-se para responder que efectivamente não tinha e perguntar o que era necessário para o receber.

- Uma fotografia e o bilhete de identidade.

Vsculhou a carteira, remexeu nos papéis da agenda e não se esqueceu no fundo dos bolsos, porém tudo foi em vão. E agora?

- Talvez na Biblioteca Municipal, ali ao Campo Pequeno.

Nessa altura, quando abandonou o edifício já era noite e pouco minutos restavam para o final do horário do expediente. Correu e ainda deu com as portas abertas. Aí um funcionário expedito, prontificou-se suspeitosamente a auxiliá-lo, ajuda que demorou quinze minutos e que concluiu com a declaração que, tratando-se de uma publicação do Ministério das Finanças, aí talvez devesse ser procurado...

E foi assim que o senhor S. voltou para casa com a sensação de cansaço própria de arcartar uma condenação com pena suspensa, muito ainda para lá do horário normal de funcionamento.

João Almeida

Foto de José Tavares

Bethânia, doente, não deu ontem espectáculo

Surpresa no Coliseu — Bethânia, sobre quem se tem dito o melhor e o pior, desde que se trata de uma deusa até que não passa de uma cantora lamechas, enrouqueceu e não deu espectáculo ontem, ficando o «show» adiado para o dia de hoje, sem prejuízo do público (para além do incómodo da deslocação nocturna até diante da fachada do velho edifício lisboeta). Esperemos que melhore da rouquidão.

Colômbia: extradição ameaça paraíso dos traficantes de cocaína

Uma festa de «coca» estava a chegar ao fim. Os polícias que cercavam a casa tinham feito as contas de modo a surpreenderem os seus habitantes quando estes estivessem completamente «pedrados». A ordem de acção foi dada já de madrugada. Após cerca de quinze minutos de tiroteio, os ocupantes da casa renderam-se. Entre eles encontrava-se um dos reis do tráfico internacional de cocaína: Carlos Lehder Rivas, de 37 anos, proprietário do rancho perto de Medellín, na Colômbia, que foi palco da operação policial.

Corria então a primeira semana de Fevereiro. Lehder Rivas não desarmou: «O.K., vocês apanharam-me, mas resta ainda saber o que os advogados irão fazer», disse aos polícias que o prenderam. Pouco depois, o «dealer» apercebeu-se que desta vez as coisas não seriam fáceis. Na verdade, ele nem sequer teve tempo de contactar os seus defensores. Um avião da Divisão norte-americana de Combate à Droga levou-o directamente para Jacksonville, na Flórida, onde nesse mesmo dia compareceu perante um Tribunal Federal. Lehder Rivas fora extraditado para os Estados Unidos, sem que pudesse fazer uso da sua influência junto de polícias e magistrados subornáveis.

A prisão e extradição do rei da cocaína foi considerada por fontes oficiais norte-americanas como « a maior vitória até hoje registada no combate à droga». Um elemento do Departamento de Estado chegou mesmo a afirmar que «a partir de agora o jogo mudou». « Muitos traficantes pensavam que eram intocáveis e imunes à extradição», mas a prisão de Lehder Rivas demonstrou o contrário, acrescentou.

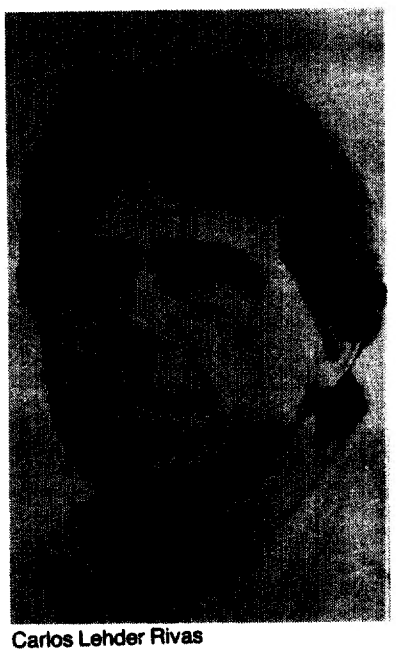
Na realidade, os traficantes colombianos têm feito tudo o que lhes é possível para que esse destino não lhes toque à porta. Em Medellin, onde se situa o cartel de tráfico de que Lehder Rivas era um dos chefes, suspeita-se que cerca de 80 por cento da força policial trabalhe para os «dealers». Por outro lado, os pistoleiros do cartel assassinaram mais de doze juizes que haviam confirmado ordens de extradição, mataram testemunhas que haviam deposto nos Estados Unidos contra Lehder Rivas, liquidaram em Dezembro, um jornalista colombiano conhecido pela sua oposição ao tráfico de droga e em Janeiro tentaram eliminar o homem que há dois anos assinou a ordem de extradição de Rivas: o antigo ministro da Justiça, Enrique Parejo Gonzalez, que foi transferido para a embaixada da Colômbia em Budapeste, por razões de segurança, mas que acabou por ser baleado na capital húngara. Atingido com quatro tiros no peito, Parejo Gonzalez conseguiu, contudo, sobreviver ao atentado.

Patrões do tráfico

A Colômbia e os Estados Unidos assinaram o tratado de extradição em 1982, mas até à primeira semana de Fevereiro nenhum grande traficante tinha ainda sentido os seus efeitos. Dos 100 em agenda, apenas 13 tinham sido enviados para os EUA, e estes não passavam de peixe miúdo.

Elementos da Divisão norte-americana de Combate á Droga começaram no início do ano a estudar a operação contra Lehder Rivas em colaboração com as autoridades colombianas. Para que tal fosse possível, estas tiveram que afastar de Medellín 331 polícias e magistrados corruptos. No entanto, especula-se no meio da droga que Rivas apenas foi preso devido a informações prestadas à polícia por um dos seus parceiros na chefia do cartel de tráfico sediado em Medellín.

O traficante agora preso partilhava com outros cinco homens a chefia de uma organização que afirma ser capaz de fornecer 80 por cento da cocaína consumida no mundo.



Carlos Lehder Rivas

Sabe-se que o grupo tem um rendimento anual de biliões de dólares provenientes da venda de cerca de 15 toneladas de cocaína por mês, destinadas ao mercado norte-americano e europeu.

Nos últimos três anos, o consumo de «coca» nos States aumentou 50 por cento e estatísticas recentemente divulgadas indicam que seis milhões de norte-americanos são seus consumidores habituais. Os números decerto não passavam despercebidos a Lehder Rivas, que descreveu a cocaína como a «bomba atómica latino-americana» apontada aos Estados Unidos. Neste sentido, apresentava-se a si próprio como um general da luta contra o imperialismo norte-americano, ao mesmo tempo que não escondia a sua admiração por Adolf Hitler.

Agora, Lehder Rivas arrisca-se a passar o resto da sua vida na cadeia. No Tribunal em que compareceu no dia da sua detenção, a acusação foi clara: o detido é acusado do transporte, em 1981, de três toneladas de cocaína da Colômbia para a Flórida e Geórgia. A pena em que incorre vai de dez a 30 anos de prisão.

A nova moeda

Não é a primeira vez que o rei da «coca» se encontra preso nos Estados Unidos. Em 1973 foi julgado em Miami por ter sido apanhado com alguns quilos de marijuana. Cumpriu metade de uma sentença de quatro anos de prisão, tendo sido repatriado para a Colômbia em 1975. Foi então que começou a sua ascensão no mundo do tráfico, com os primeiros milhões por ele recebidos a serem investidos em símbolos de riqueza: inúmeras mansões e carros, ranchos de criação de gado, aviões particulares, e um enorme complexo numa ilha privada das Bahamas, Norman s Cay...

Lehdar Rivas tem à mão, como referimos atrás, uma interpretação «política» para a sua actividade: a cocaína enquanto «arma contra o imperialismo». Apesar de sofrer do espalhafato que é próprio deste traficante, a afirmação não deixa de sugerir um outro mundo por detrás da rede internacional de tráfico. Alimento milenário dos índios dos Andes, a «coca» é hoje, por exemplo, a principal fonte de subsistência dos camponeses bolivianos, que são a maioria da população do país. Estes têm agora em comum com os «dealers» o facto de apostarem no aumento do consumo do produto nos países ricos. A «moral» impede a defesa aberta do tráfico por parte de organizações políticas, mas a verdade é que a situação criada não lhes permite também ter voz activa contra a distribuição da «coca», que não está longe de ser apresentada por alguns como uma solução do tipo: «os ricos que paguem a crise...».

Clara Viana

Mensagens Pessoais

Bicicleta de ginástica

Compro máquina de ginástica («bicicleta sem rodas»), usada, bom preço. Telefone Carlos 9881950

Idosos ou crianças

Prepar. de idosos mesmo acamados, de manhã e 19h. Dietas. Técnicas de enfermagem. Recuperação. Crianças, assist. ausência pais. **Guarde esta mensagem.** Maria A.A. Rodrigues, Apart. 1333 — 1009 LISBOA-Codex

Excursão à URSS

Grupo Excursionista «Leziria I» — Assegurado itinerário: — Moscovo Novosibirsk, Irkutsk (lago Baikal), Tachkent, Alma-Ata. Part. 31 de Julho — Regr. 13 Agosto. Condições especiais. Dispomos de seis lugares vagos. Contactar Flávia, tel. 063--22871.

Artesanato minhoto

Fato de minhota para menina de 8-10 anos, novo, completo. Colcha de linho para cama de casal. Vende-se. Telef. 641414.

Guarda-fatos

Vendo barato guarda-fatos de casal com bom espelho impecável com apenas alguns meses de uso. 6 cadeiras estofadas novas, em madeira de castanho, clara. 2 antenas interiores de TV. Tel. 898336.

Explicações

Universitária dá explicações. Preço acessível. Telefone para: 883689.

Professor

Professor, 33 anos, colocado na Amadora, com carta de condução pretende boleia às 6.ªs-feiras a partir das 13 horas para Coimbra e regresso domingos à tarde. Contactar com:
Manuel Barbosa
Av. Dr. José Pontes, 39-4.º-Esq.
2700 Amadora
Tel. 494 50 61 — à noite

«A fonte de Madalena»

De Rogério Gonçalo. Um livro diferente. Ficção sobre memórias 1921/44. Os problemas da Humanidade. Record. Alentejo, Alto Douro, Lisboa, Moçambique. Nas principais livrarias — Ver R. Augusta, 44. Pessoalmente com dedicatória. Contacte Apartado 1333 — 1009 LISBOA--Codex.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.